

# CULTURA WOKE: ORIGEM, FONTES TEÓRICO- FILOSÓFICAS E SEU VIÉS GNÓSTICO

**Cláudio Gonçalves Pacheco**



rfb  
editora

**CULTURA WOKE: ORIGEM, FONTES  
TEÓRICO-FILOSÓFICAS E SEU VIÉS  
GNÓSTICO**

---

Todo o conteúdo apresentado neste livro é de responsabilidade do(s) autor(es).

Esta publicação está licenciada sob [CC BY-NC-ND 4.0](https://creativecommons.org/licenses/by-nc-nd/4.0/)

## **Conselho Editorial**

Prof. Dr. Ednilson Sergio Ramalho de Souza - UFOPA  
(Editor-Chefe)

Prof. Dr. Laecio Nobre de Macedo-UFMA

Prof. Dr. Aldrin Vianna de Santana-UNIFAP

Prof.<sup>a</sup>. Dr.<sup>a</sup>. Raquel Silvano Almeida-Unespar

Prof. Dr. Carlos Erick Brito de Sousa-UFMA

Prof.<sup>a</sup>. Dr.<sup>a</sup>. Ilka Kassandra Pereira Belfort-Faculdade Laboro

Prof.<sup>a</sup>. Dr. Renata Cristina Lopes Andrade-FURG

Prof. Dr. Elias Rocha Gonçalves-IFF

Prof. Dr. Clézio dos Santos-UFRRJ

Prof. Dr. Rodrigo Luiz Fabri-UFJF

Prof. Dr. Manoel dos Santos Costa-IEMA

Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup>. Isabella Macário Ferro Cavalcanti-UFPE

Prof. Dr. Rodolfo Maduro Almeida-UFOPA

Prof. Dr. Deivid Alex dos Santos-UEL

Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup>. Maria de Fatima Vilhena da Silva-UFPA

Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup>. Dayse Marinho Martins-IEMA

Prof. Dr. Daniel Tarciso Martins Pereira-UFAM

Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup>. Elane da Silva Barbosa-UERN

Prof. Dr. Piter Anderson Severino de Jesus-Université Aix Marseille

Nossa missão é a difusão do conhecimento gerado no âmbito acadêmico por meio da organização e da publicação de livros científicos de fácil acesso, de baixo custo financeiro e de alta qualidade!

Nossa inspiração é acreditar que a ampla divulgação do conhecimento científico pode mudar para melhor o mundo em que vivemos!

Equipe RFB Editora

Cláudio Gonçalves Pacheco

Professor efetivo da Universidade Estadual de Goiás, na Unidade Universitária Palmeiras de Goiás, e Auditor Fiscal de Receitas Estaduais do Estado de Goiás

# CULTURA WOKE: ORIGEM, FONTES TEÓRICO-FILOSÓFICAS E SEU VIÉS GNÓSTICO

1ª Edição

Belém-PA  
RFB Editora  
2024

---

© 2024 Edição brasileira  
by RFB Editora  
© 2024 Texto  
by Autor  
Todos os direitos reservados

RFB Editora  
CNPJ: 39.242.488/0001-07  
91985661194  
www.rfbeditora.com  
adm@rfbeditora.com  
Tv. Quintino Bocaiúva, 2301, Sala 713, Batista Campos, Belém - PA, CEP: 66045-315

**Editor-Chefe**

Prof. Dr. Ednilson Ramalho

**Diagramação e capa**

Worges Editoração

**Revisão de texto**

Autor

**Bibliotecária**

Janaina Karina Alves Trigo Ramos-CRB  
8/9166

**Produtor editorial**

Nazareno Da Luz

**Catálogo na publicação**  
**Elaborada por Bibliotecária Janaina Ramos – CRB-8/9166**

P116c

Pacheco, Cláudio Gonçalves

Cultura Woke: origem, fontes teórico-filosóficas e seu viés gnóstico / Cláudio  
Gonçalves Pacheco. – Belém: RFB, 2024.

Livro em PDF

82p.

ISBN 978-65-5889-712-5

DOI 10.46898/rfb.406bbf33-41bd-4055-98cb-611db9baf489

1. Movimentos culturais e sociais. I. Pacheco, Cláudio Gonçalves. II. Título.

CDD 306.4

Índice para catálogo sistemático

I. Movimentos culturais e sociais

# SUMÁRIO

<b>CAPÍTULO 1</b>	
<b>INTRODUÇÃO</b> .....	<b>7</b>
<b>CAPÍTULO 2</b>	
<b>ORIGEM DO MOVIMENTO WOKE</b> .....	<b>15</b>
<b>CAPÍTULO 3</b>	
<b>FONTES TEÓRICO-FILOSÓFICAS E GNOSIOLÓGICA QUE BUSCAM EXPLICAR O FENÔMENO WOKE</b> .....	<b>19</b>
3.1 O woke como um caso decorrente da desordem familiar .....	20
3.2 O movimento woke como expressão do eu psicológico revolucionário.....	21
3.3 O fenômeno woke como uma manifestação gnosiológica .....	23
3.4 O fomento da cultura woke pelas diretrizes da ONU .....	28
3.5 O fenômeno woke como uma nova religião.....	31
3.6 O woke como um movimento revolucionário do marxismo cultural.....	33
<b>CAPÍTULO 4</b>	
<b>PRINCIPAIS PAUTAS SOCIOECONÔMICAS E POLÍTICO-CULTURAIS ENCAMPADAS PELO MOVIMENTO WOKE</b> .....	<b>35</b>
4.1 O racismo.....	36
4.2 A inclusão do ativismo LGBTQ+ e de questões de gênero no movimento woke.....	45
4.3 O movimento woke e sua pauta em defesa do feminismo interseccional.....	49
<b>CAPÍTULO 5</b>	
<b>REPERCUSSÕES NEGATIVAS ATRIBUÍDAS AO MOVIMENTO WOKE</b> .....	<b>53</b>
5.1 Influência da cultura woke no meio acadêmico e educacional como um todo.....	54
5.2 O vitimismo em colisão com a valorização do mérito .....	58
5.3 Consequências da rápida expansão do movimento woke .....	65
5.4 O sequestro do movimento woke pela política progressista .....	70
<b>CAPÍTULO 6</b>	
<b>CONCLUSÃO</b> .....	<b>73</b>
<b>REFERENCIAL BIBLIOGRÁFICO</b> .....	<b>76</b>



# CAPÍTULO 1

---

## INTRODUÇÃO

Visando entender os motivos da enorme ascensão e expansão do fenômeno woke, buscou-se investigar sua origem, seus fundamentos e as razões de sua onipresença em diferentes espectros do saber humano e de alcance em diferentes campos de nossa vida social. O quipã intelectual insistente despertou o anseio quase obsessivo para discorrer sobre esse tão intrigante tema, que consumiram horas, dias e até meses na leitura e análise de vários estudiosos, como sociólogos, psicólogos, pensadores que já trataram deste assunto, para que se permitisse conhecê-lo em sua perspectiva holística e também com lentes que pudessem precisar as minúcias. Os esforços não foram em vão, mas, dada a natureza do tema, jamais se teve a presunção de esgotá-lo.

Fruto dessa inquietação teimosa e da insaciável vontade de melhor conhecer o mote da agitação social provocada pelo fenômeno woke, logo nas primeiras prospecções literárias coligidas, constatou-se que, com o surgimento das redes sociais no apagar das luzes do século XX e seu extraordinário crescimento no início do século XXI, sobrevieram também as transformações significativas relacionadas de como as pessoas passaram a se comunicar e compartilhar seus sentimentos, desejos, anseios e perturbações ordinárias da alma humana. Em face desse aumento exponencial da interconectividade digital entre as pessoas, nessa nova ágora virtual, o movimento woke encontrou terreno fértil nas plataformas digitais para amplificar seus ideais, possibilitando que seus valores fossem difundidos e ganhassem repercussões em toda a parte do globo. Essa difusão de seus princípios inevitavelmente apequenou a liberdade de expressão, já que as vozes discordantes da narrativa woke são censuradas e canceladas do debate.

A mídia social possibilitou a arena ideal para que a cultura woke difundisse o seu combate às injustiças sociais. *Hashtags* como #BlackLivesMatter e #MeToo disseminaram como um rastilho de pólvora, dando a conhecer as suas manifestações de repúdio às discriminações negativas sistêmicas, sensibilizando e atraindo para sua causa o público em geral, como as mídias tradicionais, ganhando apoio também nos meios universitários, na esfera privada e nos órgãos governamentais nacionais e internacionais. Obviamente, toda essa repercussão e conquistas não vieram sem causar questionamentos e polêmicas em torno de seus propósitos nem sempre alvissareiros, haja vista que uma de suas primeiras vítimas é a própria liberdade de expressão, que outrora os vitimizados do woke tiveram os seus prantos emudecidos pela ausência deste áureo princípio e agora são os seus detratores e censores da liberdade de manifestação.

As poderosas plataformas de mídia social como o Facebook, Twitter (hoje, rede social X) e YouTube, em nome de coibir os discursos de ódio e a desinformação nas redes,

criam políticas e diretrizes rigorosas que, não raras vezes, acendem os sinais vermelhos da censura e da proibição da liberdade de expressão.

Uma prática emblemática usada pelos adeptos do movimento woke, que atenta contra a liberdade de expressão e a livre manifestação do pensamento e de ideias, trata-se da denominada “cultura do cancelamento”. Essa forma de atuar da cultura woke consiste em relegar ao ostracismo social e profissional as pessoas e as organizações que não se adequem aos seus princípios, provocando o banimento e provocações coordenadas a todos aqueles que não se sujeitam às suas pautas.

Em nosso ordenamento pátrio tem disposições legais de responsabilização para quem posta discurso odioso e de discriminação negativa que, se da postagem houver crime de infâmia, difamação ou calúnia, todo aquele que vier a ser vítima desses crimes pode denunciar o agressor por um desses condenáveis desvios de comportamento. Assim, as redes sociais não é um espaço sem leis, pois todos aqueles que desrespeitarem os limites impostos pela lei estarão sujeitos às imputações legais cabíveis, não encontrando na prática do cancelamento cultural justificativas quando abusivas e que soa mais como uma inegável censura que coarcta a liberdade de expressão e a livre manifestação de pensamento.

Desse modo, encontrar o ponto de equilíbrio entre a mídia social, a cultura woke e a liberdade de expressão consistirá num desafio a ser enfrentado nas relações interpessoais do século XXI. De forma análoga ao pensamento de Immanuel Kant, a instituição, o órgão ou movimento cultural, que não admitem críticas, não são dignos de sincera estima, visto que não suportam o exame livre e público<sup>1</sup>.

As redes sociais vêm sendo utilizadas como um facilitador para um contato direto entre diferentes pessoas de sorte a poderem expressar as legítimas experiências das minorias, vítimas históricas do racismo, da injustiça social, onde possam narrar ao vivo suas dores, as quais muitas vezes ignoradas pelas instituições públicas ou privadas tradicionais. Esse contato direto com público do mundo inteiro possibilitou que as vozes historicamente negligenciadas do *mainstream*<sup>2</sup> fossem ouvidas, contribuindo decisivamente para que o termo woke ganhasse a musculatura teórica que ora alcançou na contemporaneidade.

A despeito de todo esse sucesso de ampla divulgação nas redes sociais, fato é que toda esta ampla disseminação de seus ideais não implicou só em perspectivas positivas, mas um palco como as redes sociais, onde inúmeras experiências individuais são publicizadas em profusão estonteante, acarreta a perda de uma visão do todo, que dificulta

1 OS PENSADORES: *História das grandes ideias do mundo ocidental - Manuscrito de Kant; Biblioteca Nac. Braidense*. Vol. II - São Paulo: Editora Abril Cultural, 1972, p. 503.

2 *Mainstream*: adj. corrente em voga, tendência atual. (Cf. Michaelis: moderno dicionário inglês-português, português-inglês. - São Paulo: Companhia Melhoramentos, 2000, p. 405).

reunir uma posição clara e definida do real conceito do termo o woke que abarque o maior número de insatisfação social. Outra externalidade negativa, já citada acima, apontada por muitos críticos refere-se à cultura do cancelamento, como ferramenta de luta associada ao movimento woke, onde pessoas e instituições são denunciadas com práticas político-sociais contrárias à pauta woke e, como forma de retaliação, são ostracizadas<sup>3</sup>.

O filósofo e ensaísta francês, Jean-François Braunstein, no início da introdução de seu livro “La religion woke”, observa que na loucura hodierna que se tornou a “cultura” woke encontram-se as surpreendentes e absurdas afirmações de que os “Homens estão grávidos”, “mulheres têm pênis”, “mulheres trans são mulheres”, “todos os brancos são racistas”, “todos os negros são vítimas”, “se você diz que não é racista, você é”, “a biologia é virilista”, “a matemática é racista”, “Churchill é racista”, “Schoelcher é um proprietário de escravos”, etc. Essas sentenças integram a base do pensamento woke que almeja ditar o comportamento e a forma de pensar das pessoas nas sociedades ocidentais. Essas assertivas brotam de teorias que estruturam o modo de ser woke, tais como a “teoria de gênero”, a “teoria crítica da raça” ou a “teoria interseccional”, as quais têm se revelado algo próximo de um evangelho que vicejam no seio das universidades do Ocidente.<sup>4</sup>

O pensamento woke sustenta a tese que o gênero consiste numa “opção” e o que tem importância é a consciência da pessoa em se sentir como homem ou mulher ou qualquer outra forma de ser. O culto à raça, que se supunha superado pelos avanços ético-morais da humanidade nesta questão, logo agora quando a cultura e os últimos estudos científicos, no pós Segunda Guerra Mundial, colocaram de lado essas absurdas e insustentáveis teorias da raça humana, volta à tona e em alto estilo no wokeísmo, como sendo condição de existência na sociedade e, na perspectiva do movimento, os brancos são por definição racistas, todavia, os “racializados” estão salvaguardados da pecha de racistas. Quanto à interseccionalidade, esta serve como um paradigma para classificar todas as identidades de pessoas que são vítimas das injustiças sistêmicas, as quais devem estar em permanente luta contra todos os responsáveis por discriminalizá-las.<sup>5</sup>

Parece que tudo está sistematizado e esquematizado no pensamento woke, como denuncia Braunstein:

[...] o homem branco ocidental, heterossexual, por definição sexista, racista e colonialista, é o “bode expiatório perfeito”. Quem não aceita essas teorias wokeísta é denunciado nas redes sociais e, se possível, afastado de seus empregos, seja na universidade ou fora dela. A mídia, assim como boa parte dos políticos, abraçam

<sup>3</sup> Vivek RAMASWAMY. *Nation of Victims: Identity Politics, the Death of Merit, and the Path Back to Excellence*. Center Street. Edição do Kindle, 2023, p. 45-52.

<sup>4</sup> Jean-François BRAUNSTEIN. *La religión Woke* (Spanish Edition) (p. 6). La esfera de los Libros, S.L.. Edição do Kindle, p. 6.

<sup>5</sup> *Ibid.*, p. 6.

essas teorias com entusiasmo e o que começou como uma simples curiosidade americana rapidamente se tornou o discurso oficial das nossas elites.<sup>6</sup>

Seria um alívio pensar que essa cultura woke das elites ocidentais estivesse restrita aos cursos de letras e humanas, embora a influência nesses cursos tenha sido mitigada nos EUA e na Europa, disseminando-se em pleno vigor nos cursos de ciências e medicina, nestas regiões do hemisfério norte. No Brasil, essa pandemia woke está em pleno vigor em todos os cursos<sup>7</sup>. O wokeísmo já transcendeu as fronteiras das universidades na França e nos Estados Unidos, estando presente no ensino primário e colegial, graças às ideologias de gênero e da teoria crítica racial, observa Jean-François Braunstein.<sup>8</sup>

Os professores, adeptos do movimento woke, são ativistas empolgados, pretendem construir uma nova engenharia social, para tanto doutrinam as crianças, sem o consentimento dos pais, alegando que o gênero é uma escolha pessoal de cada um e que a compleição física é um mero detalhe e que não deve ser levado em consideração na sua opção de gênero. Ensinam também aos alunos brancos se sentirem culpados pela sua cor, sendo necessariamente racista e os racializados vítimas automáticas suas.<sup>9</sup>

O que se desponta dessa irracionalidade generalizada devastadora, que acaba com tudo por onde passa, é que, por mais bestial que seja, não é prudente desconsiderar o seu poder de destruição e procurar compreender as causas de sua vertiginosa disseminação e que persistirá se popularizando, caso não se façam debates, estudos e pesquisas com todas as pessoas interessadas a não serem vítimas fáceis das teses distópicas do que se tornou o movimento woke e que ainda, por mais extravagantes que sejam, suas ideias vão continuar crescendo por um bom tempo.

Jean-François Braunstein, como muita lucidez, observa que, por mais que seja hilária a forma como dois dos maiores críticos da cultura woke a definem, como Douglas Murray que a denomina como loucura coletiva e Gad Saad que a conceitua como “síndrome parasitária de avestruz (OPS)”, “psicose partilhada”, ainda que possam ser descrições válidas, não produziram resultados convincentes para explicar como as teorias woke encontraram terreno fértil nas universidades para se desenvolverem, sobretudo se se levar em conta que os acadêmicos são pessoas que cultuam a liberdade de pensamento e são educados a terem um senso crítico a ponto de admitirem a ideia de gênero apartado do corpo ou aceitarem a concepção de raça depois de tantas conquistas científicas acerca da espécie humana. Embora, reconheça-se que ideias estapafúrdias, que ofendem o bom senso,

<sup>6</sup> Jean-François BRAUNSTEIN. *La religión Woke* (Spanish Edition) (p. 6). La esfera de los Libros, S.L.. Edição do Kindle, p. 6-7.

<sup>7</sup> Gustavo CASTAÑON: *Universidade pública: Os wokes e o complexo de Sherazade*. Disponível em: <https://www.gazetadopovo.com.br/opiniao/artigos/os-wokes-e-o-complexo-de-sherazade/?#success=true>. Acesso em 07 FEV.2024.

<sup>8</sup> Jean-François BRAUNSTEIN. *La religión Woke* (Spanish Edition) (p. 6). La esfera de los Libros, S.L.. Edição do Kindle, p. 7.

<sup>9</sup> *Ibid.*, p. 7.

tem uma mística profunda e elitista que exerce um forte poder de atração, que, não raras vezes, “... as ideias mais malucas são as mais influentes”<sup>10</sup>

A ideologia woke não é um modismo passageiro, que não deve ser subestimado seu real poder para destruir todas as admiráveis conquistas que a humanidade construiu ao longo de milênios, como a paz, a liberdade, a lei, a civilidade, o espírito público, o direito à propriedade, a coesão familiar, tudo o que depende da cooperação de todas as pessoas para manterem-se de pé, visto que não podem ser garantidas isoladamente<sup>11</sup>.

Há militantes alucinados com a causa. Não são meros acadêmicos, mas são soldados aguerridos a serviço de um ideal que dá sentido e significado às suas razões de existirem. Como podem professores e estudantes universitários, que dedicaram suas vidas no estudo do pensamento grego e simplesmente passam alegar que esses valores são criações da supremacia branca virilistas? Ou então, docentes e discentes, pesquisadores profundos da lógica, da matemática, passam a considerá-los discriminatórios e deixam facilmente suas convicções científicas de lado para abraçarem o culto ao wokeísmo? Brausntein salienta que os wokeístas negam a ciência, desconsideram a linguagem comum e se opõem ao fato de existir uma realidade compartilhada. Em arremate, observa que a cultura woke “... não se trata simplesmente de uma nova ideologia, mas de um novo credo, de uma nova religião.”<sup>12</sup>

Ed West observa que o ponto pé inicial para Revolução Woke não aconteceu com “Black Lives Matter” (BLM), mas com a admissão da China na Organização Mundial do Comércio, no governo de Bill Clinton, em 11 de dezembro de 2001. Esse acordo, na realidade, significou a transferência de muitas indústrias norte-americanas para solo chinês, visando maiores lucros com a diminuição dos custos com mão de obra mais barata e com subsídios governamentais estrangeiros e outras benesses fiscais. Essa transferência da base manufatureira norte-americana aumentou a riqueza dos já ricos, mas causou desemprego a muitos desesperados americanos.<sup>13</sup>

Em 2007, com o lançamento do primeiro iPhone, possibilitou que muitos americanos da classe alta pudessem expressar sua intolerância com as pessoas que tivessem ideias divergentes da suas, que passaram também a ser fabricados na China. West sustenta que é impensável a revolução woke acontecer sem surgimento dos smartphones, algo comparável ao primeiro cisma cristão da Reforma Protestante sem a invenção da prensa móvel de Gutenberg, no século XVI.<sup>14</sup>

10 Jean-François BRAUNSTEIN. **La religión Woke** (Spanish Edition). La esfera de los Libros, S.L.. Edição do Kindle, p. 8-9.

11 Roger SCRUTON. **Como ser um conservador** (Portuguese Edition). Record. Edição do Kindle, p. 7-8.

12 Jean-François BRAUNSTEIN. **La religión Woke** (Spanish Edition). La esfera de los Libros, S.L.. Edição do Kindle, p. 14-16.

13 Ed. WEST; MIGUEL, Felipe (org). **Como o Acordo Comercial com a China Levou à Revolução Woke - Vinte anos depois, quem são os grandes vencedores da globalização?** Trad. Felipe Miguel. 1.ª Ed. - Editora Descobrir, MG, 2022, p. 89-96.

14 Ed. WEST; MIGUEL, Felipe (org). **Como o Acordo Comercial com a China Levou à Revolução Woke - Vinte anos depois, quem são os grandes vencedores da globalização?** Trad. Felipe Miguel. 1.ª Ed. - Editora Descobrir, MG, 2022, p. 89-96.

Digno de nota é a postura cínica e financeiramente interesseiras de empresas como a Apple, Nike e outras empresas multinacionais, simpáticas, ativistas e doadoras de verbas à causa e às pautas do movimento woke, nos países de democracias sadias, mas escancaradamente covardes e traidoras às pautas progressistas quando em solo Chinês, pois se negam colocarem os *slogan* woke em seus produto para não desagradar o governo. São wokeístas por conveniência financeira.<sup>15</sup>

É isto que causa mais perplexidade pela atitude contraditória e paradoxal dos ativistas woke, pois justamente a cultura ocidental, pela sua liberdade de expressão, liberdade de pensamento e ideias, onde tem plena liberdade para manifestarem as mais infantis microagressões, é a cultura que querem destruir. Já nos ambientes antidemocráticos, os ativistas se portam como anões morais.

No próximo capítulo, disserta-se sobre a origem imediata da cultura woke, vez que as reflexões mais profundas em relação às fontes teórico-filosóficas e gnosiológica que procuram explicar o seu fenômeno, são tratadas no capítulo 3, para nos capítulos subsequentes discorrer sobre suas principais bandeiras e suas influências, no mínimo, levianas para buscar a paz, o progresso e a homeostase social.

<sup>15</sup> Ed. WEST; MIGUEL, Felipe (org). **Como o Acordo Comercial com a China Levou à Revolução Woke - Vinte anos depois, quem são os grandes vencedores da globalização?** Trad. Felipe Miguel. 1.ª Ed. - Editora Descobrir, MG, 2022, p. 89-96.



# **CAPÍTULO 2**

---

## **ORIGEM DO MOVIMENTO WOKE**

Antes de se adentrar no estudo do movimento woke, faz-se necessário definir o vocábulo “woke”. A palavra “woke” decorre de uma variação de “awake”, adjetivo que significa acordado, desperto etc.<sup>1</sup> Literalmente, “woke” é uma palavra de origem afro-americana que significa “acordado” ou “alerta”. Numa acepção lata, o termo “woke” tornou-se mundialmente conhecido como uma expressão para denotar uma disposição de espírito voltada a estar consciente ou alerta em relação às questões de injustiça social ou racial. Uma sentinela de vigília constante que alerta para todo tipo de opressão, sobretudo a opressão racial. A onda “woke” incita a todos para que reconheça e resista aos sistemas e práticas de discriminação negativa que voluntária ou involuntariamente subsistem nos diferentes aspectos da vida social, política e econômica.<sup>2</sup>

No dicionário Collins, tem-se que “woke” é “alguém muito consciente de injustiças políticas e sociais.” Jean-François Braunstein observa que, em 2017, a *Oxford English Dictionary* adotou o termo woke e o definiu da forma que segue: “Originalmente: bem informado, atualizado. Atualmente, principalmente: atentos à discriminação e à injustiça racial ou social; “Muitas vezes aparece na expressão ‘fique acordado’”.<sup>3</sup> Assim, o vocábulo woke deriva da gíria afro-americana “stay-Woke”, que evoca um estado de consciência crítica a ficar desperto ou acordado em relação às injustiças sociais enfrentadas por pessoas negras.

Há quem observa que o termo passou a ser usado nos idos de 1930, exortando os afros-americanos a ficarem alerta em relação às discriminações raciais e injustiças socioeconômicas infligidas à comunidade negra norte-americana.<sup>4</sup> Outras fontes observam que, muito antes de ser considerado no principal ativismo sócio-político e cultural moderno, a expressão “woke” era utilizada no dialeto afro-americano, denominado como AAVE (African American Vernacular English), para descrever um estado de consciência acerca das questões de discriminação racial. Cogita-se que a expressão “Stay Woke” (Permaneça acordado) veio à tona nos idos de 1960 e 1970, quando dos movimentos dos direitos civis nos EUA, como sendo uma forma de conclamar as pessoas a estarem vigilantes às injustiças.<sup>5</sup>

O termo passou a ter ampla notoriedade com as plataformas de música e mídia social. Credita-se à música “Master Teacher” de Erykah Badu, em 2008, como uma das primeiras referências ao termo, ao cantar “I stay Woke”. Desde então, o termo vem sendo

1 Felipe MIGUEL (organizador). *A revolução Woke: Origens e Consequências*. Trad. Felipe Miguel. 1.ª Ed. - Editora Descobrir, MG, 2022, p. 8.

2 Jean-François BRAUNSTEIN. *La religión Woke* (Spanish Edition). La esfera de los Libros, S.L.. Edição do Kindle, p. 21-22.

3 Ibid., p. 23-4.

4 Felipe MIGUEL (organizador). *A revolução Woke: Origens e Consequências*. Trad. Felipe Miguel. 1.ª Ed. - Editora Descobrir, MG, 2022, p. 8.

5 André Gonçalves FERNANDES: *O Admirável Mundo Novo do globalismo e do identitarismo*. Disponível em: <https://www.gazetadopovo.com.br/opiniaio/artigos/admiravel-mundo-novo-globalismo-identitarismo/?ref=busca>. Acesso em 14 Jan.2024.

utilizado e popularizado nas redes sociais, sobretudo no Twitter, atual plataforma de rede social X, onde a *hashtag* #stayWoke passa a ser relacionada com questões de justiça social e, pejorativamente, denotado como um ser politicamente correto.<sup>6</sup>

Em sua forma genuína, a cultura woke propugna por uma postura ativa em face da discriminação racial e a injusta estrutura social. Todavia, atualmente, o movimento woke tem abarcado outras demandas de insatisfação e inquietação social que acaba por obscurecer a legítima luta pelos direitos civis dos afro-americanos na busca por tratamento isonômico e por justiça. Também, hodiernamente, a popularidade do termo “woke” se deve aos artistas de *hip-hop* e poetas que o divulgaram na metade da década de 2000 em diante, todavia, seu uso e significado vêm de longa data e de um processo bem mais complexo, que decorreu desde o movimento de direitos civis, denominado “Black Power”, ocorrido nas décadas de 1960 e 1970, exortando às pessoas por uma consciência política ativa.<sup>7</sup>

O termo teve projeção renovada com o movimento “Black Lives Matter” (BLM), iniciado em 2013, logo após a absolvição do policial, George Zimmerman, que matou Trayvon Martin.<sup>8</sup> Os organizadores, apoiadores e simpatizantes do movimento aproveitaram do termo “woke” para sensibilizar a opinião pública contra a truculência da abordagem policial para com os afro-americanos. Também pegou carona no movimento, o repúdio à desigualdade social, preconceito e a luta pelos direitos civis. Alicia Garza redigiu uma carta de amor em exortação a comunidade negra norte-americana e a postou no Facebook, logo após a absolvição de George Zimmerman, externando seu pesar e indignação com a injustiça racial. Em seguida, Patrisse Cullors, amiga de Alicia, repostou a carta dela nas *hashtag* #BlackLivesMatter. Outra amiga de ambas, Opal Tometi, fez o registro de domínio e as contas nas Internet. A partir de então, surgiu o *slogan* do movimento BLM e, em 2020, o movimento ganhou notoriedade mundial.<sup>9</sup>

O movimento afro-americano denominado “Black Lives Matter” (BLM), ao adotar o termo woke em sua proposta de contestação social, passou a atuar como uma referência de resistência e denúncia de toda e qualquer forma de discriminação racial infligidos aos afro-americanos, jogando luz sobre questões de racismo sistêmico, tais como a brutalidade policial e desigualdades socioeconômicas sofridas pela comunidade negra.

6 Gabriel de Arruda CASTRO: “Como a “cultura woke” pode ajudar a reeleger Donald Trump”. Disponível em: <https://www.gazetadopovo.com.br/opiniaio/artigos/como-a-cultura-woke-pode-ajudar-a-reeleger-donald-trump/?ref=busca>. Acesso em 05 Fev.2024.

7 Paulo CRUZ: **Thomas Merton, a luta antirracista e o dever cristão**. Disponível em: <https://www.gazetadopovo.com.br/vozes/paulo-cruz/thomas-merton-a-luta-antirracista-e-o-dever-cristao/?ref=busca>. Acesso em 14 Jan.2024.

8 Felipe Miguel, na introdução da obra “A revolução Woke: Origens e Consequências.”, observa que o termo woke foi recuperado com o movimento *Black Lives Matter*, o qual originou em repúdio ao assassinato de Michael Brown pela polícia Ferguson, no Missouri, em 2014. (Cf. Felipe MIGUEL (organizador). **A revolução Woke: Origens e Consequências**. Trad. Felipe Miguel. 1.ª Ed. - Editora Descobrir, MG, 2022, p. 8.)

9 Tom Slater: **Como o Black Lives Matter se tornou um grande negócio**. Disponível em: <https://revistaoeste.com/revista/edicao-109/como-o-black-lives-matter-se-tornou-um-grande-negocio/>. Acesso em 28 Jan.2024.

Esse reforço ou amplificação da cultura woke, catapultado pelo BLM, é observado pelo engajamento de celebridades da música, do esporte e da cultura de modo geral, bem como de políticos, na defesa da causa do movimento, influenciando pessoas comuns a também se alinharem com as discriminações raciais sistêmicas, dando popularidade à expressão e o desenvolvimento de uma filosofia woke que aglutinou não só as questões de injustiças sociais contra os afro-americanos, mas também as discriminações sofridas pelas diversas minorias sociais.

Essa amplificação do movimento woke em relação a outras contestações das estruturas sociais vigentes, se por um lado reuniu todas as vítimas das injustiças sociais, contra as desigualdades socioeconômicas persistentes, aumentando a consciência crítica das pessoas e uma ativismo racial sempre alerta, por outro lado trouxe consigo externalidades negativas, como a tribalização em detrimento das singularidades pessoais, o vitimismo, a cultura do cancelamento e a simplificação em relação às questões sociais complexas de nós contra eles, bem como a falsidade e insensibilidades de certos grupos que se aproveitam do movimento em benefício próprio.

Tendo em vista a forma abusiva e inflacionária, que o termo tem sido usado, oportuniza discussões controvertidas a respeito do movimento. Há quem<sup>10</sup> diz que o “woke” vem se distanciando de sua proposta inicial e se resvalando para sua banalização em detrimento de sua significativa importância para o crescimento ético-moral da humanidade como um todo. Essa vulgarização por parte de certo grupos sociais do movimento aproxima perigosamente de postura de superioridade moral e se tornando um grupo social progressista elitista. Embora haja toda essa celeuma em torno do movimento “woke”, reconhece-se a sua enorme contribuição em relação a exortar as pessoas a estarem sempre vigilantes e terem uma postura de repúdio em relação às injustiças sociais e raciais.

No capítulo que segue, levantam-se as fontes teórico-filosóficas que possivelmente fundamentam ou tentam esclarecer o movimento woke, ou então, apenas se trata de um movimento que não passa de outra manifestação gnóstica, dentre tantas outras que existiram e outras que ainda existem; aquelas fontes buscando legitimá-lo; esta manifestação despindo-o de qualquer rigor científico.

<sup>10</sup> Brendan O'Neill: **A bandeira LGBTQIA+ se tornou um símbolo woke**. Disponível em: <https://revistaeste.com/revista/edicao-122/a-bandeira-lgbtqia-se-tornou-um-simbolo-woke/>. Acesso em 28 jan.2024.

# **CAPÍTULO 3**

---

**FONTES TEÓRICO-FILOSÓFICAS E GNOSIOLÓGICA  
QUE BUSCAM EXPLICAR O FENÔMENO WOKE**

O movimento woke tem sido alvo de críticas por se encontrar envolto a controvérsias e contradições. Para muitos defensores, o movimento woke tem uma proposta de combate intransigente em relação às injustiças sociais, contudo, há outras vozes que, a despeito do woke buscar a isonomia social e objetivar a inclusão dos marginalizados da sociedade, veem na onda woke uma postura extremista contrária às suas próprias pautas inclusivas, que, em realidade, mais contribui para o acirramento das divisões, seja por sua radical postura de cancelamento de cultura, seja por seu modo tribal de nós contra eles. Dessa forma, evidencia-se em atitude reacionária que impede, obstaculiza o debate livre de ideias, sem preconceitos, o que é altamente prejudicial para a liberdade de pensamento, dada a implacável censura à liberdade de expressão, que vai da forma politicamente correta do uso de artigos e de pronomes, à supressão de palavras e expressões, que são mais microagressões que desviam a nossa atenção na construção de uma verdadeira consciência crítica de nossos reais e prementes problemas, tais como a fome, as recorrentes pandemias, a corrupção endêmica, para ficarmos só nestes.

O que se verifica na cultura woke, parafraseando Vivek Ramaswamy, é um sentimento patológico de vitimização, colocando todos numa vala comum de vítimas. Nessa perspectiva, hoje em dia, há vítimas negras, vítimas brancas, vítimas indianas, vítimas de gênero, vítimas de origem, vítimas progressistas, vítimas conservadoras. Não há ninguém que não possa reivindicar a sua condição de vítima, tendo lugar até a condição de vítima de si mesma.<sup>1</sup>

### **3.1 O WOKE COMO UM CASO DECORRENTE DA DESORDEM FAMILIAR**

Mary Eberstadt, em seu ensaio “A Fúria dos Sem Pai”, observa que todos os distúrbios sociais ocorridos nos EUA<sup>2</sup> talvez as causas não estejam na cultura do cancelamento do woke, no racismo, na brutalidade policial, na pandemia da corona vírus, nas milícias de extrema direita, no BLM, no Antifa, tendo em vista que o contingente dos manifestantes sempre aumenta. O que explica essa fúria toda? O racismo talvez não seja a causa também. Eberstadt, com base em seus estudos e de outros colegas seus da área, sugere que muitos desses protestos e motins sejam causados por jovens crescidos em famílias ausentes da figura paterna, de referenciais familiares que uma família tradicional tinha, como irmãos e irmãs filhas de mesmos pais, tios, tias, avós maternos e paternos. Um levantamento feito

<sup>1</sup> Vivek RAMASWAMY. *Nation of Victims: Identity Politics, the Death of Merit, and the Path Back to Excellence*. Center Street. Edição do Kindle, 2023, p. 8.

<sup>2</sup> Essas convulsões sociais também são verificadas em outros países do Ocidente, sejam nos da União Europeia, sejam nos países latino-americanos.

dos líderes e ativistas desses movimentos constatou que normalmente são pessoas nascidas em lares sem a figura paterna ou criados por avós, até mesmo criados na ausência materna.<sup>3</sup>

Essas erupções sociais são aumentadas com jovens crescidos na ausência do pai. Nos EUA, em cada quatro crianças hoje, uma não tem na sua casa um pai. Em relação aos afro-americanos, corresponde a cerca de 65% das crianças. A maioria de jovens encarcerados foi criados em famílias sem pai. A biografia de assassinos quase sempre tem anotações dos cônjuges genitores. Crianças crescidas em lares com laços familiares rompidos são propensas a não ter qualquer profissão de fé religiosa, desinteressadas com a política e desapegadas aos valores de patriotismo. A linguagem utilizada pelos ativistas do BLM faz apologia à ausência paterna. Encontra-se numa seção do *website* do BLM a declaração que segue: “Nós rejeitamos o requisito de estrutura familiar nuclear prescrito pelo Ocidente, apoiando uns aos outros como famílias extensas e ‘aldeias’ que cuidam coletivamente umas das outras, especialmente nossos filhos, em grau no qual mães, parentes e filhos sentem-se confortáveis.”<sup>4</sup>

### 3.2 O MOVIMENTO WOKE COMO EXPRESSÃO DO EU PSICOLÓGICO REVOLUCIONÁRIO

Numa outra perspectiva teórica para compreender o fenômeno woke, o historiador e teólogo, Carl R. Trueman, em seu ensaio “A Ascensão do “Homem Psicológico”<sup>5</sup>, defende a tese que, com o surgimento do “homem psicológico”, nascido no século XVIII com a filosofia de Jean-Jacques Rousseau, com os acréscimos do pensamento de Hegel, Marx, Nietzsche, Freud, Reich e Marcuse e outros, surge o culto do “eu”, cujo propósito de vida pessoal deste novo eu está centrada e condicionada no sentimento de liberdade individual. Este eu é uma construção psicológica. Nesse sentido, uma pessoa do sexo feminino, a despeito de sua realidade biológica ser um corpo de mulher, mas se psicologicamente entender que é um homem, a sua realidade biológica deve ceder ao sentimento psicológico. Este é o novo tipo de individualidade no Ocidente do “homem psicológico”.<sup>6</sup>

Esse psicologismo deita raízes no pensamento de Rousseau, para quem todos devem ser externamente conforme se sintam internamente. A individualidade e a felicidade verdadeiras devem ser encontradas no interior, na sensação de bem-estar psicológico. Antes dessa virada psicológica, o sentido de bem-estar interior e de realização pessoal

3 Mary EBERSTADT; MIGUEL, Felipe (org). **A Fúria dos Sem Pai**. Felipe Miguel. 1.ª Ed. - Editora Descobrir, MG, 2022, p. 97-107.

4 Mary EBERSTADT; MIGUEL, Felipe (org). **A Fúria dos Sem Pai**. Felipe Miguel. 1.ª Ed. - Editora Descobrir, MG, 2022, p. 97-107.

5 A denominação “Homem Psicológico” foi dada pelo sociólogo Philip Rieff (Cf. Carl R. TRUEMAN; MIGUEL, Felipe (org). **A Ascensão do “Homem Psicológico”**. Trad. Felipe Miguel. 1.ª Ed. - Editora Descobrir, MG, 2022).

6 Carl R. TRUEMAN; MIGUEL, Felipe (org). **A Ascensão do “Homem Psicológico”**. Trad. Felipe Miguel. 1.ª Ed. - Editora Descobrir, MG, 2022, p. 59-64.

eram encontrados através dos frutos colhidos do bem praticado para as pessoas, isto é, a felicidade estava direcionada para o exterior. Hoje esta felicidade é alcançada na medida e na proporção do sentimento e de saciedade desse eu interior. Assim, a noção de satisfação é apontada para dentro, em benefícios de meus próprios sentimento imediatos e não do bem praticado ao próximo. E, em nome desse individualismo exacerbado, valores como liberdade de expressão, família, religião, tradição etc., considerados princípios básicos de bem-estar social, agora são denunciados como meios de opressão e ferramentas de ódio.<sup>7</sup>

Em que pese grande parte das teorias de Freud tenha sido superadas, a que sustenta que os seres humanos, num nível bem profundo, são modelados por seus desejos sexuais. Desse modo, após as reflexões de Freud, o sexo passou a ser o que você é e não somente o que você faz. A revolução proposta centra seu foco no desmantelamento da moral sexual baseada na monogamia, na heterossexualidade normativa e na promoção da atividade sexual na adolescência. O eu psicológico revolucionário é uma construção elitista, visto que poucos tiveram acesso a esses pensadores, líderes e promotores do complexo intelectual do liberalismo progressista.<sup>8</sup>

Já para Patrick J. Deneen, as origens do movimento woke não é uma manifestação do “marxismo cultural” de Antonio Gramsci, filosofia que sucedeu o marxismo raiz, como a maioria dos liberais clássicos sustenta, mas, ao contrário, a cultura woke é fruto do liberalismo de transgressão, legado por John Stuart Mill. Deneen observa que o livro “On Liberty” de Mill deveria ter o título de “Sobre o Progresso” ou “Como a Liberdade Conduz ao Progresso”, pois tudo o que Mill defende em seu livro consiste na libertação dos indivíduos transgressores dos grilhões sociais, culturais e tradicionais, bem como de todos os costumes que aprisionam o indivíduo, visto que, enquanto as pessoas estiverem acorrentadas por esse “despotismo do Costume”, o progresso humano e da sociedade estariam travados. Ou seja, Mill é bem wokeísta.<sup>9</sup>

A cultura woke propõe mudar obviamente os valores culturais, buscando marcar divisa ideológica a partir do uso de uma linguagem artificial, que o mero uso de um pronome seja considerado agressivo a alguém. Esse *modus operandi* de atuar dos ativistas da onda woke está no cerne de uma bestial e fantasmagórica opressão que imputam à linguagem natural e promovem toda uma campanha voltada a reformá-la de forma artificial, identitária e que mais revela o seu caráter de afirmação com espectro ideológico progressista. Desse modo,

7 Ibid., p. 60-64

8 Ibid., p. 61-64.

9 Patrick J. DENEEN; MIGUEL, Felipe (org). **As Origens Liberais da Revolução Woke**. Trad. Felipe Miguel. 1.ª Ed. - Editora Descobrir, MG, 2022, p. 121-124.

constata-se o firme propósito de condenar virtudes sociais tradicionalmente reconhecidas em vícios políticos, tidos como opressivos.

Então, a vigília e o policiamento da linguagem passam a ser determinante da nova sociedade inventada que se funda e se edifica com os eus psicológicos. Se antes o que se tinha como opressivo seria uma sociedade que não lhe possibilitasse a liberdade de pensamento, liberdade religiosa, liberdade de condições de ter um trabalho digno, todavia, agora, para o eu psicológico é mais uma insatisfação com o não atendimento de desejos pessoais internos, que tem um conteúdo menos palpável, tangível e estável. Hoje, a opressão é um mal-estar consigo mesmo, na medida em que a pessoa não consiga ser externamente aquilo que sente internamente. Diante desse cenário dantesco, o que fazer? Estar cômico que o problema a ser enfrentado tem uma natureza profunda; em segundo lugar, todos temos culpa nesse estado de coisas em uma certa medida.<sup>10</sup>

### 3.3 O FENÔMENO WOKE COMO UMA MANIFESTAÇÃO GNOSIOLÓGICA

De outro giro teórico, Patrick J. Deneen observa o forte espírito gnóstico no movimento woke. Explica que o gnosticismo consiste na crença de que o mundo real é um lugar degradado, imperfeito e ruim. Esse mundo perverso pode ser corrigido por seres humanos eleitos, dotados de um conhecimento transcendental, divino e untados com óleos consagrados para reparar as imperfeições e salvar a humanidade, criando um mundo melhor aqui ou no além.<sup>11</sup>

A “esquerda reformista” de outrora se transformou hodiernamente numa agremiação política messiânica radical, pregando seu gnosticismo que irá resgatar a humanidade das ruínas da civilização cristã através da revolução woke, tendo como pressuposto revolucionários a destruição da família natural; o conceito de sexualidade vinculada a uma vontade interior abstraída da realidade sexual biológica, ainda que seja preciso se valer de recurso tecnológico para satisfazer esse desejo psíquico; a justificativa do crime como fruto da ordem social injusta; a intenção deliberada de impor o domínio biopolítico em toda as dimensões da vida humana, cuja crise da pandemia foi só um pretexto para manifestar seu gnosticismo arraigado de abominação do mundo físico, tendo como forma de demonstração de repudiá-lo pelo uso de máscaras, a exigência de distanciamento entre as pessoas e a adoção da coerção médica para escapar da morte.<sup>12</sup>

<sup>10</sup> Carl R. TRUEMAN; MIGUEL, Felipe (org). **O Impacto do Homem Psicológico – E Como Responder**. Trad. Felipe Miguel. 1.ª Ed. - Editora Descobrir, MG, 2022, p. 65-71.

<sup>11</sup> Patrick J. DENEEN; MIGUEL, Felipe (org). **Rússia, América e o Perigo do Gnosticismo Político. O Que Eric Voegelin Pode Nos Ensinar. Sobre a Crise Internacioanl Atual**. Trad. Felipe Miguel. 1.ª Ed. - Editora Descobrir, MG, 2022, p. 191-200.

<sup>12</sup> Patrick J. DENEEN; MIGUEL, Felipe (org). **Rússia, América e o Perigo do Gnosticismo Político. O Que Eric Voegelin Pode Nos Ensinar. Sobre a Crise Internacioanl Atual**. Trad. Felipe Miguel. 1.ª Ed. - Editora Descobrir, MG, 2022, p. 191-200.

N. S. Lyons, em seu artigo “A Guerra da Realidade: Gnósticos. Simplesmente Gnósticos. Até o fim”, observa que, em nosso mundo, sempre houve uma guerra gnóstica para demonizar a realidade e desenvolver um conhecimento esotérico salvífico para dela escapar. O que muitos denominam de política e de “guerra cultural”, em verdade, nada mais é uma vetusta guerra teológica em relação à metafísica da realidade.<sup>13</sup>

Antes porém, para melhor compreender o sempre constante conflito de gnosticismos, ora sucessivos, ora simultâneos, sublinhe-se que gnosticismo vem de *Gnosis* que, em grego, significa “conhecimento”. Assim, “... ser gnóstico é reivindicar possuir um tipo especial de conhecimento: o conhecimento de que o mundo não é a realidade que supõe ser.”<sup>14</sup> Na verdade, gnosticismo basicamente é religião, já que só os eleitos podem ter acesso ao conhecimento revelado aos gnósticos. O gnosticismo começou com as seitas místicas judaicas em oposição aos rabinos<sup>15</sup>, proliferando em muitas outras seitas com o cristianismo fundacional e aparecendo outros seguimentos gnósticos mesmo depois da emancipação da religião cristã<sup>16</sup>.

A despeito de existirem muitas derivações do gnosticismo, todas guardam um núcleo comum de crenças e fundamentos, tais como: o mundo real é falso, é aparente e foi criado por forças demoníacas; a matéria é impura; os seres humanos foram despejados neste mundo ilusório contra o seu querer, onde padecem; só determinadas pessoas eleitas e iluminadas, conhecedoras do reino espiritual, têm acesso ao conhecimento secreto (Gnosis) e que podem se livrar do mundo físico imundo e transcendê-lo, até mesmo corrigindo o mundo material etc. Constata-se, e hoje mais do que nunca, o gnosticismo sempre esteve presente, volta e meia aparece um novo que visa suplantar um rival, num eterno nascer e renascer.<sup>17</sup>

Hodiernamente, são várias as manifestações gnósticas, como o feminismo que é uma forma de gnosticismo que busca se desvincular do patriarcado e de sua própria condição biológica humana, um sonho “biolibertário. O movimento LGBT também que, na ideologia de gênero, procura abstrair da natural condição binária sexual, de modo biolibertariamente. Lyons sustenta que atualmente a força atrativa do gnosticismo imerge em um projeto político mais profundo, visto que a maioria dos jovens da geração Z<sup>18</sup> é menos

13 N. S. LYONS; MIGUEL, Felipe (org). **A Guerra da Realidade. Gnósticos. Simplesmente Gnósticos. Até o Fim.** Trad. Felipe Miguel. 1.ª Ed. - Editora Descobrir, MG, 2022, p. 173-190.

14 *Ibid.*, p. 175.

15 Rabino: 1. líder religioso de comunidade judaica; 2. mestre, profundo conhecedor da doutrina rabínica. (Cf. Dicionário Houaiss da língua portuguesa. 1ª ed. Editora Objetiva, Rio de Janeiro/RJ, 2001, p. 2371)

16 N. S. LYONS; MIGUEL, Felipe (org). **A Guerra da Realidade. Gnósticos. Simplesmente Gnósticos. Até o Fim.** Trad. Felipe Miguel. 1.ª Ed. - Editora Descobrir, MG, 2022, p. 175-190.

17 *Ibid.*, p. 176-185.

18 Geração Z: são os nativos digitais. Depois de “... Esgotadas todas as letras do alfabeto, surgem agora os “power pupils”, os “alunos empoderados”, conceito ainda novo no Brasil, mas que define os estudantes com um interesse diferenciado pelo aprendizado e pelo conhecimento. Integrantes da geração Z, numa referência aos nascidos entre 1994 e 2010, são estudantes conscientes de suas habilidades, talentos e com espírito empreendedor. São jovens capazes de largar o cargo dos sonhos em uma companhia multinacional pelo projeto de viver um tempo conhecendo o mundo com a mochila nas costas, apenas pela experiência e realização pessoal que a iniciativa pode lhes proporcionar.” (Cf. Danielle Blaskiewicz: Alunos empoderados: Nativos

propensa às crenças religiosas, se apegando mais a um gnosticismo científico, onde a ciência, a tecnologia e a razão são os fundamentos de suas crenças.<sup>19</sup>

James Lindsay, citado por Lyons, diferencia gnosticismo científico de ciência, observando que “... a ciência é “por definição antignóstica,” porque - se praticada como pretendido - busca descrever a natureza *como ela é*, por meio de razão empírica. Ou seja, a ciência observa evidências no *mundo físico* e só então baseia as suas conclusões teóricas - o seu conhecimento - nessas observações da realidade. Depois disso, podemos usá-la para alcançar algum progresso relativo “correlacionando as nossas vidas com a realidade como ela é, e, assim, ter maior sucesso nas nossas interações com a realidade.”<sup>20</sup>

Por seu turno, o gnosticismo científico subverte a lógica científica acima, visto que “... coloca as conclusões da Teoria (a sua *Gnose*) à frente da observação empírica do mundo. ... A teoria fica acima da realidade e fornece o entendimento correto... O socialismo só pode ser devidamente compreendido pelo Homem Socialista, que é um Gnóstico Científico.”<sup>21</sup> Se o mundo real não corresponde a teoria do gnosticismo científico, então, o mundo está errado e este mundo deve ser reinventado segundo a teoria da seita gnóstica.

Tem também o gnosticismo de luxo, que é representado pela elite pensante, que está apartada do mundo físico da vida, apenas conectando com o trabalho produtivo dela na condição de consumidora. Os representantes da elite pensante não estão alheios tão só ao seu entorno, mas da própria realidade em si. O grande problema é que os adeptos do gnosticismo de luxo podem influenciar na produção da nova ordem política e, com isso, podem puxar nós todos para as mais férteis e deletérias elucubrações, alterando continuamente narrativas e normas, tornando-as líquidas e triunfantes, destruindo todos os limites lógicos e conceituais estabelecidos, tornando incerto até mesmo o significado de ser humano.<sup>22</sup>

A reação antignóstica pode descambar para um radicalismo e colocar em xeque a confiança nas autoridades estabelecidas, que já têm até nome, isto é, *Clown World*, ou seja, “Mundo de Palhaços”. As consequências advindas da reação antignóstica podem ser imprevisíveis, resvalando perigosamente para o ressurgimento populista e a volta do conservadorismo retrógrado e de um tradicionalismo pueril e reacionário.<sup>23</sup> Essa reação antignóstica pode ser facilmente identificada com uso de termos e expressões próprias, como “Based”, o

digitais, os integrantes da geração Z são conscientes dos seus talentos e capacidades. Disponível em: <https://www.gazetadopovo.com.br/gpbc/guia-de-matriculas/2018/alunos-empoderados-4ps0xexd9u7tx0et2mwt8vp80/?ref=busca>. Acesso em: 14 Jan.2024.)

19 N. S. LYONS; MIGUEL, Felipe (org). **A Guerra da Realidade. Gnósticos. Simplesmente Gnósticos. Até o Fim.** Trad. Felipe Miguel. 1.ª Ed. - Editora Descobrir, MG, 2022, p. 173-190.

20 Ibid., p. 180 e s.

21 Ibid., p. 185 e s.

22 Ibid., p. 183-90.

23 N. S. LYONS; MIGUEL, Felipe (org). **A Guerra da Realidade. Gnósticos. Simplesmente Gnósticos. Até o Fim.** Trad. Felipe Miguel. 1.ª Ed. - Editora Descobrir, MG, 2022, p. 185-190.

qual exorta as pessoas a “caírem na real” ou buscar fundamento na realidade, ou o uso de expressões como “Touch Grass”, que quer significar uma reconexão com o mundo físico, buscando desconectar do mundo virtual e se atendo mais às emoções e dando mais valor às situações prementes da vida. Literalmente, “Touch Grass” significa “...Tocar a Grama,” isto é, tocar o solo, o mundo físico, concreto e real.”<sup>24</sup>

Em que pesem essas considerações, é preciso reconhecer que precisamos voltar à realidade e esse retorno não passa pela política, mas quem irá definir o que é realidade? Fato é que não deve ser a conceituada pelo gnosticismo de luxo do woke, mas uma reconexão com a realidade que atenda as aspirações crescentes das pessoas de carne e osso.

Na mesma concepção teórica de N. S. Lyons de considerar o movimento woke como mais uma manifestação gnóstica do que um fenômeno cognitivo fundado em bases teórico-científicas sólidas, tem-se o estudo do professor de filosofia, Edward Feser, que, em seu artigo “Os Sucessores Políticos da Heresia Gnóstica”, de modo singular, observa que a produção humana objetivando o progresso, como a ciência, o esforço pela justiça social e igualdade entre os homens, na realidade, reflete a crise do Ocidente que é um desdobramento da crise da Igreja.<sup>25</sup>

Os movimentos sociais, como o liberalismo, socialismo, comunismo, modernismo, pós-modernismo progressista, cientificismo, wokeísmo, globalismo e todos os ismos imagináveis, são manifestações laicas, ligadas por duas características, a saber: i) são propostas gnosiológicas nascidas no seio da civilização cristã que visam suplantar o cristianismo; e ii) são projetos heréticos em sentido lato, ainda que se socorram de fundamentos cristãos para sustentá-las, como a dignidade humana, igualdade entre os homens, fraternidade etc. Em verdade, todos esses movimentos socioculturais padecem de uma mentalidade gnóstica desenvolvida no transcorrer dos séculos que as unem em sentido e em modo de visão de mundo, tais como: i) o mal é onipresente e o mundo é, em essência, mau, que deve ser destruído para se construir um *new world*; ii) existe tão só um conhecimento eleito para extirpar esse mau (pode ser o comunismo ou o capitalismo ou cientificismo, fique à vontade para escolher qual ismo de ativismo você se simpatiza); iii) existem forças malignas maniqueístas que governam e que estão em seu estupor que só os eleitos purificados darão a espada de Dâmocles final para derrotá-las e instaurar uma nova ordem; iv) esses gnósticos vivem em uma realidade paralela, num mundo dos sonhos, dado ao subjetivismo, à irracionalidade e paranoia de conjeturarem a presença do mal em todos os lugares; v) a

24 N. S. LYONS; MIGUEL, Felipe (org). **A Guerra da Realidade. Gnósticos. Simplesmente Gnósticos. Até o Fim.** Trad. Felipe Miguel. 1.<sup>a</sup> Ed. - Editora Descobrir, MG, 2022, p. 186.

25 Edward FESER; MIGUEL, Felipe (org). **Os Sucessores Políticos da Heresia Gnóstica.** Trad. Felipe Miguel. 1.<sup>a</sup> Ed. - Editora Descobrir, MG, 2022, p. 163-172.

patente contradição da moral gnóstica baseada numa prática oscilante entre os extremos do moralismo exacerbado e da libertinagem, no qual o comportamento mais depravado é passível de ser perdoado.<sup>26</sup>

Na ordem do dia, encontram-se os gnosticismos modernos, como o iluminismo que visou destruir a Igreja e a religião católica, pondo em seu lugar a filosofia materialista e a vida intelectual em curso na direção do naturalismo. A religião foi tida como o ópio do povo e que visa aplacar os ânimos dos oprimidos do opressor burguês. Esses novos gnosticismos deram origem ao fascismo, nazismo e comunismo. Atualmente a nova mentalidade gnóstica encontra-se no gnosticismo woke, tendo uma de suas manifestações a Teoria Crítica da Raça (CRT)<sup>27</sup> e as inúmeras discriminações interseccionais. A diferença da CRT em relação ao marxismo e ao nazismo é que a lógica racista do woke ainda não foi posta em prática como um programa político em larga escala. Será?<sup>28</sup>

Não há diferenças entre os engenheiros intelectuais do marxismo e nazismo com as manifestações das teorias “lógicas” delirantes de um Ibram Kendi ou de uma Robin DiAngelo, pois ambos competem entre si para ver quem deve levar o prêmio de maior paranoia, irracionalidade e fanatismo maniqueísta ou outro modo qualquer de gnosticismo. Ambos advogam a tese que a origem onipotente e onipresente do mal no mundo e o “poder racista” está fundada na “supremacia branca”, no “privilégio branco” ou na “branquitude”. Como observam os críticos da CRT, se alguém se der o trabalho de trocar as expressões “supremacia branca” e “branquitude” por “judaísmo” e “povo judeu”, verificar-se-á, de forma estarrecedora, a semelhança com a propaganda nazista de Joseph Goebbels. Os livros de Kendi e DiAngelo são *best sellers* a despeito da fragilidade argumentativa, não se submetem ao crivo da refutabilidade popperiana, nenhuma evidência é passível de contestação.<sup>29</sup>

Obviamente, insiste-se, claro que há racismo no mundo, como há no capitalismo a exploração da classe trabalhadora, mas ambas as perspectivas teóricas estão longe de serem determinantes como visão de mundo, como verdades incontestas. Em oposição ao extremismo da gnose woke surge em represália a lunática teoria QAnon<sup>30</sup>. E, em arremate,

26 Edward FESER; MIGUEL, Felipe (org). *Os Sucessores Políticos da Heresia Gnóstica*. Trad. Felipe Miguel. 1.ª Ed. - Editora Descobrir, MG, 2022, p. 163-172.

27 Na língua inglesa: Critical Race Theory (CRT)

28 Edward FESER; MIGUEL, Felipe (org). *Os Sucessores Políticos da Heresia Gnóstica*. Trad. Felipe Miguel. 1.ª Ed. - Editora Descobrir, MG, 2022, p. 165 e s.

29 Edward FESER; MIGUEL, Felipe (org). *Os Sucessores Políticos da Heresia Gnóstica*. Trad. Felipe Miguel. 1.ª Ed. - Editora Descobrir, MG, 2022, p. 163-172.

30 “O QAnon surgiu nesse mesmo caldo de cultivo. Tratado como um movimento gestado a partir de uma teoria de conspiração produzida pela extrema direita americana, o fenômeno nasceu em um desses fóruns frequentados pelos celibatários involuntários. Um suposto whistleblower, com acesso aos segredos inconfessáveis da política norte-americana e seus atores, postou em um fórum repleto de celibatários involuntários uma série de histórias bem amarradas que tratavam de uma grande conspiração para derrotar o recém-empossado Donald Trump, envolvendo bruxaria, corrupção, pedofilia e uma série de outros ingredientes que temperaram a mente alucinada dos membros dos fóruns. Antes que se chamar QAnon, o delator – não se sabe se é a mesma pessoa – testou outras teorias pelos nomes de CIAAnon, FBIAnon e WHAnon, tentando-se fazer parecer ser alguém da CIA, do FBI ou da própria Casa Branca. A versão assinada pelo Q anônimo (é o que quer dizer a sigla) caiu no gosto do pessoal que tratou de disseminá-la nas redes sociais. (Cf. Leonardo Coutinho: QAnon e outras patologias.” Disponível em: <https://www.gazetadopovo.com.br/vozes/leonardo-coutinho/qa->

se alguma coisa a história da Alemanha de Weimar nos ensinou é que uma guerra entre gnosticismo nunca termina bem.

### 3.4 O FOMENTO DA CULTURA WOKE PELAS DIRETRIZES DA ONU

Sob o ponto de vista de um movimento político cosmopolita, o ex-diplomata norte-americano, Todd Huizinga, no ensaio “A Governança Global Woke: A ONU, os Novos Direitos Humanos e o Dinheiro”, chega à conclusão do quanto as diretrizes da Organização das Nações Unidas (ONU), voltadas à política de Governança Global, divulgadas por suas inúmeras repartições, que são regulamentos que criam novos direitos humanos, não por coincidência, estão impregnadas nas bandeiras do movimento woke.<sup>31</sup>

O projeto de governança global da ONU, tomado à primeira vista pelo valor de face, leva-se a crer que se trata de um programa orientado a melhorar a vida humana ao redor do mundo. Contudo, ao se fazer as primeiras imersões em seus relatórios de pesquisa e estudo, verifica-se que, por detrás dos *slogans* pomposos e retóricos, uma proposta de poder ilimitado emerge que almeja conceber o valor verdade e o valor justiça com vista a promoção dos direitos humanos em escala universal. Se o processo de governança de política global dos direitos humanos se der de forma sutil e dissimulado, as elites internacionais agradecem.<sup>32</sup>

A governança global foi concebida pela ONU, sob forte liderança dos governos democratas dos EUA e pela UE, com a justificativa de promover a “paz mundial”. O novo ordenamento jurídico dos direitos humanos e o projeto de governança global da ONU visavam a promoção da paz mundial. Agora, o foco principal é divulgar um conjunto de direitos humanos sob o argumento de que todas as pessoas de todas as partes do mundo tenham esse rol de direitos garantidos, o qual está fortemente conectado com a ideologia woke, sobretudo em relação aos direitos sexuais.<sup>33</sup>

Basicamente, esses direitos sexuais tutelam o direito ilimitado de liberdade de prática sexual e o direito das mulheres jovens e adultas de abortarem. A ONU desenvolveu três programas sob os acrônimos SDRS, OSIG e ESA, visando o objetivo de desenvolvimento sustentável no mundo. O SDRS, que significa Saúde e Direitos Sexuais e Reprodutivos, foi o primeiro dos três programas. Em linhas gerais, O SDRS objetiva proteger a saúde sexual e os direitos sexuais e reprodutivos com a política explícita pró-aborto. Os programas OSIG

---

non-outras-patologias/?ref=busca. Acesso em: 03 Jan.2024.)

31 Todd HUIZINGA; MIGUEL, Felipe (org). **A Governança Global Woke: A ONU, os Novos Direitos Humanos e o Dinheiro**. Trad. Felipe Miguel. 1.ª Ed. - Editora Descobrir, MG, 2022, p. 131-143.

32 Todd HUIZINGA; MIGUEL, Felipe (org). **A Governança Global Woke: A ONU, os Novos Direitos Humanos e o Dinheiro**. Trad. Felipe Miguel. 1.ª Ed. - Editora Descobrir, MG, 2022, p. 131-143.

33 Todd HUIZINGA; MIGUEL, Felipe (org). **A Governança Global Woke: A ONU, os Novos Direitos Humanos e o Dinheiro**. Trad. Felipe Miguel. 1.ª Ed. - Editora Descobrir, MG, 2022, p. 131-143.

e ESA são mais atuais. O OSIG, acrônimo que significa “Orientação Sexual e Identidade de Gênero”, tem por objetivo tutelar os direitos LGBT e resguardar o direito das pessoas decidirem a própria identidade de gênero, sobrepondo-os sobre os direitos tradicionais da sociedade, cultuados ao longo de sua história, como o direito do casamento heterossexual, direito a uma família tradicional harmônica e o direito à moral sexual fundada na tradição. O especialista independente da ONU em questões LGBT, na sustentação do programa da OSIG, Victor Madrigal-Borloz, em junho de 2021, em seu relatório, sentenciou que a mudança de gênero é um direito internacional, sob a perspectiva pós-moderna de gênero espontâneo, fluido, líquido, a despeito da constatação da realidade empírica física do corpo.<sup>34</sup>

Por último, a ESA, que significa “Educação de Sexualidade Abrangente”, consiste no mais atual dos novos direitos humanos fomentado por toda a estrutura sistêmica da ONU. A ESA advoga a educação sexual das crianças a partir dos cinco anos de idade. A ESA, sob a retórica de defender os direitos humanos, objetiva desenvolver um programa de sexualização de crianças sob a perspectiva woke de pessoa humana, alegando que existe uma distinção entre sexo biológico e gênero, reforçando que o gênero não guarda referência com o sexo biológico, que o amor pode se manifestar por diferentes práticas sexuais, bem como visa assegurar o acesso aos adolescentes e adultos a serviços de aborto sem a necessidade do consentimento dos pais. O desenvolvimento sustentável proposto no programa da ESA implica necessariamente a adoção do aborto com condição *sene qua non*.<sup>35</sup>

De todo exposto, constata-se que, quando a liberdade não mais está fincada na verdade consensualmente aceita, mas a partir da liberdade subjetiva individual que cada pessoa tem de verdade, a substância e densidade do valor liberdade perde a completa racionalidade e sua existência é artificial e não natural.

E, numa “coincidente” sinergia com as diretrizes da ONU, consignadas acima, Todd Huizinga, em outro ensaio seu<sup>36</sup>, sustenta que assistindo o advento e a proliferação de um novo capitalismo, um capitalismo ecosustentável, isto é, está a se falar no “capitalismo woke”, o qual propõe uma revolução que não visa destruir a economia de livre mercado, mas adestrá-la centrifugamente, ou seja, um novo paradigma moral, no qual as pessoas ficam livres e solitárias, sem que uma força centrípeta as une em suas comunidades e culturas. O sistema comercial, cujas trocas se davam de forma voluntárias e guiadas pela lei da procura e oferta, passa agora a serem transações econômicas orientadas, fomentadas e lastreadas sob os objetivos da justiça social e do direito ambiental.

<sup>34</sup> Todd HUIZINGA; MIGUEL, Felipe (org). A Governança Global Woke: A ONU, os Novos Direitos Humanos e o Dinheiro. Trad. Felipe Miguel. 1.ª Ed. - Editora Descobrir, MG, 2022, p. 131-143.

<sup>35</sup> Todd HUIZINGA; MIGUEL, Felipe (org). A Governança Global Woke: A ONU, os Novos Direitos Humanos e o Dinheiro. Trad. Felipe Miguel. 1.ª Ed. - Editora Descobrir, MG, 2022, p. 131-143.

<sup>36</sup> Todd HUIZINGA; MIGUEL, Felipe (org). *Wirtschaftswunder para o Século 21: A Era do Capitalismo Plenejado*. Trad. Felipe Miguel. 1.ª Ed. - Editora Descobrir, MG, 2022, p. 145-149.

As Big Tech, como Google, Facebook, Microsoft, Apple e as demais satélites, bem como as grandes empresas financiadoras como a BlackRock, só concederão patrocínio, doação e financiamento aos empreendimentos empresariais, de pesquisas e filantrópicas se estiverem alinhados com as pautas do movimento woke. Assim, esse “capitalismo woke” não é amigável e inofensivo, pois todas as empresas, instituições públicas e privadas que não se curvarem e promoverem os valores woke serão discriminadas e não terão acesso aos auspiciosos incentivos financeiros dos super-ricos imperialistas do mundo, reunidos na mega gestora de investimentos BlackRock. E tragicomicamente conclama: Capitalistas woke de todo o mundo, uni-vos!<sup>37</sup>

Essa onda woke comporta-se como gafanhotos culturais, devorando tudo por onde passa. A lógica insana é a de que nada permaneça em pé. Nesse sentido, com apoio no pensamento filosófico do católico polonês do século XXI, Ryszard Legutko, e nas observações do pensador, historiador e estadista calvinista holandês do século XIX, Guillaume Groen van Prinsterer, Todd Huizinga explica que também a democracia liberal hodierna está caminhando de forma radical para um liberalismo progressivo<sup>38</sup>, que devasta a história e a tradição da sociedade livres do Ocidente, como o comunismo soviético revolucionário e totalitário fez em décadas passadas.<sup>39</sup>

Nossa democracia liberal presta vassalagem a *homo novus* concebido no Ocidente que devora a sua própria história e crença religiosa. Esse *homo novus*, despido de suas vestes culturais, tradicionais e históricas, não tem elegância, refino, beleza e alma espiritual que desperta o encanto, nenhuma estrutura lógico-racional e espiritual que se possa lhe dar apoio, é simples culto do nada. Esse novo homem sem Deus prega que não existe liberdade sem a entrega do corpo e da alma ao estado. Os norte-americanos e os povos da UE abdicaram de suas leis e liberdade fundadas na potestade divina para se apegarem às leis e liberdade da Revolução Francesa fundada no totalitarismo da vontade geral do povo, sem Deus. A elite governante dos democratas dos EUA e da UE, totalmente pós-cristã, está se curvando ao totalitarismo da cultura woke radical.<sup>40</sup>

37 Todd HUIZINGA; MIGUEL, Felipe (org). **Wirtschaftswuder para o Século 21: A Era do Capitalismo Plenejado**. Trad. Felipe Miguel. 1.ª Ed. - Editora Descobrir, MG, 2022, p. 145-149.

38 **Liberalismo progressivo** quer aqui significar o sentimento de se libertar das instituições que aprisionam o ser humano, como família, religião, cultura, o direito à propriedade, à tradição etc., em consonância com o pensamento filosófico de Jean-Jacques Rousseau. Já o **liberalismo clássico** consiste ou propugna por se libertar dos grilhões do Estado, liberdade de mercado, liberdade econômica, liberdade de pensamento, de expressão, neste último caso, como proposto por M. de Voltaire, em sua célebre frase: “Desaprovo o que você diz, mas defenderei até a morte o seu direito de dizê-lo”. O liberalismo clássico pode ser entendido hoje como o liberalismo conservador. (Cf. Ramaswamy, Vivek. Nação das Vítimas: Política de Identidade, a Morte do Mérito e o Caminho de Volta à Excelência. Rua Centro. Edição do Kindle, 2023.)

39 Todd HUIZINGA; MIGUEL, Felipe (org). **Descrença: A Raiz das Tendências Totalitárias na Democracia Liberal?** Trad. Felipe Miguel. 1.ª Ed. - Editora Descobrir, MG, 2022, p. 157-162.

40 Todd HUIZINGA; MIGUEL, Felipe (org). **Descrença: A Raiz das Tendências Totalitárias na Democracia Liberal?** Trad. Felipe Miguel. 1.ª Ed. - Editora Descobrir, MG, 2022, p. 157-162.

### 3.5 O FENÔMENO WOKE COMO UMA NOVA RELIGIÃO

Reconhecendo mais como uma profissão de fé religiosa, é a análise que Michael Shellenberger faz do movimento woke, em seu artigo “Por que o Fenômeno Woke É uma Religião - Apresentando a Taxonomia da Religião Woke”. Para sustentar sua tese, destaca algumas características do fenômeno woke que se parece mais como uma religião do que uma teoria em defesa dos direitos humanos consistente, sobretudo com a ascensão das mídias sociais e as transformações nas mídias tradicionais de notícias na última década. As plataformas de mídia social, como Facebook, Twitter (rede social X), Instagram e outras, ao monetizarem seus usuários pelos compartilhamentos e curtidas das informações populares extremas postadas e ao punirem com o bloqueio outros usuários que postam informações impopulares com opiniões contrárias, fomentam supostas certezas momentâneas, estimulam dogmatismo com a censura de temas tabus e são refratárias à liberdade de opiniões ao coibirem postagem de pontos de vista divergentes do *mainstream*.<sup>41</sup>

Shellenberger, contudo, questiona: só porque o movimento woke comporta-se como uma ideologia dogmática e hipócrita não deveria fazer dele uma religião, haja vista que sua ideologia não se funda em crenças transcendentais, nem se apega a uma entidade mitológica ou sobrenatural. Todavia, para confirmar a sua tese de que o fenômeno woke é uma religião, ele e seu amigo Peter Boghossian, professor de filosofia, desenvolveram uma Taxonomia da Religião Woke. A taxonomia da Religião Woke, criada por ambos, compreende:

[...] sete áreas temáticas (Racismo, Mudanças Climáticas, Trans, Crime, Doença Mental, Drogas e Sem-teto) discutidas em Woke Racism, Apocalypse Never, San Fransicko, pesquisa de Peter e os escritos de outros críticos da ideologia woke. E abrange dez categorias religiosas (Pecado Original, Demônios Culpados, Mitos, Vítimas Sagradas, Os Eleitos, Crenças Sobrenaturais, Fatos Tabu, Discurso Tabu, Rituais Purificadores, Discurso Purificador). Ficamos surpresos com a facilidade de preencher cada categoria e com as fascinantes semelhanças e diferenças entre elas.<sup>42</sup>

Essa referida taxonomia tem razoabilidade, pois identifica um conjunto comum de mitos e crenças, que contribui para esclarecer o motivo de existirem tantas pessoas propagando e mantendo essas entidades sobrenaturais ainda que comprovadamente falsas. É bem verdade que esse sistema taxonômico não irá dissuadir os crentes da ideologia woke, mas poderá servir para conscientizar muitas outras pessoas que estão desorientadas e ainda não têm uma opinião formada acerca do irracionalismo inerente ao wokeísmo e, como muitos, estão à procura de uma explicação plausível.

41 Michael SHELLENBERGER; MIGUEL, Felipe (org). **Por que o Fenômeno Woke É uma Religião? Apresentando a Taxonomia da Religião Woke**. Trad. Felipe Miguel. 1.ª Ed. - Editora Descobrir, MG, 2022, p. 217-222.

42 Michael SHELLENBERGER; MIGUEL, Felipe (org). **Por que o Fenômeno Woke É uma Religião? Apresentando a Taxonomia da Religião Woke**. Trad. Felipe Miguel. 1.ª Ed. - Editora Descobrir, MG, 2022, p. 222.

James R. Wood, em seu artigo “Reformando a Nossa Religião Civil Sucessora”, também concebe o movimento woke como uma religião, mas não na perspectiva que Michael Shellenberger o entende. Wood observa que o liberalismo clássico, que deu suporte teórico as estruturas políticas e econômicas dos EUA, tem sido criticado pelos próprios conservadores e pós-liberais. Todavia, as questões sociais, que mais nos desafiam, vêm da esquerda que defende um sistema de mitos emergentes que tem em sua órbita as crenças da justiça social, da política de identidade, da interseccionalidade e o antirracismo. Esse sistema da ideologia woke mina as bases de diversos valores fundantes do liberalismo clássico como a liberdade de expressão, a pluralidade de ideias, a meritocracia, o tratamento isonômico de todos independente de raça, cor, origem, credo etc. Contudo, ao denominar o movimento o woke como uma ideologia, encobre o seu verdadeiro fenômeno que é de ordem religiosa, ainda que contraditoriamente uma religião civil secularizada.<sup>43</sup>

A despeito dessa sua natureza, Wood admite que há no movimento woke algo que seja socialmente construtivo. Nesse sentido, enumera três razões positivas do movimento. A primeira, centra-se na denúncia do mal presente em sistemas e estruturas sociais decorrentes do pecado inerentes às intenções dos indivíduos; segundo, o movimento woke questiona a crença do indivíduo e do valor meritocracia, observando que somos seres gregários e precisamos um dos outros e os sucessos ou fracassos não pode deixar de levar em consideração as condições sociais, biológica e do meio ambiente que determinam nossas vidas; e, terceiro, o movimento woke aponta o dedo para as chagas não curadas de nossa sociedade e os verdadeiros cristãos não podem desconsiderá-las simplesmente.<sup>44</sup>

Reconhece-se os problemas da mente woke de atribuir o bem e o mal a agentes humanos ou a instituições sociais, limitando-os no binarismo de oprimidos e opressores. Esse obscurantismo cega os ativistas do movimento à refutação racional, tornando-os, de forma preocupante, a estarem propensos a identificar absurdos bodes expiatórios. A implacável justiça woke divide o mundo entre nós e eles, onde estes não são dignos de misericórdia e de reconciliação. A religião woke é reformável? Todos devem ser conclamados a se reconciliarem, de forma honesta, sincera e humilde na solução de problemas e erros. A reforma não deve ser buscada na esfera política, mas na união, na sociabilidade, na reconciliação, no perdão sob as bênçãos de Deus que a todos perdoa e acolhe.<sup>45</sup>

43 James R. WOOD; MIGUEL, Felipe (org). **Reformando a Nossa Religião Civil Sucessora**. Trad. Felipe Miguel. 1.ª Ed. - Editora Descobrir, MG, 2022, p. 233-238.

44 James R. WOOD; MIGUEL, Felipe (org). **Reformando a Nossa Religião Civil Sucessora**. Trad. Felipe Miguel. 1.ª Ed. - Editora Descobrir, MG, 2022, p. 233-238.

45 James R. WOOD; MIGUEL, Felipe (org). **Reformando a Nossa Religião Civil Sucessora**. Trad. Felipe Miguel. 1.ª Ed. - Editora Descobrir, MG, 2022, p. 233-238.

### 3.6 O WOKE COMO UM MOVIMENTO REVOLUCIONÁRIO DO MARXISMO CULTURAL

Na perspectiva filosófica do pensador e jornalista Mark Dooley, o movimento woke e toda a sua agenda revolucionária, como a Teoria Crítica da Raça (CRT), nada mais é do que uma revolução cujas bases teórico-filosófica estão fincadas no pensamento marxista de Antonio Gramsci, filósofo, escritor, socialista e político italiano, que propunha um processo revolucionário lento, mas constante. O impacto de suas ideias surtiu efeito sobretudo na América e na Europa, propondo uma reengenharia social no modo liberal progressista mais radical possível que visava o enfraquecimento de instituições sociais e culturais arraigadas na sociedade, como a destruição da família, religião e cultura.<sup>46</sup>

Assim, contrariamente, a revolução comunista proposta por Karl Marx, que defendia que a base socioeconômica consiste na força motriz da história, Gramsci entendia o contrário, para ele a superestrutura cultural e ideológica tem a mesma importância, ou seja, não é possível transformar uma sociedade sem que mude a forma como ela tem consciência de si mesma. É preciso mudar essa consciência intelectual e, com isso, o modo de pensar na sociedade. Por intelectual, Gramsci não se refere o estudioso centrado em reflexões teóricas abstratas, “.. mas aquele que ... exerce funções organizacionais em sentido amplo, tanto no campo da produção, quanto no cultural, e no político-administrativo.”<sup>47</sup>

Por detrás de um padre, de um agente público, dos articulistas e celebridades da imprensa tradicional, existe toda uma rede administrativa que dita o roteiro intelectual que será replicado nas igrejas, nas diversas seções do aparato administrativo e judicial do Estado, nas redações dos jornais e revistas, no cinema, teatro e na música. Sem o trabalho meticuloso e gradual dos intelectuais nos bastidores, todas essas instituições sem o intelectual não teriam a munção que lhes desse sentido e unidade ideológica e identidade. Desse modo, esses formadores de opinião devem produzir, sustentar e manipular sutilmente a consciência popular através da infiltração de uma classe de intelectuais socialistas nas instituições religiosas, culturais, educacionais e cívicas da sociedade, criando uma consciência contra-hegemônica capitalista.<sup>48</sup>

As [...] As armas do revolucionário comunista nos dias atuais não são militares, mas sim as armas culturais para combater o modo de ser da civilização burguesa, exigindo para isto o pleno conhecimento das regras culturais de cada país. Ninguém questiona o sucesso e

<sup>46</sup> Mark DOOLEY; MIGUEL, Felipe (org). **A Longa Marcha de Antônio Gramsci**. Trad. Felipe Miguel. 1.ª Ed. - Editora Descobrir, MG, 2022, p. 117.

<sup>47</sup> Mark DOOLEY; MIGUEL, Felipe (org). **A Longa Marcha de Antônio Gramsci**. Trad. Felipe Miguel. 1.ª Ed. - Editora Descobrir, MG, 2022, p. 115-120.

<sup>48</sup> Mark DOOLEY; MIGUEL, Felipe (org). **A Longa Marcha de Antônio Gramsci**. Trad. Felipe Miguel. 1.ª Ed. - Editora Descobrir, MG, 2022, p. 115-120.

o predomínio do denominado “marxismo cultural” a la Gramsci em todas as instituições dos países ocidentais.<sup>49</sup> As instituições acadêmicas hodiernas não interessam na promoção dos valores e princípios da cultura, arte e filosofia greco-romana que formataram pensamento Ocidental, mas trocaram esses valores de erudição e busca da verdade científica pela cultura de pautas baseadas no politicamente correto da argamassa ideológica do movimento woke.

No capítulo que segue, discorre-se acerca das principais pautas socioeconômicas e político-culturais defendidas pelo movimento woke, sem jamais ter a pretensão de exaurir sua densa repercussão nos diversos ramos de influência, mas tão só contribuir para auxiliar na compreensão deste fenômeno.

---

<sup>49</sup> Mark DOOLEY; MIGUEL, Felipe (org). **A Longa Marcha de Antônio Gramsci**. Trad. Felipe Miguel. 1.ª Ed. - Editora Descobrir, MG, 2022, p. 115-120.

# **CAPÍTULO 4**

---

**PRINCIPAIS PAUTAS SOCIOECONÔMICAS E  
POLÍTICO-CULTURAIS ENCAMPADAS PELO  
MOVIMENTO WOKE**

Nesta seção, ocupa-se em dissertar acerca das principais bandeiras socioeconômicas e político-culturais presentes no movimento woke, começando pela questão racial, depois tratando do processo de inclusão do ativismo LGBTQ+ e do feminismo interseccional, entre outros aspectos de tensionamento popular dele decorrente.

## 4.1 O RACISMO

Dentre todas as pautas encampadas pelo movimento woke, seja o feminismo, a desigualdade social, as questões de gênero, talvez a bandeira racial, que deu origem a todas as demais, seja a mais controvertida, visto que destoa da racionalidade e mais se aproxima de uma profissão de fé religiosa do que uma teoria fundada em pressupostos e princípios minimamente lógicos, que mais provocam divergências e não consenso. Paradoxalmente, os ativistas woke consideram-se “antirracistas”, contudo, dadas as definições e visões radicais, ao invés de contrabater comportamentos racistas, têm uma verdadeira ideia fixa pela raça.

Num momento em que as teorias racistas perderam por completo suas credibilidades científicas, os militantes da cultura woke, que auto se intitulam “racialistas”, deram a luz a uma nova “doutrina teórica”, a saber, a “Teoria Crítica da Raça ou CRT”, que sustenta que todas as interações sociais da vida humana devem ser consideradas sob a perspectiva da raça. Não considerar a cor da pele na problemática racial seria a forma mais expressiva e agressiva de racismo. Quem não aceitar e não partir do pressuposto de que as pessoas são tratadas e diferenciadas em função de sua cor é, na sua essência, o verdadeiro racista. Os racialistas do movimento woke visam contrabater a desigualdade racial não com vista a dissuadir quem tenham esse comportamento injusto e abjeto, mas praticando discriminações contra quem os discrimina.<sup>1</sup>

Jean-François Braunstein<sup>2</sup> observa que a teoria crítica racial, que por um bom tempo se restringiu ao meio universitário norte-americano, iniciando nos cursos de direito, vem se alastrando agora desde o jardim de infância até às academias e que o mesmo vem acontecendo na França, todavia, o antirracismo ajustou-se à sua realidade e, no lugar do negro discriminado, tem-se os imigrantes das ex-colônias francesas como vítimas do racismo sistêmico. Vivek Ramaswamy<sup>3</sup>, por seu turno, consigna que a Teoria Crítica da Raça - (CRT)<sup>4</sup> foi desenvolvida originalmente na Escola de Frankfurt, que se notabilizou como um movimento filosófico, no limiar dos anos 1900, que visou aplicar as teorias marxista aos sistemas socioe-

1 Jean-François BRAUNSTEIN. *La religión Woke* (Spanish Edition). La esfera de los Libros, S.L.. Edição do Kindle, p. 112-4.

2 *Ibid.*, p. 113.

3 Vivek RAMASWAMY. *Nation of Victims: Identity Politics, the Death of Merit, and the Path Back to Excellence*. Center Street. Edição do Kindle, 2023, p. 82.

4 Critical Race Theory (CRT)

conômicos, cujas diversas manifestações dimensionais da CRT partem de um referencial comum que é dividir o mundo entre opressores e suas vítimas.

Jean-François Braunstein observa que esse novo antirracismo da cultura woke ganhou notoriedade popular com Black Lives Matter, cujos principais corifeus de divulgação do movimento são a socióloga branca Robin DiAngelo, o ativista antirracista e historiador Ibram X. Kendi, o jornalista Ta-Hehisi Coates e Layla Saad, autora britânica da mídia social. São escritores, com muitos livros *best-sellers*, que mais se assemelham à livros de autoajuda e de salvação pessoal, voltados as pessoas brancas, de leitura obrigatória pelos wokeístas, inclusive pelo Ministério da Defesa dos EUA, pelos sindicatos de professores, além de incontáveis universidades e empresas. Esses autores atuam como tutores de diversidade, sendo convidados a darem palestras com cachês nada módicos.<sup>5</sup>

Digno de mencionar também o ensaísta e escritor Joseph Bottum, que concedeu entrevista ao jornalista da Spiked<sup>6</sup>, Sean Collins, em 21 de agosto de 2020. Na oportunidade, Bottum discorre acerca da “culpa branca” que é inerente ao mero fato de ter nascido branco, a qual tem essência lógica e psicológica com o Pecado Original, com um pequeno diferencial, na culpa branca não há salvação para as pessoas brancas, ainda que se arrependam de seu pecado. De onde advém o ritual proposto pelo ativismo woke, no qual pessoas brancas, num ritual de expiação dos pecados, lavam os pés de negros, reconstituição simbólica do martírio através do ritual do lava-pés, como forma de reconhecimento de seu pecado original. Decorre daí, a cultura da proscricção e do ostracismo. A cultura do cancelamento consiste na mais nova e contagiosa ideia religiosa da proscricção, em relação às pessoas que são obrigadas a reconhecer a sua culpa.<sup>7</sup>

Como bem observa Braunstein, esses antirracistas do woke, com sua profissão de fé racialista, como eles próprios se autodenominam, caem numa flagrante contradição ao não propugnarem destruir a noção pseudocientífica da raça como outrora os verdadeiros antirracista tradicionais se empenharam. Num momento em que a cultura do ocidente, no pós Segunda Guerra Mundial, logrou-se de vez dar um basta nesta nefasta teoria de raça humana, os ativistas do woke a revigoram na sociologia numa ideia fixa de culto à raça. Há pouco tempo, os antirracistas tradicionais sustentavam que aquele que leva em conta a “raça” de uma pessoa, de plano, era racista, obrigando-se a tratar a todos de forma

<sup>5</sup> Jean-François BRAUNSTEIN. *La religión Woke* (Spanish Edition). La esfera de los Libros, S.L.. Edição do Kindle, p. 114.

<sup>6</sup> Spiked é a revista que quer mudar o mundo e também fazer reportagens sobre ele. Editado por Tom Slater e lançado em 2001, é irreverente onde outros se conformam, questionando onde outros se aprofundam na sabedoria recebida, e radical onde outros se apegam ao *status quo*.

(...) O nosso lema é “questionar tudo” – ou, como disse o New York Times, somos “a publicação britânica frequentemente mordaz, que gosta de perfurar todo o tipo de balões ideológicos”. Disponível em: <https://www.spiked-online.com/podcast/the-brendan-oneill-show/>. Acesso em: 31 Jan.2024.

<sup>7</sup> Sean COLLIN: *A nova religião dos antirracistas*. Disponível em: <https://revistaeste.com/revista/edicao-22/a-nova-religiao-dos-antirracistas/?logged>. Acesso em: 31 Jan.2024.

isonômica e indiferentemente a sua compleição física, sob pena de ser responsabilizado por tal conduta, haja vista que a noção de raça não havia suporte científico.<sup>8</sup>

Para os antirracistas wokeístas, como Robin DiAngelo acentua, realmente não existe a noção de raça sob a perspectiva biológica, todavia, o conceito de raça trata-se de uma construção social, que norteia todos os aspectos de nosso convívio interpessoal, seja na dimensão econômica, cultural, social e sentimental. A raça é onipresente. A tendência na contemporaneidade é expandir a todas às situações da vida e que tudo tem uma causa racista e, assim, fazer uma revisão da história ocidental demonstrando que toda construção cultural, técnica e científica não foi mais do que uma projeção de uma civilização racista e sexista. O que causa mais perplexidade é constatar que boa parte dos universitários compre essa ideia e, quem ouse a contrabatê-la, é condenado nas redes sociais, acusado de racista ou de defender a supremacia branca, sendo, não raras vezes, demitido de seu trabalho.<sup>9</sup>

O que mais causa espanto e pavor nessa paranoia coletiva é que, antigamente, quem viesse definir qualquer ser humano em razão de sua cor e pele era indiciado, processado e, se provado, culpado de racismo. Agora, na cultura woke fazer discriminação racial com pessoas brancas não é crime, pois nasceu culpado por ser branco e gozar do “privilégio branco” é o seu pecado original. Em contrapartida, todas as pessoas de cor não são racista. Mas, na visão woke de Ibram X Kendi, as pessoas brancas são racistas e culpadas, ainda que conscientemente entendem que não são. Kendi sustenta que a discriminação dos brancos consiste na única forma de se materializar a igualdade. Nessa medida, o racismo sistêmico não se apoia na ideia abjeta de superioridade de uma “raça” em relação a outra, trata-se de algo que não guarda relação com a vontade manifestada por uma pessoa ou por uma comunidade de pessoa que se julga superior a outrem. As pessoas brancas que dizem que são racista, são racista; mas, se verdadeiramente, as pessoas brancas dizem que não são racistas e nunca tiveram qualquer comportamento ou ação racista, mesmo assim, são racistas, pois decorre de seu Pecado Original de nascerem brancas.<sup>10</sup>

Os arautos ativistas do racismo woke rechaçam e inadmitem a causa dos antirracistas clássicos, os quais bravamente combateram pela existência de um mundo “daltônico”. Um exemplo clássico desse antirracismo fóssil e obsoleto pode ser evocado na célebre frase humanitária de Martin Luther King, a saber: “Meu sonho é que um dia meus quatro filhos vivam em um país onde não sejam julgados pela cor da pele, mas pelo seu caráter.”<sup>11</sup> Para os ativistas woke não julgar alguém pela cor da pele não tem validade alguma, não tem a

8 Jean-François BRAUNSTEIN. *La religión Woke* (Spanish Edition). La esfera de los Libros, S.L.. Edição do Kindle, p. 115-6.

9 Ibid., p. 115.

10 Jean-François BRAUNSTEIN. *La religión Woke* (Spanish Edition). La esfera de los Libros, S.L.. Edição do Kindle, p. 115-129.

11 Ibid., p. 127.

menor importância, não é mais considerado como um avanço ético-moral, espiritual e civilizacional do ser humano, mas, ao contrário, é uma postura racista, pois o ideal de exemplar antirracista é todo aquele que julga as pessoas pela cor da pele.

Braunstein traz as considerações de perplexidades do linguista negro John McWhorter em relação ao antirracismo dos cultores do movimento woke. McWhorter lamenta o fato de que as teorias racialistas dão cabo à emancipação individual e retornam ao pensamento “tribal”. McWhorter denomina o racialismo woke de “elitismo”, que é a doutrina dos “eleitos” a ponto de considerar o racismo branco tão avassalador que reduz as pessoas negras ao nada, de não existirem individualmente, pois as pessoas brancas são as eleitas, por isto são supremacistas brancos.<sup>12</sup>

Como para os novos antirracistas woke, que veem racismo em tudo, como confessa Layla Saad que conta nos dedos de uma mão quando foi flagrantemente vítima de racismo, mas foram incontáveis, às vezes, que sofreu racismo sutil. Na mesma condição de sutileza encontra-se o que a cultura woke denomina de “racismo ambiental”, que, embora invisível, se propaga pelo ar que se respira. Como bem sentencia Braunstein, se se tem racismo sutil ou invisível, é porque não tem mais existência real, ou está encaminhando para o desaparecimento, nas sociedades que estão em processo avançado de indiferença à raça. Tanto é verdade que, nos EUA, as vítimas negras alvejadas por tiros de policiais é de 60 a 80 por cento menor do que nos anos de 1960. Os supremacistas brancos da Ku Klux Klan, em 1920, eram entre três a oito milhões nos idos de 1920. Atualmente, os membros desta detestável organização não passam de 8 mil.<sup>13</sup>

As pessoas acusadas de racistas pelos ativistas da cultura woke, com base na Teoria Crítica da Raça, ainda que não haja prova de serem ou que não se comportaram por qualquer ação racista ou sequer tivessem falado quaisquer palavras de cunho racista, são racistas mesmo assim. Nada disso é relevante, basta que sejam pessoas brancas ou que se comportem como brancos para serem racistas. Desse modo, como a Teoria Crítica da Raça goza do *status* da irrefutabilidade e, então, sob a análise da perspectiva filosófica de Karl Popper<sup>14</sup>, toda e qualquer teoria, afirmação ou enunciado que não submete ao crivo da verificabilidade, da refutabilidade, da falseabilidade, da testabilidade ou que transfere para o futuro ou para o transcendente a sua verificabilidade ou refutabilidade não tem validade científica. Isto é, a Teoria Crítica da Raça não é ciência, é religião, astrologia, futurologia etc., mas não ciência.

<sup>12</sup> Jean-François BRAUNSTEIN. *La religión Woke* (Spanish Edition). La esfera de los Libros, S.L.. Edição do Kindle, p. 117.

<sup>13</sup> *Ibid.*, p. 117-119.

<sup>14</sup> Karl POPPER. *Conjeturas e refutações*. Trad. Benedita Bettencourt. Coimbra: Almedina, 2006, p. 1-96.

Ou seja, a Teoria Crítica da Raça do movimento woke é rica em significados, mas absurdamente pobre em referência. A noção de conceito fora bem tratado no pensamento de Quine, ao observar que o “... significado é aquilo que a essência se torna quando se divorcia do objeto de referência e se casa com a palavra”<sup>15</sup>. Explica-se. Bem sabemos que cavalo alado, dragão, minotauro etc., são vocábulos repletos de significados, são ricos semanticamente falando, mas completamente destituídos da realidade fática, isto é, não têm correspondência com o mundo real das coisas. Nesta mesma condição encontra-se a Teoria Crítica da Raça, nela não há qualquer relação biunívoca com a realidade, não na dimensão racialista que o woke queira imprimir.

Outra questão bastante cara para os antirracistas woke refere-se ao uso de certas palavras ou expressões que denotam discriminação racial e que devem ser evitadas, se se não quiser ser tachado de racista. Palavras ou expressões do português como denegrir, moreno, ovelha negra, a coisa está preta, inveja branca, programa de índio, serviço de preto buraco negro etc. devem ser banidas de nossos dicionários<sup>16</sup>. Vivek Ramaswamy argumenta que esse controle da linguagem limita a nossa criatividade discursiva, sendo danoso para o nosso desenvolvimento intelectual. O sentimento de vitimização pela linguagem pode dar ensejo que as próprias palavras em si e não os seus reais significados ganham a luta sobre os valores e ideias.<sup>17</sup>

Para Ramaswamy, as palavras não são agressivas em si. Relata que, quando estava no ensino médio um colega seu o empurrou escada abaixo só porque havia feito várias perguntas em sala de aula. Isso sim é violência, pois não tive escolha de machucar ou não. Todavia, quando um antirracista progressista profere insulto racial contra mim, cabe a eu sentir-se ofendido ou não. Para Ramaswamy, nessas situações, bato de ombros e prefere seguir o seu caminho.<sup>18</sup>

Outra marca registrada do movimento woke é a cultura do cancelamento, seja porque a pessoa ou a empresa disse ou insinuou qualquer palavra, frase ou gesto que seja ofensivo ao culto woke sobre raça, gênero, sexo, feminismo, classe etc., sofre o cancelamento nas redes sociais ou outra forma qualquer de banimento, sem qualquer direito ao retratamento. Em relação ao cancelamento em virtude de ofensa racial, Vivek Ramaswamy, confesso admirador das contribuições de David Hume para o conhecimento filosófico, ficou

15 W. V. QUINE. *Relatividade e ontológica e outros ensaios*. Os Pensadores. 1ªed. – São Paulo: A. Cultural e Industrial. 1975, p. 255/264.

16 E o uso da expressão “**Deu um branco agora!**”? Alguma pessoa de cor da pele branca sentiria também discriminada racialmente por quem a proferisse? Claro que não! Esta expressão como as citadas acima não podem ser descontextualizadas para alegar discriminação racial. Isto é excesso de vitimismo.

17 Vivek RAMASWAMY. *Nation of Victims: Identity Politics, the Death of Merit, and the Path Back to Excellence* (p. 4). Center Street. Edição do Kindle, p. 3.

18 Vivek RAMASWAMY. *Nation of Victims: Identity Politics, the Death of Merit, and the Path Back to Excellence* (p. 4). Center Street. Edição do Kindle, p. 7.

perplexo e decepcionado ao saber que Hume foi a bola da vez na paranoia do cancelamento woke, sobretudo no auge dos ânimos exaltados pelos movimentos Black Lives Matter. Os ativistas do woke exigiram que a Universidade de Edimburgo trocasse o nome de um de seus edifícios, isto é, da Torre David Hume para que a nomeasse de 40 George Square, tudo porque, numa nota de rodapé de seu ensaio “Of National Characters”, Hume suspeitava que as raças não-brancas eram naturalmente inferiores às brancas em virtude destas terem realizado maiores conquistas.<sup>19</sup>

David Hume é considerado um dos maiores pensadores de todos os tempos. Immanuel Kant observou que o ceticismo de Hume o despertou de seu sono dogmático. Hume defendeu a teoria da evolução pela seleção natural, sem concluí-la. Charles Darwin tinha-no como um de seus escritores prediletos. Albert Einstein confessa que se não houvesse lido o “Tratado sobre a Natureza Humana” de Hume, jamais teria chegado a desenvolver a teoria da relatividade, pois foi de seu ceticismo da existência de um tempo universal objetivo a ignição intelectual que faltava para desenvolvê-la. Hume sustentava que o tempo consistia numa ilusão criada por impressões subjetivas.<sup>20</sup>

Essa paranoia de cancelamento woke, como um movimento da ideologia de esquerda global, já vem há muito ecoando no Brasil. Assim, em virtude da Lei Municipal n. 8.205/2023 do Município do Rio de Janeiro, o busto, em homenagem ao Padre Antônio Vieira, instalado no jardim da Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro (PUC-Rio), desde 2011, no município do Rio de Janeiro, será removido. O monumento foi doado pela Câmara Municipal de Lisboa, em retribuição à doação do busto do escritor Machado de Assis, que ocorrera em 2008 à Universidade Católica Portuguesa. Aludida lei proíbe manter ou inaugurar monumentos em homenagem a “escravocratas, eugenistas e pessoas que tenham perpetrado atos lesivos aos direitos humanos”.<sup>21</sup>

A vereadora Mônica Benício, do Partido Socialista e Liberdade (PSOL), uma das autoras do projeto, em matéria publicada na Folha de S. Paulo, sentencia: “Não vamos mais aceitar a naturalização e, pior, a exaltação de figuras que promoveram o racismo e o fascismo ao longo da história e hoje têm os seus crimes atenuados pelo revisionismo praticado pela extrema direita”.<sup>22</sup>

<sup>19</sup> Ibid. p. 46-7.

<sup>20</sup> Ibid. p. 47-8.

<sup>21</sup> A Lei Municipal n. 8.205, de 28 de novembro de 2023, de autoria dos Vereadores Chico Alencar e Mônica Benício, em seu artigo 1º estabelece que “Fica vedado, no âmbito do Município do Rio de Janeiro, manter ou instalar monumentos, estátuas, placas e quaisquer homenagens que façam menções positivas e/ou elogiosas a: I - escravocratas; II - eugenistas; e III - pessoas que tenham perpetrado atos lesivos aos direitos humanos, aos valores democráticos, ao respeito à liberdade religiosa e que tenham praticado atos de natureza racista. Parágrafo único. As homenagens referidas no caput e seus incisos já instaladas em espaço público deverão ser transferidas para ambiente de perfil museológico, fechado ou a céu aberto, e deverão estar acompanhadas de informações que contextualizem e informem sobre a obra e seu personagem.”

<sup>22</sup> Luciano Trigo: **O cancelamento do Padre Antônio Vieira**. Disponível em: <https://www.gazetadopovo.com.br/vozes/luciano-trigo/o-cancelamento-do-padre-antonio-vieira/>. Acesso em: 01 Fev.2024.

O escritor, jornalista e tradutor, Luciano Trigo observa que a personalidade de Padre Antônio Vieira foi enxovalhada como fascista e racista de extrema direita. Consigna que:

No século 17, por sua defesa dos cristãos-novos e judeus, Vieira entrou em confronto com a Inquisição. Hoje ele volta a ser perseguido, por novos inquisidores. Um dia, quem sabe, seus livros serão queimados em praça pública, em nome do amor e em defesa da democracia. ...

Ora, Vieira foi um homem do seu tempo, e vale lembrar que no século 17 inexistiam os conceitos de fascismo e de direita e esquerda. Por sua vez, a relação de Vieira com os escravos africanos já foi exaustivamente investigada, e a conclusão de todos os estudiosos sérios foi a óbvia: é hipocrisia, má-fé e desonestidade intelectual julgar alguém que viveu no mundo do século 17, quando não existia sequer a ideia de abolicionismo (que só surgiria no final do século 18, na Europa), com critérios e valores do século 21.<sup>23</sup>

Otto Maria Carpeaux, em sua obra “História da Literatura Ocidental – Vol. II”, observa que o Pe. Antônio Vieira detinha uma erudição enciclopédica, como pregador e como epistológrafo, salientando que Vieira se destacou como um brilhante jornalista, em defesa de uma política corajosa, sendo mais audacioso que outros escritores de seu tempo. Vieira possuía eloquência torrencial em favor dos judeus e dos índios escravizados, contra os impostos injustos, pregando nova política colonial, razoável e mercantilista.<sup>24</sup> Pe. Antônio Vieira nasceu em Lisboa em 1608 e morreu no Brasil em 1697. Alfredo Bosi também consigna que Vieira deixou uma obra documental com 200 sermões e 700 cartas, sendo geralmente conhecido como um dos principais defensores dos direitos dos povos indígenas, especialmente no Brasil, onde, no século XVII, se insurgiu contra a exploração e escravização das tribos indígenas, suscitando o ódio da Inquisição, que o perseguiu a ferros por dois anos, proibindo-lhe o uso de sua palavra em todo Portugal.<sup>25</sup>

E, agora, está sendo perseguido e censurado tenazmente pelos ativistas do woke, numa caça desenfreada a todos que suas mentes turvas e doentias elegem como opressor da vez. Nem mesmo o jacobino Maximilien Robespierre teria a obsessão febril que os ora arautos e moralistas exacerbados da Revolução Woke têm.

Segundo a Vereadora Mônica Benício, há uma lista de estátuas que terão que ser removidas, na qual se inclui a estátua do Marechal Luís Alves de Lima e Silva (Duque de Caxias), considerado por historiadores como racista e acusado de massacre de negros. Há também a estátua do General Humberto de Alencar Castelo Branco, acusado por violações aos direitos humanos, conforme a referida vereadora consignou no jornal Folha de São Paulo.<sup>26</sup>

23 Luciano Trigo: **O cancelamento do Padre Antônio Vieira**. Disponível em: <https://www.gazetadopovo.com.br/vozes/luciano-trigo/o-cancelamento-do-padre-antonio-vieira/>. Acesso em: 01 Fev. 2024.

24 Otto Maria CARPEUAX. **História da literatura ocidental**. Vol. II. 3ª ed. - Brasília: Senado Federal, Conselho Editorial, 2008, p. 924.

25 Alfredo BOSI. **História concisa da literatura brasileira**. 4ª ed. - São Paulo: Cultrix, 2006, p. 25, 43-45.

26 CNN Portugal: **Brasil vai retirar busto de padre Antônio Vieira após lei contra defensores da escravatura**. Disponível em: <https://>

Infelizmente, com uma postura de uma suposta e vanglória de uma impecável superioridade moral que os racialistas wokes lhes auto atribuem, apagam-se reputações de personalidades históricas. Atirem a primeira pedra aquele que não tenha um pecado sequer, preconiza a máxima cristã. Mas os ativistas woke são incólume ético-moralmente e o perdão, a misericórdia não fazem parte de seu paradigma de super-homens e supermulheres morais, embora renegam estas duas virtudes centrais do cristianismo que é o perdão e a misericórdia.

De forma simplista, o sentimento de vitimização, em escala cada vez mais crescente, poderia ser resolvida com a máxima cristã de perdoai uns aos outros como a ti mesmo, já que não há neste mundo quem não possa reivindicar a condição de vítima e, assim sendo, por consequência lógica, todos são opressores. Essa solução cristiana seria eficaz se o empoderamento de vítima fosse igual para todos, mas não é, visto que o complexo de vitimização é interseccional e hierarquizado. Existem vítimas que são mais vítimas que outras, e suas reivindicações são maiores, dificultando o perdão mútuo, tornando impossível que cada um abandonasse a suas queixas.

Aliás, Vivek Ramaswamy sugere uma hierarquia de vitimização. Ele alega que, no topo da escala interseccional de vitimização encontra-se a mulher negra gay, disputando o segundo lugar de mais oprimido estariam a mulher chinesa heterossexual, o homem branco gay. Contudo, se todos levarem às últimas consequências a ideologia de vitimização, a destruição completa de todos será algo inevitável. Assim, ainda que uns possam ser mais injustiçado pela opressão sistêmica que outros, o perdão, o reconhecimento mútuo da humanidade que há em cada um, é a única saída que nos manterá vivos.<sup>27</sup>

As queixas da comunidade negra são legítimas contra o comportamento policial. O BLM tornou-se um promissor produto industrial que viceja nas academias, na indústrias de belas artes e nos RH's das grandes empresas e na grande mídia tradicional. Esta aprisionada num mundo paralelo e autoreferenciado, engaiolada nos condomínios fechados, ávidas por isolar do mundo a sua volta. O racismo sistêmico quer significar que envolve todo um modo de ser da sociedade e sua eliminação passa por uma reengenharia de mudança de todas nossas perspectivas de vida e com a demolição do sistema e reedificá-lo no nível mais básico possível<sup>28</sup>.

Os reitores das universidades dobram-se contritos enfrente do altar do racismo sistêmico, mais pelo medo do ostracismo, do cancelamento, do que da consciência da

cnnportugal.iol.pt/padre-antonio-vieira/estatua/brasil-vai-retirar-busto-de-padre-antonio-vieira-apos-lei-contra-defensores-da-escravatura/20231130/6568301bd34e65afa2f82168. Acesso em: 01 Fev.2024.

27 Vivek RAMASWAMY. *Nation of Victims: Identity Politics, the Death of Merit, and the Path Back to Excellence* (p. 4). Center Street. Edição do Kindle, p. 189-198.

28 RENO, R. R.; MIGUÉL, Felipe (org). *O Roteiro Woke*. Trad. Felipe Miguel. 1.ª Ed. - Editora Descobrir, MG, 2022, p. 45-57.

isonomia humana de reconhecimento do próximo. Os estudos de diferentes pesquisadores verificaram que a preocupação com o racismo nos EUA tornou-se mais um sentimento dos brancos de classe média alta, normalmente liberais progressistas, do que da comunidade negra, a qual alega ter problemas mais prementes a se preocupar como a segurança nos bairros onde vivem. A queixa dos branco é mais um luxo de ricos e o problema dos negros é um problema real e premente. Quanto ao culto woke entre os brancos trata-se mais de uma superstição religiosa dos brancos do que um problema real mesmo. Isto não quer significar que as discriminações contras as minorias não sejam sérias e são problemas sim que merecem especial atenção. Contudo, essas discriminações estão longe de serem as ameaças mais prementes e letais à saúde da sociedade.<sup>29</sup>

Ao evoluirmos humanamente e passarmos a enxergar nós mesmos e as demais pessoas como verdadeiramente iguais, atingimos um grau de excelência, pois nos tornamos conscientes que demos um grande passo por termos conseguido ver as pessoas como elas realmente são. Desse modo, por meio dessa lente, perdoar o preconceito de outra pessoa não é um enorme auto-sacrifício, mas passamos a reconhecer ou compreender que nem você nem as outras pessoas jamais podem ser definidas pelo mal que alguém ou outras pessoas fizeram a você. Perdoar a intolerância de alguém não significa que você esteja desistindo de uma queixa que legitimamente você é titular desse direito, mas ter a clareza de entendimento que o mal que lhe fizeram a você consiste na menor parte de quem eles são, que eles somente fizeram uma confusão ao definir você pegando a menor parte de quem realmente você é. Se as pessoas puderem reconhecer que aquela pequena parte de nós está muito longe do núcleo ou da essência que realmente somos.<sup>30</sup>

Com base nos ensinamento de Vivek, não é crível que tomemos apenas a pequena parte de uma pessoa para odiá-la, seja a sua parte da pele negra, seja a sua parte de orientação sexual gay, seja a sua parte de pele branca, seja sua parte de seu sexo ou gênero, seja a sua a parte de ideologia política progressista ou conservadora, quando nem sequer você se deu o trabalho em conhecer quem realmente essa pessoa seja. Quando alguém se liberta de sua condição de vítima, concomitantemente esse alguém se libertará de seus meros opressores.

A Teoria Crítica da Raça (CRT), ao sustentar que o racismo é sistêmico no sentido de que todos são culpados ou cúmplices, ainda que uma determinada pessoa em particular nada o fez de racismo pra ser responsabilizado, assim, não ser racista é impossível, deixa de ser uma tese que possa ser submetida ao crivo da verificabilidade para ser um axioma, que deve ser admitido como verdade absoluta sem a possibilidade de questionamento e, se

<sup>29</sup> RENO, R. R.; MIGUEL, Felipe (org). *O Roteiro Woke*. Trad. Felipe Miguel. 1.<sup>a</sup> Ed. - Editora Descobrir, MG, 2022, p. 45-57.

<sup>30</sup> Vivek RAMASWAMY. *Nation of Victims: Identity Politics, the Death of Merit, and the Path Back to Excellence* (p. 4). Center Street. Edição do Kindle, p. 203-4.

todos são culpados, não há uma gradação de culpa, não existe uma dosimetria que distinga a complexidade de uma culpa de outra, visto que até mesmo o pronunciamento de uma palavra pode ser considerado como atitude racista, considerado uma “agressão verbal”. Perspectivas teóricas demasiadas abrangentes e revolucionárias, como a CRT se propõe a ser, têm o condão de serem mais profissão de fé religiosa do que teoria científica.

Então, o que se propõe para esse desvario todo? Espera-se que possamos envidar toda a dedicação possível para, em conjunto, darmos cabo a esse problema, de sorte que o debatemos de forma respeitosa e desarmada, pois o custo do não-diálogo e do não combate às sentenças retóricas dos promotores da CRT pode ser desastroso para todos.

## **4.2 A INCLUSÃO DO ATIVISMO LGBTQ+ E DE QUESTÕES DE GÊNERO NO MOVIMENTO WOKE**

Como observado, o termo woke está ligado originariamente a um estado de alerta de autoconsciência acerca dos sistemas de opressão e discriminação racial dos afro-americanos, nos idos das décadas de 1960 e 1970 e que, recentemente, foi reavivado com o movimento Black Power e do Black Lives Matter.

Com o natural evoluir social, a acepção do termo woke foi ressignificado e expandido para incluir uma gama cada vez maior de questões relacionadas ao valor justiça social que, para além da pauta racial, abrigou também questões LGBTQ+ e de gênero, seja para ganhar visibilidade popular, seja por influências de outras minorias também vítimas das discriminações negativas sistêmicas. Essa inclusão foi fruto da pressão dos movimentos sociais contemporâneos, que exigiram um alargamento das reivindicações woke.

No século XXI, viu-se um crescer de movimentos sociais que combatem a opressão sistêmica e as recorrentes microagressões. Os movimentos LGBTQ+ e Black Lives Matter tiveram papel decisivo no woke no sentido de jogar luz em temas sensíveis de discriminação, antes relegados. Esse acréscimo contribuiu para uma maior visualização e, por conseguinte, mais adesão ao movimento woke que de repente passa de estar alerta, acordado com questões de discriminações raciais para incluir assuntos relacionados ao gênero, sexualidade, classe e deficiência.

Essa maior exposição e acréscimo de seu painel de questões socioeconômica e cultural, no sentido de enfatizar e problematizar todo tipo de opressão e injustiça, suscitam denúncias de que o movimento foi sequestrado e desnaturado de sua proposta original a ponto de inflacioná-lo, perdendo sua verdadeira essência, sobretudo por quem o usa mais

como autopromoção de superioridade moral do que comprometido com reais mudanças sociais.

Assim, o processo de evolução do woke buscou retratar as inquietações sociais e políticas que emergiram da história nos últimos anos. O termo woke encontra-se num contínuo processo de ressignificação alimentado por novas demandas sociais por mais justiça social *pari passu* abrindo flancos para crítica e objeções, ainda que o woke transcende o seu conceito para significar uma proposta legítima de contestação das injustiças sociais sistêmicas em prol de justiça e inclusão.

A busca pela justiça social configura outra forma de luta da ideologia woke, a qual almeja a criação de uma sociedade onde todos possam ter iguais condições de oportunidades e de acesso aos recursos materiais e intelectuais para se desenvolverem em sua dimensão física e espiritual, com vista instituição de um viver social mais equânime.

Dessa forma posta, constata-se que a cultura woke não se trata de um movimento insular, mas faz parte de uma gama de ideologias que tem pontos comuns de insatisfação social relacionada à desigualdade e à discriminação opressiva sistêmica. Essa união de esforços entre o woke, o feminismo interseccional e o movimento por justiça social em prol da igualdade de direitos, de oportunidades e de acesso aos recursos disponibilizados pela sociedade para todas as pessoas, visa a promoção digna de todos, sem preconceitos de origem, raça, sexo, cor, idade e quaisquer outras formas de discriminação.

Todavia, a despeito dessas salutares moções para o convívio harmônico e sadio no seio social, não rara vezes, a prática de suas ações na materialização de seus objetivos possa ser condenáveis por infligir aos seus adversários as mesmas injustiças que sobre si recaem.

Prova disso, oportuno o relato de Brendan O'Neill, da Spiked, em seu artigo "A bandeira LGBTQIA+ se tornou um símbolo woke", publicado em 22 de julho de 2022, observa que, na Inglaterra, nos dias de hoje, pobre de quem no comércio, banco ou prédio oficial, ouse não hastear a bandeira do Orgulho LGBTQIA+, sobretudo no mês do Orgulho LGBTQIA+. Salienta que esse movimento está deixando de ser um movimento voluntarista por igualdade, para se tornar um emblema de governantes descolados e intolerantes. Essa onda LGBTQIA+ já está atravessando as fronteiras da racionalidade e se alojando numa completa histeria.<sup>31</sup>

O'Neill, da Spiked, em seu artigo, destaca que "... a junta paroquial de Ockbrook and Borrowash, em Derbyshire, ganhou um problema quando se recusou a hastear a bandeira.

31 Brendan O'NEILL: "A bandeira LGBTQIA+ se tornou um símbolo woke". Disponível em: <https://revistaeste.com/revista/edicao-122/a-bandeira-lgbtqia-se-tornou-um-simbolo-woke/>. Acesso em 28 jan.2024.

‘Conselho de Derbyshire esnoba a bandeira do Orgulho LGBTQIA+ e gera revolta’, noticiou uma reportagem da BBC ano passado.”<sup>32</sup> É isso aí, se você não se curvar ao arco-íris, com certeza irá parar no noticiário, arremata.

O que se constata com a bandeira do Orgulho LGBT é que ela deixou de significar uma manifestação de reconhecimento pela igualdade das pessoas homossexuais para se tornar uma sinalização de virtude que indivíduos e instituições advogam ter. E o que é mais relevante nessa neurose generalizada é a evidência de um estampado culto à política identitária, à moda woke.

A histeria linguística também em voga, observa Brendan O’Neill, está impactando o modo como compreendemos o mundo em volta e como é possível conhecer a verdade. Em seu artigo “A guerra linguística contra as mulheres: como a palavra “mulher” se tornou proibida na sociedade woke”, o jornalista aborda a questão da guerra linguística contra as mulheres, ressaltando que o uso da palavra “mulher” passou a ser proibida pela comunidade woke. O’Neill relata que dois machos biológicos venceram o primeiro e o segundo lugares numa competição de ciclismo feminino. Observa que o Ministério Público inglês (Crown Prosecution Service, ou CPS) contratou uma consultora trans sobre diversidade, a qual sugeriu que a palavra “mulher”, “woman” em inglês, fosse substituída por “womxn”, no português algo como “mulhxr”. Consigna também que um estudo da King’s College London sugeriu que nos documentos oficiais, como o censo, com vista a evitar celeumas relacionadas a sexo/gênero, os formulários tivessem, por exemplo, a seguinte pergunta à pessoa: “você menstrua?”, em vez de “você é mulher?”.<sup>33</sup>

Salienta O’Neill que “Quando alguém tão mundialmente influente quanto Michelle Obama usa a palavra impronunciável “womxn”, como aconteceu nos “Stories” de sua conta de Instagram, você sabe que não são só universitários malucos com tempo livre e cabelo pintado de roxo que entraram no túnel da fluidez de gênero. Não, do mundo dos esportes à política, do sistema judicial à burocracia estatal, a ideia de que o sexo pode ser alterado e que a linguagem deve ser alterada para evitar que a minoria trans seja ofendida se tornou a ortodoxia.”<sup>34</sup>

Esse contorcionismo e misoginia linguísticos acarreta sérias consequências para o mundo real, pois, como o aludido jornalista observa, ao narrar casos de estupros de “mulheres trans” contra mulheres lésbicas, sublinha que uma suposta vítima de estupro

32 Brendan O’NEILL: “A bandeira LGBTQIA+ se tornou um símbolo woke”. Disponível em: <https://revistaeste.com/revista/edicao-122/a-bandeira-lgbtqia-se-tornou-um-simbolo-woke/>. Acesso em 28 jan.2024.

33 Brendan O’NEILL: “A guerra linguística contra as mulheres: como a palavra ‘mulher’ se tornou proibida na sociedade woke.” Disponível em: <https://revistaeste.com/revista/edicao-118/a-guerra-linguistica-contra-as-mulheres/>. Acesso em 28 jan.2024.

34 Brendan O’NEILL: “A guerra linguística contra as mulheres: como a palavra ‘mulher’ se tornou proibida na sociedade woke.” Disponível em: <https://revistaeste.com/revista/edicao-118/a-guerra-linguistica-contra-as-mulheres/>. Acesso em 28 jan.2024.

relatou à BBC as circunstâncias do acontecido e se referiu o agressor por “ele” e “dele”. Contudo, a BBC alterou os pronomes masculinos por pronomes neutros. Para O’Neill, trata-se de uma questão bastante preocupante, pois, se uma emissora pública britânica se preocupa mais em defender possíveis estupradores do que dizer a verdade, resta claro que a neurose linguística tomou conta e a verdade foi posta em segundo plano.<sup>35</sup>

Como o movimento woke é um movimento globalista, essa linguagem “neutre” do politicamente correto aportou-se no Brasil há um bom tempo, mas agora, com os políticos do espectro ideológico de esquerda no poder, transborda todo o seu radicalismo. A Aliança Nacional LGBTI+ e a Associação Brasileira de Famílias Homotransafetivas (Abrafh) propuseram uma Ação Direta de Inconstitucionalidade contra a Lei 21.362/2023, do Estado do Paraná, a ADI 7564, a qual proíbe o uso de linguagem neutra que contrarie as “... formas de flexão de gênero e de número das palavras da língua portuguesa em contrariedade às regras gramaticais nacionais.”<sup>36</sup>

Segundo as aludidas entidades, “... a linguagem neutra propõe a abolição das terminações que indiquem gênero feminino ou masculino nas palavras, por considerá-las “sexistas” ou “discriminatórias”. Ao invés de usar professor ou professora, por exemplo, defendem o uso de “professore” ou “professor@” ou “professorx”.” Os linguistas, em sentido oposto, observam “... a linguagem neutra pode ser um instrumento de desagregação social, em vez de inclusão, pois afeta negativamente deficientes visuais e cognitivos.”<sup>37</sup>

O escritor e analista político, Flávio Morgenstern, em seu artigo intitulado “A linguagem ‘neutre’ não é ‘inclusive’ - e nem é uma linguagem”, observa que o uso da linguagem neutra está sendo imposta no lugar da língua portuguesa por pessoas da elite política, no *marketing* e em debates universitários autorreferentes. Todavia, só “... não está na boca do povo”. Questiona o jornalista a legalidade de se usar essa língua artificial e inexistente e se o governo pode oficialmente fazer o uso dela, pois é contrária à lei, à cultura e à lógica. A polêmica acirra-se pelo fato não de se usá-la por ser uma língua neutra, mas resta evidente que se trata de uma linguagem ideológica. Assim, quem escreve ou pronuncie “eleites”, todes, amigxs, delus, deputad@s, com propósitos de inclusão, em verdade, não só está mudando um significante por outro, mas, em realidade, está fazendo propaganda política e de cunho totalitário, pois é *top-down*, que vem de cima para baixo, não orgânica,

35 Brendan O’NEILL: “A guerra linguística contra as mulheres: como a palavra ‘mulher’ se tornou proibida na sociedade woke.” Disponível em: <https://revistaeste.com/revista/edicao-118/a-guerra-linguistica-contra-as-mulheres/>. Acesso em 28 jan.2024.

36 Gabriele BONAT: **Defensores da pauta LGBT pedem suspensão de lei que proíbe linguagem neutra no Paraná.** Disponível em: <https://www.gazetadopovo.com.br/parana/defensores-pauta-lgbt-pedem-suspensao-lei-que-proibe-linguagem=-neutra-parana/?ref-busca>. Acesso em: 15 Jan.2024.

37 Gabriele BONAT: **Defensores da pauta LGBT pedem suspensão de lei que proíbe linguagem neutra no Paraná.** Disponível em: <https://www.gazetadopovo.com.br/parana/defensores-pauta-lgbt-pedem-suspensao-lei-que-proibe-linguagem=-neutra-parana/?ref-busca>. Acesso em: 15 Jan.2024.

mas inequivocamente refere-se a uma linguagem ideológica, com forte viés de imperialismo cultural, tal qual se dão nas ditaduras.<sup>38</sup>

O culto à vitimização na cultura woke tornou-se tanto uma obsessão que todos passam a pisar em ovos ao dialogar-se uns com outros, policiamos nossas falas no sentido de saber quais pronomes a serem usados, quais palavras ou expressões podem ser ditas, bem como quais figuras históricas podem ser ou não cultuadas, com o vigilante receio de sermos acusados de preconceituosos. Esse desvario woke molda a nossa forma de comunicarmos que empobrece o diálogo, vez que não podemos expressar certas ideias e pensamentos de forma livre, sincera, ainda que sejam proposições genuinamente verdadeiras referendadas por provas evidentes e substantivas. Não se pode mais expressar e compartilhar algumas reflexões e opiniões, não importando o quão sinceras sejam a veracidade de seus argumentos, se ofender qualquer perspectiva de vitimização progressiva, não podem ser ditas.

### 4.3 O MOVIMENTO WOKE E SUA PAUTA EM DEFESA DO FEMINISMO INTERSECCIONAL

O conceito de interseccionalidade no movimento woke consiste na possibilidade ou na constatação de determinada pessoa ocupar a condição de vítima em pelo menos duas classes interseccionadas de discriminação, como raça, sexo, gênero, classe socioeconômica, origem etc., seja por sofrer discriminação de raça e gênero ao mesmo tempo, raça e classe socioeconômica, raça e sexo etc. O wokeísmo político atual, que a cultura woke denomina de “pós-modernismo aplicado”, inicia-se com a interseccionalidade. Atribui-se à jurista afro-americana Kimberlé Crenshaw de criar o termo interseccionalidade, quando da publicação de seus dois artigos em 1989 e 1991<sup>39 40</sup>, ambos tiveram repercussão internacional, tornando um ícone global.<sup>41</sup>

Nesse sentido, cabe mencionar as conexões entre a cultura woke e outros movimentos ligados aos direitos civis, como o feminismo interseccional e os que dizem diretamente às questões relacionadas à justiça social. A atitude woke de ser propugna por um permanente

38 Flávio MORGENSTERN: “A linguagem 'neutre' não é 'inclusive' - e nem é uma linguagem. Disponível em: <https://revistaeste.com/revista/edicao-149/a-linguagem-neutre-nao-e-inclusive-e-nem-e-uma-linguagem/>. Acesso em 28 jan.2024.

39 O primeiro artigo de Kimberlé Crenshaw intitula-se “Desmarginalizando a interseção de raça e sexo: uma crítica do feminismo negro à doutrina antidiscriminação, à teoria feminista e às políticas antirracistas”, que estuda os diversos casos de mulheres negras que processaram grandes empresas americanas. O segundo, com o título de “Mapeando as margens. Interseccionalidade, políticas de identidade e violência contra mulheres negras”, que faz um estudo de campo em abrigos para mulheres vítimas de espancamento, situados em comunidades minoritárias, na cidade de Los Angeles. (Cf. Jean-François BRAUNSTEIN. *La religión Woke* (Spanish Edition). La esfera de los Libros, S.L.. Edição do Kindle, p. 135.)

40 Ange-Marie Hancock, considerada uma das mais atuais historiadora do movimento interseccional, alega que o surgimento do pensamento interseccional ocorreu bem antes dos artigos publicados por Kimberlé Crenshaw. Na realidade, em sua perspectiva, o débito da interseccionalidade para com o pós-modernismo teve influência considerável muito antes das obras de Foucault, Deleuze, Derrida e Jameson. (Cf. Jean-François BRAUNSTEIN. *La religión Woke* (Spanish Edition). La esfera de los Libros, S.L.. Edição do Kindle, p. 144.)

41 Jean-François BRAUNSTEIN. *La religión Woke* (Spanish Edition). La esfera de los Libros, S.L.. Edição do Kindle, p. 134-140.

estado de alerta e de consciência crítica frente às injustiças sociais, ao tratamento isonômico de condições e a busca constante pela dignidade da pessoa humana. Trata-se de uma visão de mundo que incita as pessoas historicamente marginalizadas a terem consciência de suas condições de vida, da forma desigual e injusta e de opressão sistêmicas vividos pelos grupos minoritários. E, uma vez estando cômicos dessa situação, incentiva à tomada de posição contínua por justiça e de contestação e mudança do *status quo* vigente.

Nessa perspectiva de postura, o feminismo interseccional, como extensão do movimento feminista, busca evidenciar as inúmeras formas de opressão relacionadas à sexualidade, ao gênero, à raça e à classe social. Desta forma, o feminismo interseccional visa demonstrar que as várias discriminações negativas se inter-relacionam na vivência humana, compartilhando com o movimento woke o seu propósito de contestação contra todo tipo de opressão e desigualdade.

Como observado acima, o movimento woke tem se desenvolvido com o acolhimento de diversas questões de cunho progressista, tais como o feminismo interseccional, meio ambiente equilibrado, tutela dos direitos LGBT+ e outras, ainda que essas questões sejam reconhecidas a sua importância por outras perspectiva ideológica de cunho liberal conservadora. Contudo, a ideologia progressista sofre forte influência do pensamento pós-moderno e às análises críticas relacionadas às questões de raça e gênero. Todavia, sobram críticas ao movimento por advogar uma postura de intransigência às opiniões dissonantes e cultivar um ambiente de cancelamento que desestimula a liberdade de discussão.

O woke, como assaz argumentado, caracteriza-se por um sistemático combate a opressão de sexo e gênero e propugna pela inclusão de todas as representações sociais marginalizadas. Assim, obviamente, não poderia deixar de fora a tutela dos direitos sexuais das mulheres e o movimento feminista em geral.

Para o movimento feminista, as questões de classes consistem em fonte primacial de opressão para com as mulheres e que a cultura woke de forma relevante tem contribuído para atrair a atenção da sociedade no sentido de conscientizá-la de suas reivindicações. Contudo, quando o woke centra demasiado na desconstrução de gênero e em grupos identitários, a luta pelas liberdades sexuais das mulheres fica comprometida.

Um caso emblemático do ativismo woke em defesa do movimento feminista, que ganhou repercussão internacional, trata-se da entrevista realizada pela jornalista Helen Lewis com o pensador, psicólogo (clínico e acadêmico) e escritor Jordan B. Peterson, *best-seller* internacional do livro “12 regras para a vida; um antídoto para o caos”.<sup>42</sup> Jordan

<sup>42</sup> Jordan Peterson debate com uma feminista acerca do seja o patriarcado”. Disponível em: [https://www.youtube.com/watch?v=27h\\_xA3Bsis](https://www.youtube.com/watch?v=27h_xA3Bsis)

desmitificou a tese falaciosa que a sociedade é dominada pelo sexo masculino, argumentando com base em dados estatísticos, observa que as feministas se apegam a uma amostragem ínfima e seletiva de homens de sucesso como representando o todo da sociedade, mas que, em realidade, esses dados são superiores tanto em relação às mulheres quanto a grande maioria de homens.

Na entrevista a feminista Helen Lewis observa que, no seu entendimento, o Patriarcado consiste num sistema de dominância masculina sobre a sociedade. Jordan Peterson indaga a entrevistadora: “Bem, sob qual aspecto a nossa sociedade é dominada pelos homens?” A entrevistadora responde que a maior parte da riqueza e de capital pertence aos homens, bem como a maioria do trabalho não remunerado é destinada às mulheres. Jordan Peterson contra-argumenta a entrevistadora alegando que essa proporção é ínfima, insignificante. Peterson sustenta que uma grande parte das pessoas que passa necessidade são homens; que a maioria das pessoas na prisão são homens; a maioria dos moradores de rua são homens; a maioria das vítimas de crimes violentos são homens; a maioria dos suicidas são homens; a maioria das pessoas que morre em guerras são homens; e que os homens estão com desempenho pior nas escolas. E questiona, “... onde está a dominância, precisamente falando?” Peterson observa à entrevistadora que a construção de sua tese feminista está se atendo a uma ínfima amostra de homens bem-sucedidos e usando dessa afirmação que a estrutura inteira da sociedade ocidental seja assim, mas nada disso tem correspondência com a realidade.<sup>43</sup>

Em reforço à tese de Jordan Peterson, Ana Caroline Campagnolo, professora, historiadora e Deputada Estadual por Santa Catarina, observa que é raro encontrar mulheres desempenhando trabalhos árduos e perigosos, prestando serviços em canteiros de obras, extração vegetal, aterros sanitários, plataformas de petróleo, usinas nucleares e diversas outras atividades. Sustenta ainda que, em realidade, o que se vê são privilégios femininos, como o da dispensa de irem à guerra, que, na sua concepção, que é o suprasumo dos privilégios.<sup>44</sup>

No próximo capítulo, parte-se para as últimas reflexões levantadas neste trabalho em relação à cultura woke, dentre tantas outras existentes e que também despertam bastante interesse e reflexões por estarem repletas de controvérsias<sup>45</sup>, mas por questões outras deixaram de ser discutidas aqui, todavia, noutra oportunidade, podem vir a ser debatidas. Assim, disserta-se sobre a influência do movimento woke no meio acadêmico e educacional;

<sup>43</sup> Jordan Peterson debate com uma feminista acerca do seja o patriarcado”. Disponível em: [https://www.youtube.com/watch?v=27h\\_xA3Bsis](https://www.youtube.com/watch?v=27h_xA3Bsis)

<sup>44</sup> CAMPAGNOLO, Ana Caroline. **Guia de bolso contra mentiras feministas**. Campinas, São Paulo: Vide Editorial, 2021, p. 12. (Edição do Kindle.)

<sup>45</sup> A título exemplificativo, cite-se a questão da cultura woke *versus* religião.

a questão do vitimismo em colisão com a valorização do mérito; e, ao final, a questão do sequestro do movimento woke pela política progressista.

# **CAPÍTULO 5**

---

## **REPERCUSSÕES NEGATIVAS ATRIBUÍDAS AO MOVIMENTO WOKE**

Neste aparte, discute-se acerca do quanto o movimento woke foi desnaturado de seus pressupostos iniciais, o que de certa forma algumas questões desse jaez já foram percorridas *en passant* nos tópicos precedentes, mas que agora se detém com mais afinco nas reflexões sensíveis que essa onda político-ideológica se envolveu e que, muito embora se reconheça sua importância para o despertar de uma consciência crítica em relação às contínuas injustiças socioeconômicas, tem sido alvo de contundentes e ponderáveis críticas na forma como o movimento tem evoluído.

## 5.1 INFLUÊNCIA DA CULTURA WOKE NO MEIO ACADÊMICO E EDUCACIONAL COMO UM TODO

A liberdade de discussão acadêmica consiste no princípio de ouro para o aprimoramento intelectual e contínuo evoluir do pensamento científico para a sociedade. Todavia, o movimento woke, com sua cultura de cancelamento, com seu fomento ao vitimismo e isolamento tribal, pode está dando um golpe fatal na liberdade de pensamento e na livre manifestação de ideias. O que se constata de uns tempos para cá, é que as instituições de ensino superior, idealizadas como um ambiente de liberdade de opiniões, lugar de livre fluxo de pensamento e de combate ao obscurantismo, notadamente ao religioso, deram a luz recentemente, entre o crepúsculo do século XX e as primeiras décadas do XXI, uma religião tão ou mais hermética do que aquelas que visavam combater, a saber: a religião woke.<sup>1</sup>

Tanto Karl Popper quanto Thomas Kuhn<sup>2</sup>, epistemólogos do conhecimento científico, são unânimes em dizer que o discurso científico não é unívoco, portanto, sobretudo para Popper<sup>3</sup>, a bem do próprio progresso da ciência, os resultados científicos devem estar sempre sob testes de verificabilidade e falseabilidade. Assim, de forma analógica, toda e qualquer reflexão sócio-político-econômica e cultural posta em discussão nas academias devem estar sendo sempre avaliada sob o escrutínio dos mais distintos *stakeholders*<sup>4</sup>, com vista à contínua depuração e refinamento de seus resultados.

Contudo, docentes e discentes, que não se perfilham à cartilha woke, são discriminados, estigmatizados, perseguidos, quando não expulsos/jubilados das instituições de ensino superior. O linguista negro John McWhorter descreve de “Medievais que vão ao

1 Jean Marcel Carvalho França: **Wokismo: uma religião universitária?** Disponível em: reservados.<https://www.gazetadopovo.com.br/opiniao/artigos/wokismo-uma-religiao-universitaria/?ref=busca>. Acesso em 05 Fev.2024.

2 Thomas KUHN, Thomas S. **A estrutura das revoluções científicas**. Trad. Beatriz Vianna Boeira e Nelson Boeira. – São Paulo, Perspectiva, 2009, p. 9-123.

3 Karl POPPER. **Conjeturas e refutações**. Trad. Benedita Bettencourt. Coimbra: Almedina, 2006, p. 1-96.

4 **Stakeholder**: “é uma pessoa ou grupo que possui participação, investimento ou ações e que possui interesses em uma determinada empresa ou negócio. O inglês *stake* significa interesse, participação, risco. Enquanto *holder* significa aquele que possui. *Stakeholder* também pode significar partes interessadas, sendo pessoas ou organizações que podem ser afetadas pelos projetos e negócios da empresa. Como exemplos de *stakeholders* imaginamos que estes estão relacionados aos projetos, e por isto, seriam gerentes, o patrocinador, a equipe e o cliente do projeto em questão, mas na prática, existem diversas outras partes interessadas, dentre as quais podemos citar: concorrentes, fornecedores e investidores, por exemplo.” Esse conceito de *stakeholder* foi extraído do **Portal Administração - Tudo sobre administração**. Disponível em: <http://www.portal-administracao.com/2014/07/stakeholders-significado-classificacao.html>. Acesso em: 29 jan.2024.

Starbucks” de devotos da seita woke, que “... repetem dogmas, expulsam hereges e rejeitam a razão, uma religião que está se tornando imposta pelo estado, universidades e corporações do Ocidente, apesar de ser rejeitada pela maioria dos cidadãos”<sup>5</sup>.

Segundo denuncia o jornalista norte-americano Michael Shellenberger, a reitora de Harvard, Claudine Gay, notabilizou-se nesta instituição de ensino superior ao desenvolver uma espécie de linguagem de manipulação. Gay desenvolveu e supervisionou a criação de um “Glossário de Termos de Diversidade, Inclusão e Pertencimento (DIB) ... para servir como ponto de partida para comunicação e aprendizado”. O propósito visou estabelecer limites entre docentes e discentes acerca das formas adequadas e inadequadas de pensar, iguais às denunciadas por George Orwell no “novilíngua” e “crimepensamento”. Esse glossário orienta os professores e alunos de Harvard no sentido de quais são os modos corretos e incorretos de pensar e falar. O radicalismo das ideias é extremo, embora, como os corifeus woke defendem, o conteúdo do glossário é claro e objetivo ao afirmar que não há espaço para discussão, seus preceitos devem ser obedecidos sem qualquer possibilidade de debate acerca de seus postulados. O glossário propugna por uma hierarquia racista e sexista, onde as “vítimas” desfrutam de uma superioridade moral aos seus “opressores”, e os dois grupos de “vítimas” e “opressores” são apartados e estabelecidos em função da raça, sexo e outros determinantes genéticos. O totalitarismo woke do glossário de Harvard, uma das instituições mais exclusiva do mundo, demoniza o mérito, o capacitismo, sendo promotora de ideias acientíficas de “apropriação cultural”.<sup>6</sup>

Shellenberger consigna que os ativistas e líderes woke, nas instituições de elite que lecionam, atuam sob o domínio de um dogma antissocial que é desumanizante, que se servem de uma linguagem esotérica falsa que manipulam emoções e pessoas. Observa que, num nível interpessoal, a melhor forma de lidar com esses ativistas narcisistas é ignorá-los. Acresce que aqueles que, ainda não foram contaminados por esses comportamentos anti-liberais, hipócritas e irracionais da cultura woke, devem envidar esforços argumentativos no sentido de um “... retorno aos padrões educacionais clássicos liberais, incluindo meritocracia, liberdade de expressão e pluralismo, ou o que hoje é chamado de “diversidade de pontos de vista”.<sup>7</sup>

5 Kyle Smith: **As “beatas” da religião woke.** Disponível em: <https://www.gazetadopovo.com.br/ideias/as-beatas-da-religiao-woke/?ref=busca>. Acesso em: 05 Fev.2024.

6 Michael Shellenberger: **Mentiras monstruosas: Harvard, New York Times e associações científicas sucumbem ao identitarismo.** Disponível em: <https://www.gazetadopovo.com.br/ideias/mentiras-monstruosas-harvard-new-york-times-e-associacoes-cientificas-sucumbem-ao-identitarismo/?ref=busca>. Acesso em 07 Fev.2024.

7 Michael Shellenberger: **Mentiras monstruosas: Harvard, New York Times e associações científicas sucumbem ao identitarismo.** Disponível em: <https://www.gazetadopovo.com.br/ideias/mentiras-monstruosas-harvard-new-york-times-e-associacoes-cientificas-sucumbem-ao-identitarismo/?ref=busca>. Acesso em 07 Fev.2024.

O movimento woke, tomado por um senso monopolista de defesa da justiça social e de defesa dos direitos humanos, sobretudo das minorias, advoga como o único a ter um discurso autêntico para tratar de questões complexas e sensíveis relacionadas aos direitos e garantias fundamentais. Qualquer posição contrária à sua perspectiva de visão de mundo em relação a essas pautas é considerada como atentatória à incolumidade desses valores e, não raras vezes, tacha as pessoas que têm entendimentos diversos de preconceituosas e logo promove o cancelamento ou o ostracismo social e a ridicularização das pessoas que ousarem discordar do paradigma woke.

Nos centros acadêmicos, esse radicalismo do movimento woke provoca consequências danosas para o progresso do conhecimento científico e do nível intelectual sadio de toda sociedade, que pode levar anos para serem revertidas para um ponto de centro da sensatez. Essa forma de agir da grei wokeísta impossibilita a plurimanifestação do pensamento que enriquece o debate acadêmico e promove o empobrecimento da liberdade de pesquisa, na medida em que os projetos de extensão e pesquisa são só admitidos se estiverem alinhados com a temática e visão delas com modo de pensar wokeísta, menoscabando a imparcialidade, a lisura e transparência na escolha das melhores proposta de estudo e pesquisa.

O professor de Filosofia e Psicologia na Universidade Federal de Juiz de Fora, Gustavo Castañon, observa que o aprimoramento do discurso woke de “combate às opressões e ao preconceito” tem o condão de intimidar professores covardes que se curvam a essa prática fascista de ameaçá-los com o desprezo e a desonra social, embora esses docentes entendem que a universidade pública é o ambiente para a produção e difusão do conhecimento, ainda que o silêncio e a inércia têm destruído com a concessão de bolsas de estudos a discentes pobres e capazes, “... passando a concedê-las em proporções cada vez maiores àqueles alunos “oprimidos”, que por coincidência são os que entram na universidade para fazer política com eles e para reproduzir essa fábrica irrelevante de papel sujo e lamento ressentido. Armados com esse discurso, alunos incapazes de executar uma mísera operação lógica ou formular adequadamente um argumento se tornam pessoas dotadas de uma “lógica diferente” perseguidas pela “elite branca e eurocêntrica”.<sup>8</sup>

O que não é aceitável no estudo científico é admitir que seus resultados sejam aceitos como dogmas e que não possam ser submetidos ao crivo da verificabilidade, do contrário, seus resultados seriam aceitos por fé e se tornaria religião e não ciência. Toda a comunidade acadêmica, sobretudo o corpo discente, é prejudicada nessa performance cultural, uma vez que não lhe são disponibilizadas outras perspectivas de pensamento, estreitando o horizonte

<sup>8</sup> Gustavo CASTAÑON: **Universidade pública: Os wokes e o complexo de Sherazade**. Disponível em: <https://www.gazetadopovo.com.br/opiniaao/artigos/os-wokes-e-o-complexo-de-sherazade/?#sucesso=true>. Acesso em 07 FEV.2024.

cognitivo acerca do tema sob investigação científica, o que desfavorece um ambiente de debate crítico sobre o assunto, formando acadêmicos com uma visão parcial e distópica acerca do mundo real.

Nessa conjuntura segregacionista da cultura woke em que se encontram as instituições de ensino superior, que inibe a promoção de um debate franco, aberto e honesto, reconhece-se que tanto a comunidade universitária e a sociedade de que dela depende têm um desafio ingente a ser enfrentado para a promoção de um verdadeiro e salutar progresso da pesquisa científica e da formação intelectual eclética para toda a comunidade interessada no progresso do conhecimento humano.

A busca de um equilíbrio na forma como as questões são discutidas, como os dilemas socioeconômicos e a cultura no ambiente acadêmico se faz premente, com vista à promoção e tutela dos direitos humanos para todos e não só para determinadas parcelas da sociedade, de sorte a possibilitar a liberdade de pensamento e a livre manifestação de ideias, garantindo um convívio harmônico entre as perspectivas do saber no ambiente universitário e conseqüentemente uma produção acadêmica diversificada e dinâmica, criando as condições indispensáveis para que todas as diferentes vozes sejam ouvidas e toda a manifestação do pensamento sejam verificada e sustentada a sua robustez, sua validade ou invalidade do estudo científico sob discussão.

Os princípios e valores de repúdio às injustiças sociais, a desigualdade socioeconômica, as discriminações de raça, gênero, origem alavancados pela cultura woke têm ganhado bastante capilaridade popular que transcendem as fronteiras da consciência social e política. No âmbito educacional, sobremodo na promoção de elevar o nível ético-moral da sociedade e na transformação da consciência crítica e independente das pessoas, verifica-se que o movimento woke tem tido influência na formulação da grade curricular do ensino superior e nos programas educacionais como um todo<sup>9</sup>.

O que se percebe nas instituições de ensino superior, com acentuado destaque para as públicas, ao invés de se prestigiar a liberdade de ensino para os acadêmicos, com vista a estimularem a tirar suas próprias conclusões e reflexões acerca das questões socioeconômica e cultural em voga, doutrina-os a fixarem presos a uma gaiola teórica e ideológica predeterminada, com suas crenças e cultos preconcebidos, que se aproximam de dogmas, profissão de fé, distanciando-os da verdadeira ciência, que é plural, em contínuo aperfeiçoamento de seus resultados. Dessa forma, o que se verifica é a uma formação acadêmica que não

<sup>9</sup> Gabriel de Arruda CASTRO: **Feminismo, desconstrução e ideologia de gênero: a nova agenda da Unesco para a educação.** Disponível em: <https://www.gazetadopovo.com.br/vida-e-cidadania/feminismo-desconstrucao-ideologia-de-genero-nova-agenda-unesco-educacao/?ref=busca>. Acesso em: 13 Jan.2024.

possibilita o desenvolvimento de um intelecto crítico e construtivo que todo meio universitário deveria proporcionar e fomentar aos discentes e a toda comunidade universitária<sup>10</sup>.

As universidades e as faculdades ao redor do mundo têm considerado a relevância de se inserir nos currículos temas relacionado à discriminação racial, de gênero e sexual, bem como questões relacionadas às disparidades socioeconômicas. É incontestável que o ambiente universitário e estudantil em geral não poderiam passar ao largo dessas questões que há muito tem causado perturbações sociais e gerado grandes injustiças, oportunizando o debate franco, sincero e honesto no meio acadêmico.

O acirramento dessa forma de agir com o monopólio do discurso acarreta a morte do mérito acadêmico e compromete a evolução intelectual dos universitários. A excelência de resultados no ensino superior deve ser um fim a ser almejado, contanto que os meios a serem utilizados, seja através da inclusão social, do combate às desigualdades socioeconômicas e do repúdio às microagressões, não podem ser perseguidos com o sacrifício do mérito acadêmico, porque significaria a própria morte do progresso técnico-científico, ético-moral, cultural e espiritual da humanidade, perdendo o sentido e o a razão de ser do ambiente acadêmico.

A procura por um contínuo equilíbrio entre os princípios e valores que o movimento woke busca conscientizar e a promoção de outros princípios tão importantes quanto, como a liberdade de expressão, a livre manifestação do pensamento e de ideias, é o norte a ser seguido. Um ambiente acadêmico sadio, onde vicejam o convívio harmônico e salutar entre concepções divergentes, ambas mutuamente inclusivas e visam o bem-estar e o progresso humano, seja em sua dimensão física, seja em sua dimensão intelecto-espiritual, promove o intercâmbio de saberes e conhecimentos, que auxilia na solução de problemas e no fomento às inovações decorrentes das interações interpessoais entre distintos sujeitos, que possibilita na formação acadêmica, profissional e cidadã dos discentes e docentes envolvidos, bem como de toda a sociedade.

## 5.2 O VITIMISMO EM COLISÃO COM A VALORIZAÇÃO DO MÉRITO

Verifica-se nessa onda do movimento woke que todos têm uma condição de vítima para dizer que é sua. Dentre as várias reflexões suscitadas em sua obra “Nation of Victims: Identity Politics, the Death of Merit, and the Path Back to Excellence”, no tocante ao estado de vitimização generalizado, Ramaswamy observa que todos têm uma história de oprimido

<sup>10</sup> Anamaria CAMARGO: **Concorrência na formação docente: mais capacitação, menos doutrinação. É preciso acabar com o monopólio do MEC sobre a formação e certificação docentes; a concorrência entre diferentes currículos formará professores mais capacitados.** Disponível em: <https://www.gazetadopovo.com.br/opiniao/artigos/concorrenca-na-formacao-docente-mais-capacitacao-menos-doutracao-ep351sdgrmuzan3xucs81i8xm/?ref=busca>. Acesso em: 13 Jan.2024.

e uma história de vítima para ser alegada. Oprimidos e vítimas são primos próximos e que concorrem entre si, sendo fácil transitar de um estado para outro. Padece dessa loucura contemporânea tanto progressistas quanto conservadores e todas as demais classes de vítimas e oprimidos. Contudo, há uma sutil e fundamental distinção entre o oprimido e a vítima no enfrentamento de suas condições. O oprimido combate e supera as forças contra si mobilizadas, enquanto a vítima convence os outros para que supere pra si as suas adversidades. O oprimido quer provar pra si mesmo que é capaz de vencer por si mesmo as adversidades; ao passo que a vítima exige às pessoas a sua volta que cuidem de suas dificuldades.<sup>11</sup>

Oportuno transcrever as sempre recorrentes palavras atribuídas ao Xequê Rashid bin Saeed Al Maktoum, o fundador de Dubai, que muito se assemelha à realidade de boa parte das sociedades ocidentais:

Meu avô andava de camelo, meu pai andava de camelo, eu andava de Mercedes, meu filho andava de Land Rover, e meu neto vai andar de Land Rover, mas meu bisneto vai ter que andar de camelo novamente. Tempos difíceis criam homens fortes, homens fortes criam tempos fáceis, tempos fáceis criam homens fracos e homens fracos criam tempos difíceis.<sup>12</sup>

Essa narrativa histórica, que mais reflete uma máxima popular, calha como uma luva no dilema hoje vivenciado na jornada enfrentada entre o oprimido e a vítima.

Tanto nos EUA quanto nos demais países do Ocidente, guardadas as suas devidas proporções, a expectativa de vida das pessoas aumentou desde o século XIX pra cá<sup>13</sup>. Nos EUA, 43% das famílias pobres possuem dois ou mais carros. Cada casa norte-americana possui pelo menos uma TV conectada à Internet, um computador ou tablet conectado à Internet e um smartphome. Aproximadamente, 82% das famílias pobres norte-americanas têm um ou mais *smartphones*<sup>14</sup>. Nos EUA, nenhuma família teve um membro que passou fome. Quase todos norte-americanos têm seguro saúde, podendo obter cuidados médicos, quando houver necessidade.<sup>15</sup>

Contudo, toda essa prosperidade dos norte-americanos e a considerável parcela das pessoas do Ocidente, guardadas as devidas proporções, podem se dar o luxo de sentirem vítimas interseccionais e ao invés de serem oprimidas. Nossos ascendentes dos séculos XIX e XX tinham que se preocupar com a sobrevivência e a construção de um mundo melhor

11 Ibid. p. 18-19.

12 Vivek RAMASWAMY. *Nation of Victims: Identity Politics, the Death of Merit, and the Path Back to Excellence* (p. 21). Center Street. Edição do Kindle, p. 20.

13 No Brasil, a expectativa de vida para homens e mulheres é respectivamente 72 e 79 anos. (Cf. IBGE: "Em 2022, expectativa de vida era de 75,5". Disponível em: <https://agenciadenoticias.ibge.gov.br/agencia-sala-de-imprensa/2013-agencia-de-noticias/releases/38455-em-2022-expectativa-de-vida-era-de-75-5-anos>. Acesso em 01 Fev.2024.)

14 A Internet já é acessível em 90% dos domicílios brasileiros. O número de domicílios que tinha telefone móvel celular aumentou de 94,4% para 96,3%, no período de 2019 para 2021. (Cf. IBGE: *Informações atualizadas sobre tecnologia da informação e comunicação*. Disponível em: <https://educa.ibge.gov.br/jovens/materias-especiais/21581-informacoes-atualizadas-sobre-tecnologias-da-informacao-e-comunicacao.html>. Acesso em 01 Fev.2024.

15 Ibid. p. 21.

para seus descendentes. Atualmente, estamos focados em nos preocupar com as microagressões, enquanto nossos antepassados estavam preocupados mais com a própria subsistência premente do dia-a-dia. Quando a obsessão das gerações hodiernas com as microagressões passa a ser tudo o que se tem para conhecer e discutir, elas se avultam e se tornam agressões ordinárias. Hoje, a “Geração Mimimi”, no dizer de Luiz Felipe Pondé<sup>16</sup>, preocupa-se com o uso de pronomes neutros, desinência de adjetivos e substantivos neutros para evitar ofender determinado grupo identitário, enquanto muitas pessoas em volta do mundo a fome é real, sendo a preocupação central em suas vidas indignas.

Vivek Ramaswamy, com muita propriedade, sustenta que essa política identitária cresce quando as pessoas se reconhecem pertencentes a uma identidade tribal por conta da ausência de uma identidade nacional. Observa que, na década de 1970, um grupo de estudiosos de esquerda sobre o direito, denominado “Estudos Jurídicos Críticos”, sustentava que o direito, na verdade, nada mais era do que uma política dissimulada, uma forma dos donos do poder, os fortes, controlarem e subjugarem os fracos.<sup>17</sup>

Ramaswamy observa que há uma tendência de se criar identidades grupais, com suas respectivas mentalidade de vitimização e, na maioria das vezes, são queixas legítimas e suas agruras e dificuldades são reais. As pessoas que são conscientes de suas dificuldades devem procurar encontrar qual a melhor forma de superar essa situação adversa, mas para os vitimizados hodiernos procurarem um opressor é muito mais confortável ou atribuírem a essa ou aquela pessoa as suas desventuras. A mentalidade de vítima criada pela cultura woke é que os vitimados procuram um inimigo para punir; ao passo que a mentalidade de um oprimido busca dentro de si quais as opções de saídas possíveis, encontráveis no mundo, que possam mudar para melhor aquilo que causa opressão.<sup>18</sup>

Ramaswamy pondera que, quando a pessoa concebe as adversidades ou males do mundo como sendo decorrentes das estruturas hierárquicas de poder, como os teóricos críticos da raça fazem, colocando os brancos no topo da pirâmide, seguidos pelos asiáticos, depois pelos latinos e, na base, estando os negros e nativos, essa pessoa tende a pensar e agir no sentido de que a saída melhor a ser realizada será a de inverter o sentido da escada de opressão, colocando-a de cabeça para baixo. E essa forma de raciocinar e se comportar vale também para as hierarquias de empregador x empregado, heterossexual x LGTBT+, homem x mulher etc. A tendência natural não é envidar esforços para eliminar ou mitigar a hierarquia existente, mas invertê-la. Se a lógica de ação é atacar a discriminação com outra

16 Luiz Felipe PONDÉ: “Geração Mimimi”. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=Q8mvcEAYCHo>. Acesso em: 05 Fev.2024.

17 Vivek RAMASWAMY. *Nation of Victims: Identity Politics, the Death of Merit, and the Path Back to Excellence* (p. 4). Center Street. Edição do Kindle, p. 54-83.

18 *Ibid.*, p. 112-113.

discriminação, que jamais chegará a um ponto sensato de harmonia, você é levado a crer que a justiça só é possível atravessando o rubicão ético-moral, ultrapassando limites com fraturas morais e até mesmo legais.<sup>19</sup>

Immanuel Kant defendeu uma máxima ética, como um imperativo categórico, que deveria ser empregada para todas as pessoas, tempos e lugares, qual seja: “Aja de modo a tratar a humanidade, seja em sua própria pessoa ou na de qualquer outro, sempre e ao mesmo tempo como um fim, e nunca meramente como um meio.”<sup>20</sup> Isto é: “... nunca use um ser humano como um mero meio para atingir um fim; nem mesmo se use como um mero meio para atingir um fim.”<sup>21</sup> O que se observa então nos complexos de vitimização é que os ativistas do woke, quais sejam, vítimas negras, vítimas brancas, vítimas indianas, vítimas de gênero, vítimas de origem, vítimas progressistas, vítimas conservadoras, estão usando suas próprias dores como um simples meio para alcançar um fim, o que atenta contra o imperativo categórico kantiano citado.

No referido imperativo categórico de Kant não se extrai dele que só sirva para corrigir distúrbio ético-morais ou mazelas mentais de outras pessoas, mas também é aplicável para os próprios problemas que uma pessoa possa ter. Assim, nos complexos de vitimização, sob a perspectiva kantiana, a pessoa, que usa a sua condição de vítima para atingir um fim financeiro ou obter empoderamento, usa a sua própria condição de ser humano como um meio para se chegar ao fim almejado. Desse modo, essa pessoa trata indignamente a si própria como pessoa humana, ao mercantilizar a sua própria dor. A pessoa que se vê como vítima e requer que outras pessoas assim a vejam, em verdade, está desrespeitando a sua própria humanidade.<sup>22</sup>

O complexo de vitimização se encaixa no comportamento preguiçoso como uma luva. Dessa maneira, quando se verificam os argumentos de políticos e ativistas progressistas em prol do perdão dos empréstimos estudantis, para não revelar o verdadeiro incentivo cru e nu à preguiça, eles usam o subterfúgio da narrativa de vitimização, seja o racismo sistêmico ou qualquer outro sentimento de injustiça sistêmica. O que parece ser uma proposta política nobre, na realidade, esses políticos estão defendendo o seu próprio interesse para subsistir politicamente.<sup>23</sup>

19 Ibid., p. 148-150.

20 Frederick COPLESTON. **Uma história da filosofia, vol. 3: do iluminismo francês a Nietzsche**. Trad. Eduardo Levy, Lucas Bernardes, Pedro de Almeida, Ricardo Harada e Ronald Robson - Campinas, SP: Vide Editorial, 2022, p. 303.

21 Vivek RAMASWAMY. *Nation of Victims: Identity Politics, the Death of Merit, and the Path Back to Excellence* (p. 4). Center Street. Edição do Kindle, p. 150.

22 Ibid., p. 150-153.

23 Vivek RAMASWAMY. *Nation of Victims: Identity Politics, the Death of Merit, and the Path Back to Excellence* (p. 4). Center Street. Edição do Kindle, p. 158-166.

Estudos desenvolvidos por Thomas Piketty, realizados com dados extraídos nos últimos dois séculos, dão conta que a taxa de retorno do capital investido gira em torno de 5 por cento, em contrapartida o crescimento do PIB (taxa de crescimento econômico) que é consideravelmente menor. Esse distanciamento crescente de riqueza perpetua-se com a herança, dando origem à formação de uma oligarquia informal. Para tentar deter essa disparidade, que acarreta desigualdade, Piketty sugere a atuação de duas forças principais: a primeira, a redistribuição deliberada da riqueza pelo governo e, a segunda, com o crescimento econômico elevado. Ao final de seu estudo, Piketty, que com a simpatia dos progressistas, defende uma maior tributação sobre a riqueza, notadamente sobre a herança.<sup>24</sup>

Vivek Ramaswamy observa que os estudos realizados em humanos e nos animais evidenciaram que não é a desigualdade em si que as pessoas se opõem, mas sim a desigualdade injusta. Se houvesse uma política pública que garantisse a igualdade de oportunidades para todos os cidadãos, haveria um sentimento de justiça entre as pessoas, ainda que houvesse desigualdade de riqueza.<sup>25</sup>

Os estudos de Piketty constataram que o retorno da taxa de investimento de capital continuaram crescendo mesmo com a desaceleração do crescimento econômico, nas últimas décadas, o que não soube explicar porque isso se deu assim. Isto é, naturalmente, a desaceleração da economia deveria vir com uma diminuição do retorno da taxa de investimento de capital. Ramaswamy dá a sua resposta atribuindo à ocorrência, no final da década de 1990 e no período pós-2008, de uma política monetária branda aliada a uma política fiscal graciosa, com financiamentos governamentais para aquisição de moradias na década de 2000, que consistiram em fatores decisivos para o fenômeno da continuação de altos retornos de aplicações sobre o capital e com o minguado crescimento econômico. Esse artificialismo da política monetária inflacionou os ganhos de capital dos ricos sem repercussão no aumento da produtividade.<sup>26</sup>

Esse cenário de desigualdade econômica injusta acirra-se com a cultura da preguiça e da vitimização, com as pessoas concorrendo entre si para obterem mais benefícios governamentais,<sup>27</sup> com isso o crescimento econômico descamba para uma vertiginosa queda. A cultura da vitimização do movimento woke, onde cada grupo de vítimas reivindica para si maior parcela do bolo, acelera a desigualdade de riqueza, ao invés de ter a atitude de oprimido e fazer o bolo crescer.<sup>28</sup>

24 Vivek Ramaswamy. *Nation of Victims: Identity Politics, the Death of Merit, and the Path Back to Excellence* (p. 21). Center Street. Edição do Kindle, p. 176 e s.

25 *Ibid.*, p. 177 e s.

26 *Ibid.*, p. 178 e s.

27 De forma análoga ao que observa Vivek Ramaswamy, aqui no Brasil, tem-se o programa bolsa família, auxílio presidiário, tudo que estimula a preguiça, ao invés de incentivar as pessoas a trabalharem.

28 Vivek Ramaswamy. *Nation of Victims: Identity Politics, the Death of Merit, and the Path Back to Excellence* (p. 21). Center Street. Edição do Kindle, p. 179 e s.

A meritocracia é um valor positivo ou negativo? É um valor positivo, mas a meritocracia contém um paradoxo que precisa de correção para que seja isento de críticas, haja vista que, se não for corrigido, ela guarda sementes de sua própria destruição. Mas essa correção não deve ser a sugerida por John Rawls em sua teoria da justiça.

A genialidade de John Rawls postulou uma forma de rejeitar a meritocracia e, ao mesmo tempo, usufruir de seus benefícios. Isto é, em sua teoria da justiça, estende uma mão para o capitalismo e outra para o comunismo, que se transformou no capitalismo progressista da ideologia de esquerda. Rawls parte da premissa anticapitalista que, por mais que uma pessoa trabalhe arduamente e detenha uma habilidade singular, isto não lhe dar o direito ou justifique que tenha mais posses do que outras pessoas. As posses adquiridas de seu árduo esforço ou de seu talento natural só serão justificáveis se você fizer a distribuição dos frutos de seu trabalho com as pessoas que estão em pior situação.<sup>29</sup>

Os políticos de esquerda têm uma verdadeira obsessão pelo imposto progressivo sobre a riqueza. Embora não será demonstrado aqui, visto que não é a proposta da discussão, mas essa política tributária dos progressistas mais a ruína a vidas dos miseráveis que querem melhorar e só aumentaria mais a riqueza daqueles que querem tributar.

O paradoxo da meritocracia pode ser corrigido com base na primeira proposta de Thomas Piketty e não na sua segunda proposta. A primeira, recomendável, é a que cria impostos sobre a herança. A segunda, é condenável, pois propõe tributar a riqueza dos esforçados e talentosos, ou seja, prestigia o mérito das pessoas punindo-as. A livre transferência de bens, riquezas num sistema baseado na meritocracia dará ensejo à criação de uma desigualdade injusta, pois não é justo que os filhos, que não contribuíram com um centavo sequer pelo que herdaram, isto é, não merecedores, recebam tudo o que os pais por seus próprios talentos e esforço conquistaram. Nesse cenário de transferência livre, cria-se aristocracia hereditária que corrói a igualdade de oportunidades que é vital para uma meritocracia sadia.<sup>30</sup>

Thomas Piketty defende um imposto global sobre a riqueza de 90% sobre todos os ganhos de investimento de capital acima de um milhão de dólares. Essa proposta causaria uma quebra generalizada no mercado, que infligiria mais danos à classe média e aos pobres do que aos ricos. Se essa proposta viesse acontecer, os ricos diminuiriam os valores de seus bens patrimoniais, pois são avaliados subjetivamente, e ocultariam seus bens financeiros, causando uma crise financeira que diminuiria a capacidades das empresas levantarem empréstimos para seus empreendimentos; as pessoas simples com aplicações em bolsas,

<sup>29</sup> John RAWLS. *Uma teoria da justiça*. Trad. Almiro Pisenta e Lenita M. R. Esteves. – São Paulo: Martins Fontes, 1997.

<sup>30</sup> Thomas PIKETTY. *O capital no século XXI*. Trad. Mônica Baumgarten de Bolle. 1ª ed. – Rio de Janeiro: Intrínseca, 2014.

que são as maiores, teriam que amargar com os seus investimentos em queda livre. Só para ficarmos nessas duas consequências, mas os desastres dessa política tributária de Piketty seriam de proporções catastróficas.<sup>31</sup>

É bem verdade que Thomas Piketty e Emmanuel Saez concordam que John Rawls foi longe demais na penalização do mérito, pois sustentam que as pessoas merecem lucrar com seu trabalho e com o seu talento natural.<sup>32</sup>

A proposta de Vivek Ramaswamy é a mais sensata, racional e viável, mas que esqueceu de colocar em sua equação o fator corrupção. Peketty, em sua pesquisa, defende um imposto com alíquota de 59% sobre heranças e propriedades, o que é aceitável para Ramaswamy. Este, de forma correta, observa que a meritocracia estaria salva de sua degeneração em aristocracia com desigualdade injusta se fosse desenvolvida uma política tributária que aplicasse um imposto sobre a herança e eliminasse todos os impostos progressivos sobre o rendimento que penalizam as pessoas que se esforçaram arduamente e criaram um patrimônio e que têm todo o direito dele usufruir enquanto estiverem vivas. Nada é mais prejudicial ao caráter de uma pessoa quando se dá tudo na vida a ela numa bandeja de graça. Ao contrário, todo cidadão deve trabalhar para o bem da nação e não alimentar-se dela.<sup>33</sup>

Há quem diga que o imposto sobre herança fique em torno de 59%. A teoria que sustentam esse percentual é aceitável. Contudo, as teorias de tributação de Peketty e Ramaswamy, que advogam essa alíquota, não colocaram na equação o grau de corrupção que os contribuintes de um determinado país convivem. Se tomarmos como exemplo a corrupção do Estado brasileiro atual, nos três níveis de governo, essa alíquota é demasiadamente injusta e causará sentimento de revolta na população.

Sob um purismo teórico-justributário, pode-se objetar que não se deve “confundir alho e bugalho”, isto é, fazer a confusão entre a política pública tributária com a política pública criminal, pois são campos de ação de gestão pública que não se conectam. Todavia, ousa-se discordar, visto que são ações de governo que estão intimamente interligadas, pois a moral tributária, com encargo fiscal justo, está intrinsecamente relacionada com o combate à corrupção<sup>34</sup>. A própria “curva de Laffer” também corrobora a efetividade da tributação, visto que cargas tributárias excessivas ensejam a retirada de recursos financeiros disponíveis no mercado, estimulam sonegação fiscal e à corrupção endêmica.<sup>35</sup>

31 Vivek RAMASWAMY. *Nation of Victims: Identity Politics, the Death of Merit, and the Path Back to Excellence* (p. 21). Center Street. Edição do Kindle, p. 209-232.

32 *Ibid.*, p. 212 e s.

33 *Ibid.*, p. 216 e s.

34 Klaus TIPKE. *Moral tributária do estado e dos contribuintes*. Trad. Luiz Dória Furquim. - Porto Alegre: Sérgio Antônio Fabris Ed., 2012, p. 72-98.

35 Matthijs ALINK; Victor van KOMMER. *Manual de Administração Tributária*. Trad. Vinícius Pimentel de Freitas. 1ª ed. Amsterdam

O que será mais injusto, transferir uma herança para filhos que não mereceram herdar os bens de pais meritórios ou transferir para os políticos e para toda a estrutura administrativa de um Estado corrupto? Entre transferir os bens patrimoniais e financeiros para o Estado, que vão enriquecer ilicitamente com o espólio transferidos a políticos corruptos, todos os pais, em sã consciência, preferem transferir para os seus filhos, ainda que não tenham merecidos por mérito, com os esforços deles, do que ver todo o suor e mérito de uma vida inteira parar na matula de ladrões. Desse modo, causaria uma desigualdade econômica mais injusta e perversa, com o enriquecimento ilícito e criaria uma classe de tecnocratas abastada, que se supõe seja mais ou tão pernicioso quanto a cultura da preguiça e da vitimização que se quer debelar, caso se aprove uma alíquota de 59% sobre a herança. No caso brasileiro, alíquota máxima de 8% já é por demais demasiada alta.

### 5.3 CONSEQUÊNCIAS DA RÁPIDA EXPANSÃO DO MOVIMENTO WOKE

Se é um tema que tem atraído a atenção e instigado muitos estudiosos, como pensadores, cientistas políticos, sociólogos, psicólogos e outras pessoas interessadas no assunto, a dedicarem tempo precioso de suas análises, pesquisas e reflexões, esta mosca nada inofensiva e perturbadora é o denominado movimento woke.

Um desses *expert* no assunto é N. S. Lyons<sup>36</sup>, em seu artigo “Não, a Revolução Não Terminou”, ele contesta os conservadores antiwoke e os liberais moderados que alegam que o movimento woke está tendo seus últimos suspiros. Observa que seus prognósticos não levam em conta os principais fatores que projetaram essa cultura de crenças ideológicas, que precisam ser despidas para verificarem, que não, a revolução não acabou e que, na realidade, está mais forte do que nunca e que está distante de seu fim.<sup>37</sup>

Assim, para a desventura de Lyons, ele destaca 20 motivos que provam o pleno vigor da onda woke, que são preocupantes. Dentre esse elenco, num esforço de síntese, comentam-se algumas, ainda que as demais sejam também inferências plausíveis. Inicialmente, naquilo que denominou de ideologia woke ou ideologia sucessora, observa que, normalmente, as pessoas não desistem de seus credos religiosos facilmente, pois, por mais que possam ser absurdas e ridículas suas crenças metafísicas, entendem-nas como justiça social.<sup>38</sup>

- Holanda: IBFD, 2016, p. 61-70.

36 N. S. Lyons (“é o pseudônimo de um ensaísta que trabalha na comunidade de política externa na capital dos Estados Unidos e escreve regularmente na plataforma Substack <https://theupheaval.substack.com/>”)

37 LYONS, N. S.; MIGUEL, Felipe (org). **Não, a Revolução Não Terminou**. Trad. Felipe Miguel. 1.ª Ed. - Editora Descobrir, MG, 2022, p. 19-43.

38 Ibid., p. 19-43.

Salienta que o liberalismo progressista, com vista a maximizar a autonomia individual, passou a exigir que o Estado criasse um rol, cada vez mais, de direitos, com o intuito de desvencilhar o indivíduo dos grilhões e restrições impostas pela tradição, pelas divisas geográficas, pela religião, comunidade, família e pela sua própria natureza. Segue-se daí que a cultura woke criou para si uma ideologia amorfa, caótica e contraditória, visto que, de um lado, postula um coletivismo tribal ou grupal de nós contra eles, com identidades de sexo, raça, gênero etc., por outro lado, brada por uma autonomia ilimitada no que tange às escolhas e preferências individuais.<sup>39</sup>

As redes sociais, com suas plataformas digitais, têm sido a mola propulsora para transformações culturais e políticas, havendo pensadores que atribuem os fatores tecnológicos como determinantes para sua ampla difusão. As pessoas otimistas, que acreditam que a maioria das pessoas são sensatas, não se deixam levar pelo pensamento estupidificante do movimento woke. Lyons, com base no filósofo Nassim Taleb, observa que não é a população majoritária que estabelece as novas regras sociais, mas sim a ditadura da minoria com facas nos dentes e sangue nos olhos, que a maioria não levou a sério, quando mal se dão conta, estão sob o domínio da minoria que ascendeu ao poder e passou a ditar suas normas bizarras e autoritárias.<sup>40</sup>

A manifestação da cultura woke não surgiu do nada, mas foi fruto de um longo e planejado movimento, haja vista que a instituição de novas ideias e a destruição dos princípios e valores existentes levam um bom decurso de tempo, normalmente de duas a três gerações. Os dados estatísticos, levantados da pesquisa Gallup, dão conta que percentuais acima de 50% a mais dos americanos da Geração Z são simpáticos às pautas da agenda woke e que o governo deveria envidar esforços para resolver os problemas suscitados pelo woke. Lyons sublinha que Jonathan Haidt e Greg Lukianoff publicaram um ensaio onde propuseram que os jovens da Geração Z desenvolveram física e psicologicamente “mimados”, sendo frágeis emocionalmente, por isto que se ressentem por qualquer “microagressões”, criam “espaços seguros” e “avisos de gatilho” e, as elites intelectuais, supereducadas, oriunda de uma burguesia hipercompetitiva, mas que não conseguiram o seu reconhecimento social, aproveitam dessa juventude vulnerável para acirrar suas queixas e inculcarem-nas o sentimento vitimista.<sup>41</sup>

As grandes corporações empresariais, com vista não amargarem prejuízos, aderem ao movimento woke com subvenções a todas as instituições que promovam a cartilha

39 LYONS, N. S.; MIGUEL, Felipe (org). **Não, a Revolução Não Terminou**. Trad. Felipe Miguel. 1.ª Ed. - Editora Descobrir, MG, 2022, p. 19-43.

40 Ibid., p. 25 e s.

41 Ibid., p. 27 e s.

woke, bem como desenvolvem treinamento com seus funcionários com consultores de Diversidade, Equidade e Inclusão (DEI - Diversity, Equity and Inclusion) para serem “politicamente corretos” para não serem processadas ou canceladas pelo ativismo woke. Hoje em dia, 100% das empresas norte-americanas têm em sua estrutura administrativa esse departamento para, no caso de serem processadas, alegarem que fizeram o dever de casa e, assim, não podem ser responsabilizadas e sim o funcionário faltante. As grandes fundações, como Fundação Ford, Mackenzie Scott, JPMorgan, Bill e Milinda Gates etc., despejam bilhões de dólares na promoção da cultura woke. Lyons salienta que Ibram X. Kendi, Robin DiAngelo e outros wokeístas, na defesa da Teoria Crítica da Raça ou o racismo woke, tudo deve estar sob a supervisão do estado, na fora dele e nada deve ser admitido contra o estado. A dramática e desesperadora verdade é que a ideologia woke é Leviatã e o Leviatã é woke. De tudo e por tudo, fato é constatar que a revolução woke não acabou.<sup>42</sup>

Verifica-se também que as redes sociais tiveram importância significativa na amplificação do conceito woke. Constata-se que a troca de informações no ambiente digital ocorre numa velocidade incrível, consistindo na ágora virtual formidável para a troca de informações, conhecimento e formação de opinião.

Nesse sentido, as redes sociais atuam como um amplificador bastante eficiente para que qualquer movimento tenha voz. Por meio das plataformas digitais, ideias, conceitos e notícias são propagados numa velocidade espantosa com alcance em escala global. O movimento woke encontrou nesse ambiente digital o meio ideal para a expansão de suas propostas e conceito. Assim, o termo woke, que surgiu de forma tímida na década de 1960 como sentimento de repúdio da comunidade negra americana contra a injustiça social e a discriminação racial, com o advento das redes sociais, expandiu-se como um movimento sociocultural de reivindicação de justiça social no mundo inteiro.

Com a criação da *hashtag* #StayWoke, o conceito woke ganhou reforço significativo. Esta *hashtag* tem atuado como uma forma de exortação a estar alerta em âmbito global contra as injustiças sociais persistentes e assim buscar meios para contra atacá-las e, se possível, eliminá-las. Em torno desta *hashtag*, as pessoas estão se organizando e vêm sendo estimuladas a externarem suas visões e experiências de sofrimento como vítimas do racismo e da discriminação estrutural e compartilhando suas idiossincrasias em resposta às injustiças sofridas. A *hashtag* serve como elo entre comunidades distintas para o enfrentamento das injustiças sociais, o que tem atraído o interesse dos principais meios de comunicação.<sup>43</sup>

42 LYONS, N. S.; MIGUEL, Felipe (org). **Não, a Revolução Não Terminou**. Trad. Felipe Miguel. 1.ª Ed. - Editora Descobrir, MG, 2022, p. 19-43.

43 Korn traduções: “**Woke: Entenda o significado desse termo**”. Disponível em: <https://korntraducoes.com.br/woke-adjetivo/>. Acesso em: 03 Jan.2024.

A despeito de todo esse sucesso de ampla divulgação nas redes sociais, fato é que toda esta ampla disseminação de seus ideais não implicou só em perspectivas positivas, mas um palco como as redes sociais, onde inúmeras experiências individuais são publicizadas em profusão estonteante, acarreta a perda de uma visão do todo, que dificulta reunir uma posição clara e definida do real conceito do termo o woke que abrace o maior número de insatisfação social. Outra externalidade negativa apontada por muitos críticos refere-se à cultura do cancelamento, como ferramenta de luta associada ao movimento woke, onde pessoas e instituições são denunciadas com práticas político-sociais contrárias à pauta woke e, como forma de retaliação, são ostracizadas<sup>44</sup>.

Em conclusão, se por um lado as redes sociais serviram como uma vitrine para divulgar as pautas do movimento woke e dar uma maior robustez conceitual, passando a ter contornos mais amplos e complexos em busca da justiça social e de denúncia e combate à discriminação racial, de gênero, de sexo e das minorias, por outro lado, seus críticos denunciam a filosofia woke por criar tribos em detrimento da singularidades, a cultura do cancelamento do nós contra ele e atentar contra a liberdade de expressão, de livre pensamento e de ideias.<sup>45</sup>

Um número cada vez maior de celebridades e influenciadores da cultura pop têm aderido ao conceito woke e dando suas contribuições na divulgação das propostas do movimento para que mais e mais pessoas também se indignem e se oponham contra a opressão social sistêmica, a discriminação racial, de gênero e as minorias desassistidas. Como personalidade públicas que são, têm lugares de fala e são seguidas por milhões de pessoas, atuando como verdadeiros formadores de opinião, que têm o poder de influenciar comportamentos segundo suas crenças e sua forma de expressar.

Contudo, fato é reconhecer que não são todas as celebridades e influenciadores, simpatizantes do movimento woke que abracem a causa de forma sincera, consciente e autêntica, no intuito de propagar e debater ideias, lutar por mais justiça social e pela efetiva materialização dos direitos humanos, como seus legítimos porta-vozes, mas que, na realidade, se valem do discurso do movimento para se autopromoverem e, não rara vezes, se apropriam da linguagem woke com interesses financeiros, sem realmente desejarem as mudanças sociais que verdadeiramente eliminem ou mitiguem as desigualdades sociais e as discriminações raciais, de gênero e de sexo.

44 Vivek RAMASWAMY. *Nation of Victims: Identity Politics, the Death of Merit, and the Path Back to Excellence*. Center Street. Edição do Kindle, 2023, p. 45-52.

45 André Gonçalves FERNANDES: "O Admirável Mundo Novo do globalismo e do identitarismo". Disponível em: <https://www.gazetadopovo.com.br/opiniaao/artigos/admiravel-mundo-novo-globalismo-identitarismo/?ref=busca>. Acesso em: 14 Jan.2024.

Tom Slater observa que, uma década depois do registro na redes sociais, com a onda antirracista, com o estouro da política identitária nos EUA, racial e globalista, o movimento BLM, primeiramente, angariou uma quantia impressionante de dinheiro. Sublinha Slater que pairam controvérsias acerca da “mansão do Black Lives Matter”, um imóvel avaliado no valor de US\$ 6 milhões, adquirido de forma dissimulada pela Black Lives Matter Global Network Foundations, que se notabiliza como a organização principal do BLM. Acrescenta que, com o assassinato de George Floyd, aumentou substancialmente o número de doações empresariais ao BML, tais como Amazon, Microsoft, Airbnb e Unilever, chegando em 2020 com a soma final na casa de US\$ 60 milhões.<sup>46</sup>

Depois de denúncias acerca da exploração lucrativa do BLM, com a compra do imóvel de US\$ 6 milhões, a diretora-executiva do BLMGNF, Patrisse Cullors, demitiu-se do cargo, pois ela e outros estavam lucrando com o movimento em detrimento daqueles que realmente estão na base do movimento e lutam contra o racismo e a desigualdade econômica.<sup>47</sup>

O BLM passou a ser o maior movimento antirracista de projeção internacional na história moderna, todavia, despido de objetivo político que possa verificar ou atribuir a ele. Com uma narrativa própria e isolada de visar “erradicar a supremacia branca e criar poder local para intervir na violência infligida às comunidades negras pelo Estado e pelos justiceiros”, em realidade, o que se constata é a divulgação de ideias falsas acerca de uma polícia racista que aterroriza as comunidades afro-americanas, contudo, mais revelam desvarios identitários férteis que não se baseiam em evidências. Longe de querer sequer insinuar que o racismo não tenha existência real, tem. Há comunidades negras norte-americanas que ainda hoje sofrem com o legado do racismo e toda desigualdade econômica dele decorrente. Mas, a cada dia, verifica-se que o Black Lives Matter tem piorado as coisas.<sup>48</sup>

A proposta do BLM de exortar o não financiamento da polícia, após o assassinato de George Floyd, implicou na diminuição das forças policiais nas regiões com índice de criminalidade elevado. Tom Slater observa que, depois disso, “... Os assassinatos dispararam. Os tumultos - disfarçados de protestos pela mídia *mainstream* - devassaram comunidades negras e urbanas dos Estados Unidos. Uma atmosfera tóxica de censura e cancelamento dificultou até mesmo que se criticasse o que está acontecendo.”<sup>49</sup>

46 Tom Slater: **Como o Black Lives Matter se tornou um grande negócio**. Disponível em: <https://revistaoeste.com/revista/edicao-109/como-o-black-lives-matter-se-tornou-um-grande-negocio/>. Acesso em 28 Jan.2024.

47 Ibid., p. 2.

48 Tom Slater: **Como o Black Lives Matter se tornou um grande negócio**. Disponível em: <https://revistaoeste.com/revista/edicao-109/como-o-black-lives-matter-se-tornou-um-grande-negocio/>. Acesso em 28 Jan.2024.

49 Tom Slater: **Como o Black Lives Matter se tornou um grande negócio**. Disponível em: <https://revistaoeste.com/revista/edicao-109/como-o-black-lives-matter-se-tornou-um-grande-negocio/>. Acesso em 28 Jan.2024.

Essa deificação de George Floyd faz sentido? Alastram-se por todo território norte-americano inúmeras estátuas consagrando a memória dele e excomungando socialmente quem que ouse danificar algum dos monumentos que o homenageie. Certo é que jamais se justifica o assassinato de George Floyd. Contudo, Floyd pode ter sido vítima de seu próprio comportamento desregrado, visto que viveu uma vida que a forma como dera fim a sua existência seria a crônica da morte anunciada. Sabe-se que ele teve oito condenações criminais, sendo acusado ou preso por pelo menos dezenove anos, ainda que se possa questionar esses número, fato é que discutir o seu passado nada recomendável tornou-se um tabu. Há condenação por crime de assalto a mão armada em que apontou o revólver para uma grávida. Quando de sua morte, Floyd estava sendo procurado e preso por mais de um crime e que não cooperou com os policiais para ceder à prisão.<sup>50</sup>

Assim, se por um lado a divulgação nas plataformas digitais das pautas woke tem o condão de dar a conhecer ao mundo de suas legítimas queixas, por outro lado, abre-se um flanco atrativo para que aproveitadores se beneficiem financeiramente do movimento, sejam pessoas, instituições públicas ou privadas, em detrimento de defender as pessoas realmente vítimas do *establishment* econômico, social e cultural vigente.

#### **5.4 O SEQUESTRO DO MOVIMENTO WOKE PELA POLÍTICA PROGRESSISTA**

Os ideais da cultura woke de combate sistemático à injustiça racial encontraram terreno fértil na política progressista. Não é de causar espanto esse casamento perfeito entre os ideais do movimento woke com as correntes ideológicas das políticas de esquerda que trazem no seu DNA a proposta de uma engenharia social de alteração radical da configuração social estabelecida, como a invenção da roda no campo das estruturas da sociedade, não considerando a tradição, a cultura e a história dos povos como formas legítimas e naturais também para o desenvolvimento de instituições sociais válidas para o progresso humano, como a família, a religião, a comunidade e outras.

Essa associação se dá, primeiro, em virtude dos progressistas buscarem em seus discursos políticos o monopólio das pautas wokeístas de contestação das discriminações raciais, de gênero e de combate às desigualdades sociais, muitas vezes são meras ideologias que se distanciam de suas práticas no dia-a-dia; segundo, o sequestro da bandeira identitária de reivindicações socioeconômicas do movimento woke pelas políticas progressistas de esquerda passou nortear os seus discursos políticos em defesa de grupos minoritários relacionados à cor da pele, orientação sexual, de gênero e de identidade étnica em detrimento

<sup>50</sup> Michael ANTON; MIGUEL, Felipe (org). **Sem Precedentes**. Trad. Felipe Miguel. 1.ª Ed. - Editora Descobrir, MG, 2022, p. 83-4.

das particularidades individuais e das complexas interações humanas, ignorando outros valores também importante num debate sério e sincero, como valores de mérito e igualdade de oportunidades; e, terceiro, constata-se a promoção de uma cultura de silenciamento encampada pelo ideal woke de ser. Assim, qualquer perspectiva de mundo que não esteja alinhada com o pensar woke é excluída, tipificada como postura odiosa e contrária ao progresso da sociedade. Obviamente, essa forma de pensar e de agir impede a liberdade de expressão, que é considerado um dos princípios fundantes das sociedades democráticas.<sup>51</sup>

O reconhecido analista do Partido Democrata dos EUA, James Carville, concedeu uma entrevista à Vox<sup>52</sup>, no dia 27 de abril de 2021, na qual respondeu as perguntas feitas pelo jornalista Sean Illing. Na oportunidade, Carville fez contundentes críticas ao seu próprio partido. Observou que os democratas estão tomando um caminho preocupante e, no tocante à onda woke, consignou que o “Wokeness é um problema e todos sabem disso. É difícil falar com alguém hoje – e falo com muitas pessoas no Partido Democrata – que não diga isso. Mas eles não querem dizer isso em voz alta.”<sup>53</sup> Ao ser questionado por Sean Illing porque as pessoas do Partido Democrata não querem falar disso, Carville adverte: “Porque eles serão derrotados ou cancelados”.<sup>54</sup>

Vivek Ramaswamy observa que a entrevista de Carville teve grande repercussão, não por ter sido extraordinariamente perspicaz, mas por ter sido um dos primeiros político representante da esquerda norte-americana a reconhecer publicamente que a cultura woke tem atravessado os limites fronteiriços da sensatez e da razão, tornando-se um problema que deve ser enfrentado.<sup>55</sup>

É de se questionar se a inserção dos ideais da cultura woke pela política progressista realmente traz ganhos para a materialização dos direitos humanos, pois o fomento à tribalização e o incentivo na criação de grupos sociais de nós contra eles criam a polarização que impossibilita o diálogo plural e construtivo para o próprio evoluir dos direitos fundamentais de sorte a proporcionar um ambiente sadio de discussões sociais, onde diferentes visões possam dar o seu contributo em prol de um evoluir ético-moral da sociedade como um todo.

51 Vivek RAMASWAMY. *Nation of Victims: Identity Politics, the Death of Merit, and the Path Back to Excellence*. Center Street. Edição do Kindle, 2023, p. 1-7.

52 A Vox é *website* informativo, formado por uma equipe de mais 100 jornalistas e especialistas que pesquisam, reportam e produzem artigos, vídeos e *podcasts* sobre política, cultura, Supremo Tribunal, extremismo político, biodiversidade, inteligência artificial, crise climática e diversos outros assuntos do dia-a-dia que são contextualizados. Disponível em: <https://www.vox.com/pages/about-us>. Acesso em: 03 Fev.2024.

53 Livre tradução do texto em inglês: “Wokeness is a problem and everyone knows it. It’s hard to talk to anybody today – and I talk to lots of people in the Democratic Party – who doesn’t say this. But they don’t want to say it out loud.”. (Cf. VOX: Wokeness is a problem and we all know it. Disponível em: <https://www.vox.com/22338417/james-carville-democratic-party-biden-100-days>. Acesso em: 03 Fev.2024.)

54 Livre tradução do texto em inglês: “Because they’ll get clobbered or canceled.” (Cf. VOX: Wokeness is a problem and we all know it. Disponível em: <https://www.vox.com/22338417/james-carville-democratic-party-biden-100-days>. Acesso em: 03 Fev.2024.)

55 Vivek RAMASWAMY. *Nation of Victims: Identity Politics, the Death of Merit, and the Path Back to Excellence* (p. 4). Center Street. Edição do Kindle, p. 195.



# CAPÍTULO 6

---

CONCLUSÃO

Dentre os diversos valores que informam a densidade axiológica do princípio democrático, destacam-se alguns como a igualdade de todos, justiça, liberdade de manifestação, liberdade de pensamento, pluralidade de ideias, tolerância de ideologias antagônicas, respeito e reconhecimento da minoria, direito à participação etc. Em que pese a importância de todos esses valores na formação do espírito democrático, eles seriam mera *vox flatulus*, sussurros sem a mais remota substância, sem que estejam impregnados da ideia de perdão.

Martin Luther King, de forma reiterada, fez alusões ao perdão como uma manifestação cristã. Perdão não quer significar submissão. Os ativistas da política identitária até podem admitir, reconhecer e conceder o perdão, mas só depois que seus oponentes sejam derrotados, se possível eliminados. Os ativistas do woke, com sua política de identidade em oposição a máxima cristã de perdão ao inimigo, de amor ao próximo, extraem dos jovens aristocráticos o que há de pior dentro de seus eus. Constata-se que os céticos são mais propensos a se sentirem dotados de uma superioridade moral do que aqueles que professam alguma fé religiosa. O perdão não tem lugar na ideologia woke, levando em conta o que se vê de ostentação de superioridade moral estampada nas redes sociais, que saem dos teclados em brasas fumegantes pelo mundo afora. O perdão é irreconciliável com nossos instintos, todavia, é isso que faz dele sagrado, divino<sup>1</sup>.

Verifica-se que todas as teorias dos liberais progressistas, passando pelo materialismo, a Teoria Crítica da Raça (CRT) e as teorias de gênero ora mais em voga, têm a obtusidade de tornar as complexas relações factuais humanas estridentes em chavões simplistas como a surrada expressão de que a civilização ocidental é umbilicalmente racista, ainda que seja fartos os relatos históricos de haverem escravos brancos por outras civilizações não ocidentais, assim como os próprios negros africanos escravizavam os seus próprios povos. Mas isso para o progressismo woke não são fatos históricos, são mera narrativas do conservadorismo.

Outra forte cruzada do progressismo woke refere-se à caça às bruxas de grandes figuras humanas do passado, que a arrogância moral de seus ativistas procuram apagar, cancelar e dão de ombros ao não se darem ao trabalho de pelo menos compreender que não se pode julgar o passado com os olhos do presente e, assim, desmerecer e destruir toda a riqueza cultural de nosso passado.

Como discorrido em linhas volvidas, tem-se que uma das mais expressivas críticas à cultura woke e que se apresenta bastante evidente nos adeptos do movimento refere-se

<sup>1</sup> Ed. WEST; MIGUEL, Felipe (org). **Pode Haver Perdão Depois do Cristianismo? Como um "Dia do Amor" poderia ajudar a cultura política.** Trad. Felipe Miguel. 1.ª Ed. - Editora Descobrir, MG, 2022, p. 126-129.

ao que muitos denominam de *virtue signaling*, que significa a ostentação de virtude, uma postura de comportamento que denota superioridade moral de seus ativistas em relação aos outros. Essa prática fica bem caracterizada quando corporações defendem opiniões políticas progressistas que são facilmente verificadas quando usam símbolos linguísticos e imagens próprias utilizadas por todos aqueles imersos e perfilhados com os referenciais axiológicos sustentados e defendidos pelo woke.

Consignou-se que, no movimento woke, a prática do cancelamento de cultura, que se não é possível de plano criticá-la, é, no mínimo, ponto de controvérsia. A cultura do cancelamento tem por escopo reprimir, condenar e excluir pessoas, notadamente conhecidas do público em geral, celebridades, que, às vezes, de forma que se pode dizer leviana cometem deslizes que colidem com visões de mundo do woke e que postam ou expressam atitudes reprováveis. Contudo, se por uma perspectiva a reprimenda às pessoas, que assim se comportem, seja até justificável, por outro lado, essa forma de banimento carrega consigo uma inevitável pena assaz exagerada, já que não lhes é dado a chance de retratamento, do perdão, de tolerância e de se reeducar.

Acresce-se a tudo isto ao fato do wokeismo, nessa *vibe*, se tem valor de inserção das minorias e de combate às diversas discriminações negativas (raciais e socioeconômicas), por outro lado menoscaba outro valor fundante das sociedades ditas democráticas, que é a liberdade de expressão. Quando o movimento woke condena e imputa penas severas a todos que tenham desvios de comportamento ou discursos que ofendam seus valores, acaba por inibir a liberdade de expressão na medida em que não reconheça outras formas de entendimento, também válidos e legítimos. Desse modo, os valores da cultura woke contrariam referenciais axiológicos caros das sociedades abertas onde a liberdade de expressão, a liberdade de pensamento e a livre manifestação de ideias são vigas ou balizas mestras que as sustentam e as mantêm de pé.

Por fim, constata-se que essa forma de ativismo do woke, de nós contra eles, ao se defender microagressões, estaria minando ou corroendo colunas estruturais da sociedade e que, ao invés de combater as desigualdades, passa fomentá-las. Configura um dilema a ser enfrentado entre fomentar a discussão acerca das injustiças sociais sistêmicas e como debelá-las entre os estudantes e, de outro, aceitar como única visão ideológica de luta e contestação desse *status quo* como sendo o protagonizado pelo movimento woke. Esse ideal de avanço social, segundo as pautas do woke de silenciar as vozes discordantes, corre o risco de provocar o efeito contrário, já que monopoliza o debate segundo sua agenda de pensamento único.

## REFERENCIAL BIBLIOGRÁFICO

ALINK, Matthijs; KOMMER, Victor van. **Manual de Administração Tributária**. Trad. Vinícius Pimentel de Freitas. 1ª ed. Amsterdam - Holanda: IBFD, 2016.

BLASKIEVICZ, Danielle: **Alunos empoderados: Nativos digitais, os integrantes da geração Z são conscientes dos seus talentos e capacidades**. Disponível em: <https://www.gazetadopovo.com.br/gpbc/guia-de-matriculas/2018/alunos-empoderados-4ps0xexd9u7tx0et2mwt8vp80/?ref=busca>. Acesso em: 14 Jan.2024.

BONAT, Gabriele: **Defensores da pauta LGBT pedem suspensão de lei que proíbe linguagem neutra no Paraná**. Disponível em: <https://www.gazetadopovo.com.br/parana/defensores-pauta-lgbt-pedem-suspensao-lei-que-proibe-linguagem=-neutra-parana/?ref=busca>. Acesso em: 15 Jan.2024.

BOSI, Alfredo. **História concisa da literatura brasileira**. 4ª ed. - São Paulo: Cultrix, 2006.

BOOS, David; MIGUEL, Felipe (org). **A Ira dos Filhos Menores: O que Motiva a Cruzada Contra a Nossa Cultura**. Trad. Felipe Miguel. 1.ª Ed. - Editora Descobrir, MG, 2022.

BRAUNSTEIN, Jean-François. **La religión Woke** (Spanish Edition). La esfera de los Libros, S.L.. Edição do Kindle.

CAMARGO, Anamaria: **Concorrência na formação docente: mais capacitação, menos doutrinação. É preciso acabar com o monopólio do MEC sobre a formação e certificação docentes; a concorrência entre diferentes currículos formará professores mais capacitados**. Disponível em: <https://www.gazetadopovo.com.br/opiniao/artigos/concorrenca-na-formacao-docente-mais-capacitacao-menos-doutracao-ep351sdgrnuzan3xucs81i8xm/?ref=busca>. Acesso em: 13 Jan.2024.

CAMPAGNOLO, Ana Caroline. **Guia de bolso contra mentiras feministas** / Ana Caroline Campagnolo – Campinas, São Paulo: Vide Editorial, 2021. (Edição do Kindle.)

CARPEUAX, Otto Maria. **História da literatura ocidental**. Vol. II. 3ª ed. - Brasília: Senado Federal, Conselho Editorial, 2008.

CASTAÑON, Gustavo: **Universidade pública: Os wokes e o complexo de Sherazade**. Disponível em: <https://www.gazetadopovo.com.br/opiniao/artigos/os-wokes-e-o-complexo-de-sherazade/?#success=true>. Acesso em 07 Fev.2024.

CASTRO, Gabriel de Arruda: **Feminismo, desconstrução e ideologia de gênero: a nova agenda da Unesco para a educação**. Disponível em: <https://www.gazetadopovo.com.br/vida-e-cidadania/feminismo-desconstrucao-ideologia-de-genero-nova-agenda-unesco-educacao/?ref=busca>. Acesso em: 13 Jan.2024.

CASTRO, Gabriel de Arruda: **“Como a “cultura woke” pode ajudar a reeleger Donald Trump”**. Disponível em: <https://www.gazetadopovo.com.br/opiniaio/artigos/como-a-cultura-woke-pode-ajudar-a-reeleger-donald-trump/?ref=busca>. Acesso em 01 Fev.2024.

COPLESTON, Frederick. **Uma história da filosofia, vol. 3: do iluminismo francês a Nietzsche**. Trad. Eduardo Levy, Lucas Bernardes, Pedro de Almeida, Ricardo Harada e Ronald Robson - Campinas, SP: Vide Editorial, 2022.

CNN Portugal: **Brasil vai retirar busto de padre António Vieira após lei contra defensores da escravidão**. Disponível em: <https://cnnportugal.iol.pt/padre-antonio-vieira/estatua/brasil-vai-retirar-busto-de-padre-antonio-vieira-apos-lei-contradefensores-da-escravatura/20231130/6568301bd34e65afa2f82168>. Acesso em: 01 Fev.2024.

COLLIN, Sean: **A nova religião dos antirracistas**. Disponível em: <https://revistaouest.com/revista/edicao-22/a-nova-religiao-dos-antirracistas/?logged>. Acesso em: 31 Jan.2024.

CRUZ, Paulo: **Thomas Merton, a luta antirracista e o dever cristão**. Disponível em: <https://www.gazetadopovo.com.br/vozes/paulo-cruz/thomas-merton-a-luta-antirracista-e-o-dever-cristao/?ref=busca>. Acesso em 14 Jan.2024.

DENEEN, Patrick J.; MIGUEL, Felipe (org). **As Origens Liberais da Revolução Woke**. Trad. Felipe Miguel. 1.<sup>a</sup> Ed. - Editora Descobrir, MG, 2022.

DENEEN, Patrick J.; MIGUEL, Felipe (org). **Rússia, América e o Perigo do Gnosticismo Político. O Que Eric Voegelin Pode Nos Ensinar. Sobre a Crise Internacioanl Atual**. Trad. Felipe Miguel. 1.<sup>a</sup> Ed. - Editora Descobrir, MG, 2022.

Dicionário Houaiss da língua portuguesa. 1<sup>a</sup> ed. Editora Objetiva, Rio de Janeiro/RJ, 2001.

DOOLEY, Mark; MIGUEL, Felipe (org). **A Longa Marcha de Antônio Gramsci**. Trad. Felipe Miguel. 1.<sup>a</sup> Ed. - Editora Descobrir, MG, 2022.

EBERSTADT, Mary.; MIGUEL, Felipe (org). **A Fúria dos Sem Pai**. Trad. Felipe Miguel. 1.<sup>a</sup> Ed. - Editora Descobrir, MG, 2022.

FESER, Edward; MIGUEL, Felipe (org). **Os Sucessores Políticos da Heresia Gnóstica**. Trad. Felipe Miguel. 1.<sup>a</sup> Ed. - Editora Descobrir, MG, 2022.

FERNANDES, André Gonçalves: **“O Admirável Mundo Novo do globalismo e do identitarismo”**. Disponível em: <https://www.gazetadopovo.com.br/opiniaio/artigos/admiravel-mundo-novo-globalismo-identitarismo/?ref=busca>. Acesso em: 14 Jan.2024.

FRANÇA, Jean Marcel Carvalho: **Wokismo: uma religião universitária?** Disponível em: [reservados.https://www.gazetadopovo.com.br/opiniaio/artigos/wokismo-uma-religiao-universitaria/?ref=busca](https://www.gazetadopovo.com.br/opiniaio/artigos/wokismo-uma-religiao-universitaria/?ref=busca). Acesso em 05 Fev.2024.

HUIZINGA, Todd; MIGUEL, Felipe (org). **A Governança Global Woke: A ONU, os Novos Direitos Humanos e o Dinheiro**. Trad. Felipe Miguel. 1.<sup>a</sup> Ed. - Editora Descobrir, MG, 2022, p. 131-143.

HUIZINGA, Todd; MIGUEL, Felipe (org). **Wirtschaftswunder para o Século 21: A Era do Capitalismo Plenejado**. Trad. Felipe Miguel. 1.<sup>a</sup> Ed. - Editora Descobrir, MG, 2022.

HUIZINGA, Todd; MIGUEL, Felipe (org). **Descrença: A Raiz das Tendências Totalitárias na Democracia Liberal?** Trad. Felipe Miguel. 1.<sup>a</sup> Ed. - Editora Descobrir, MG, 2022, p. 157-162.

IBGE: “**Em 2022, expectativa de vida era de 75,5**”. Disponível em: <https://agenciadenoticias.ibge.gov.br/agencia-sala-de-imprensa/2013-agencia-de-noticias/releases/38455-em-2022-expectativa-de-vida-era-de-75-5-anos>. Acesso em 01 Fev.2024.

IBGE: **Informações atualizadas sobre tecnologia da informação e comunicação**. Disponível em: <https://educa.ibge.gov.br/jovens/materias-especiais/21581-informacoes-atualizadas-sobre-tecnologias-da-informacao-e-comunicacao.html>. Acesso em 01 Fev.2024.

KUHN, Thomas S. **A estrutura das revoluções científicas**. Trad. Beatriz Vianna Boeira e Nelson Boeira. - São Paulo, Perspectiva, 2009.

LYONS, N. S.; MIGUEL, Felipe (org). **Não, a Revolução Não Terminou**. Trad. Felipe Miguel. 1.<sup>a</sup> Ed. - Editora Descobrir, MG, 2022.

LYONS, N. S.; MIGUEL, Felipe (org). **A Guerra da Realidade. Gnósticos. Simplesmente Gnósticos. Até o Fim**. Trad. Felipe Miguel. 1.<sup>a</sup> Ed. - Editora Descobrir, MG, 2022.

**Michaelis: moderno dicionário inglês-português, português-inglês**. - São Paulo: Companhia Melhoramentos, 2000.

MIGUEL, Felipe (organizador). **A revolução Woke: Origens e Consequências**. Trad. Felipe Miguel. 1.<sup>a</sup> Ed. - Editora Descobrir, MG, 2022.

MORGENSTERN, Flávio: **A linguagem ‘neutre’ não é ‘inclusive’ - e nem é uma linguagem**. Disponível em: <https://revistaoeste.com/revista/edicao-149/a-linguagem-neutre-nao-e-inclusive-e-nem-e-uma-linguagem/>. Acesso em 28 jan.2024.

O’NEILL, Brendan: **A bandeira LGBTQIA+ se tornou um símbolo woke**. Disponível em: <https://revistaoeste.com/revista/edicao-122/a-bandeira-lgbtqia-se-tornou-um-simbolo-woke/>. Acesso em 28 jan.2024.

O’NEILL, Brendan: **A guerra linguística contra as mulheres: como a palavra ‘mulher’ se tornou proibida na sociedade woke**. Disponível em: <https://revistaoeste.com/revista/edicao-118/a-guerra-linguistica-contra-as-mulheres/>. Acesso em 28 jan.2024.

OS PENSADORES: **História das grandes ideias do mundo ocidental - Manuscrito de Kant; Biblioteca Nac. Braidense**. Vol. II - São Paulo: Editora Abril Cultural, 1972.

PIKETTY, Thomas. **O capital no século XXI**. Trad. Mônica Baumgarten de Bolle. 1ª ed. – Rio de Janeiro: Intrínseca, 2014.

PONDÉ, Luiz Felipe: “**Geração Mimimi**”. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=Q8mvcEAYCHo>. Acesso em: 05 Fev.2024.

POPPER, Karl. **Conjeturas e refutações**. Trad. Benedita Bettencourt. Coimbra: Almedina, 2006.

COUTINHO, Leonardo: **QAnon e outras patologias**. Disponível em: <https://www.gazetadopovo.com.br/vozes/leonardo-coutinho/qanon-outras-patologias/?ref=busca>. Acesso em: 03 Jan.2024.

QUINE, Willard Van Orman. **Relatividade e ontológica e outros ensaios**. Os Pensadores. 1ªed. – São Paulo: A. Cultural e Industrial. 1975.

RAMASWAMY, Vivek. **Nation of Victims: Identity Politics, the Death of Merit, and the Path Back to Excellence**. Center Street. Edição do Kindle, 2023.

RAWLS, John. **Uma teoria da justiça**. Trad. Almiro Pisenta e Lenita M. R. Esteves. – São Paulo: Martins Fontes, 1997.

RENO, R. R.; MIGUEL, Felipe (org). **O Roteiro Woke**. Trad. Felipe Miguel. 1.ª Ed. - Editora Descobrir, MG, 2022.

WEST, Ed.; MIGUEL, Felipe (org). **Como o Acordo Comercial com a China Levou à Revolução Woke - Vinte anos depois, quem são os grandes vencedores da globalização?** Trad. Felipe Miguel. 1.ª Ed. - Editora Descobrir, MG, 2022.

WEST, Ed.; MIGUEL, Felipe (org). **Pode Haver Perdão Depois do Cristianismo? Como um “Dia do Amor” poderia ajudar a cultura política**. Trad. Felipe Miguel. 1.ª Ed. - Editora Descobrir, MG, 2022.

WOOD, James R.; MIGUEL, Felipe (org). **Reformando a Nossa Religião Civil Sucessora**. Trad. Felipe Miguel. 1.ª Ed. - Editora Descobrir, MG, 2022.

SCRUTON, Roger. **Como ser um conservador** (Portuguese Edition). Record. Edição do Kindle, 2015.

SHELLENBEERGER, Michael: **Mentiras monstruosas: Harvard, New York Times e associações científicas sucumbem ao identitarismo**. Disponível em: <https://www.gazetadopovo.com.br/ideias/mentiras-monstruosas-harvard-new-york-times-e-associacoes-cientificas-sucumbem-ao-identitarismo/?ref=busca>. Acesso em 07 Fev.2024.

SHELLENBERGER, Michael; MIGUEL, Felipe (org). **Por que o Fenômeno Woke É uma Religião? Apresentando a Taxonomia da Religião Woke**. Trad. Felipe Miguel. 1.ª Ed. - Editora Descobrir, MG, 2022.

SLATER, Tom: **Como o Black Lives Matter se tornou um grande negócio**. Disponível em: <https://revistaoeste.com/revista/edicao-109/como-o-black-lives-matter-se-tornou-um-grande-negocio/>. Acesso em 28 Jan.2024.

SMITH Kyle: **As “beatas” da religião woke**. Disponível em: <https://www.gazetadopovo.com.br/ideias/as-beatas-da-religiao-woke/?ref=busca>. Acesso em: 05 Fev.2024.

TIPKE, Klaus. **Moral tributária do estado e dos contribuintes**. Trad. Luiz Dória Furquim. - Porto Alegre: Sérgio Antônio Fabris Ed., 2012.

TRIGO, Luciano: **O cancelamento do Padre Antônio Vieira**. Disponível em: <https://www.gazetadopovo.com.br/vozes/luciano-trigo/o-cancelamento-do-padre-antonio-vieira/>. Acesso em: 01 Fev.2024.

TRUEMAN, Carl R.; MIGUEL, Felipe (org). **A Ascensão do “Homem Psicológico”**. Trad. Felipe Miguel. 1.ª Ed. - Editora Descobrir, MG, 2022.

TRUEMAN, Carl R.; MIGUEL, Felipe (org). **O Impacto do Homem Psicológico - E Como Responder**. Trad. Felipe Miguel. 1.ª Ed. - Editora Descobrir, MG, 2022.



# CULTURA WOKE: ORIGEM, FONTES TEÓRICO-FILOSÓFICAS E SEU VIÉS GNÓSTICO

É com a grata satisfação que apresento ao público este livro que trata de questões relacionadas às discriminações negativas sistêmicas, como o racismo, o ativismo LGBTQ+, as questões de gênero e sexo, o feminismo interseccional, ambiental e dentre outras discriminações infligidas às diversas minorias sociais, que julgo serem as pautas mais sensíveis e caras à cultura woke, nunca tão em voga na contemporaneidade.

O estímulo primeiro desse trabalho foi jogar luz, de forma despreziosa, sobre a face oculta da lua, não vista por muitos em temáticas de direitos humanos, que, sob o crivo de lentes bibliográficas discordantes da narrativa woke, nem sempre estão acessíveis ao público em geral e ao corpo discente nas academias, sejam públicas ou privadas.

En passant, abordo questões relacionadas à moral tributária vinculada ao desprestígio que os wokes dispensam ao valor mérito, oportunidade em que externo o meu tenaz repúdio à tributação progressiva e à tributação sobre a herança, ainda que reconheça a consistência lógica da tributação sobre o espólio ou mesmo sobre a doação, tão só a critico se realizada sem colocar na equação o grau de corrupção de cada governo, pois quanto maior for esta, menor e tendente à zero deverá ser aquela.

Sob um purismo justributário, pode-se objetar que não se deve “confundir alho e bugalho”, isto é, fazer a confusão entre a política pública tributária com a política pública criminal, pois são campos de ação de gestão pública que não se conectam. Todavia, ousou discordar daqueles que assim pensam, como John Rawls e Thomas Piketty, mas postulo a inserção do grau de corrupção na equação da aludida lógica tributária sobre a herança com espeque no pensamento de Vivek Ramaswamy, Ludwig von Mises e sobretudo em Klaus Tipke, notadamente em sua obra “Moral tributária do estado e dos contribuintes.”

Selecionei um considerável referencial bibliográfico para a feitura deste trabalho, todavia, tive que deixar de ler e mesmo consignar na obra inúmeras resenhas produzidas e textos próprios, pois apressei a editoração para não perder o prazo de inserção no Relatório de Atividades Docentes da Universidade Estadual de Goiás, que expira em 3 de março próximo. Assim, quando possível, numa próxima edição, desejarei trazer novas considerações e reflexões acerca da cultura woke.

Então é isto, espero que apreciem.

Fevereiro/2024.  
Cláudio Gonçalves Pacheco

RFB Editora  
CNPJ: 39.242.488/0001-07  
91985661194

[www.rfbeditora.com](http://www.rfbeditora.com)  
[adm@rfbeditora.com](mailto:adm@rfbeditora.com)

Tv. Quintino Bocaiúva, 2301, Sala 713, Batista Campos,  
Belém - PA, CEP: 66045-315

